Thalita Rebouças
FALA SÉRIO, PROFESSOR!
ROCCO
JOVENS LEITORES

Fala sério, professor!

Thalita Rebouças

Contra-Capa:

Como será que a Maria de Lourdes, ou, Malu, se relacionou com seus professores do colégio, da academia, do curso de inglês, de shiatsu, teatro, os particulares, os gatos, os durões, os que amavam ser durões, os amigos, o meio doido, o que não ria, o que não perdoava cola. Chegou a hora de revirarmos juntos o baú da trajetória da moça como aluna, narrada em crônicas pra lá de bem-humoradas que acompanham sua vida dos 3

aos 22 anos.

É ela mesma, a Malu, a filha da Angela Cristina, aquela que nos mostrou sua divertida e conflituosa relação com a figura materna em Fala sério, mãe! Mas a mãe não foi a única responsável pela tarefa de educá-la. E nem a única com quem ela teve conflitos enquanto crescia.

Com alegria e bom humor, marcas registradas da autora, o livro promete boas gargalhadas e momentos da mais pura diversão.

- Tudo por um pop star, Tudo por um namorado e Fala sério, mãe!, os outros livros de Thalita Rebouças, continuam fazendo muito sucesso.

- A autora é adorada por seu público e mantém um site (www.thalita.com) para se comunicar diretamente com todos que a procuram.

- Faz questão de passar a mensagem “ler é bacana”.

- Escreve de um jeito bem peculiar e sobre temas atuais que costumam prender bastante a atenção principalmente das meninas.

22 ANOS

A minha mãe falava sério!

- Isso aqui é um chiqueiro! Não acredito que você trocou nossa casa superacolhedora, limpíssima e sempre arrumadíssima, por essa pocilga? Fala sério, Maria de Lourdes! - exasperou-se minha mãe, mãos na cintura, a última vez que veio me visitar. Eu nunca encontro palavras para dizer nessas horas. Durante seus ataques, prefiro me recolher ao mais puro silêncio de consentimento.

Estou há 7 meses dividindo com a Helô e a Bené um ridiculamente pequeno apartamento. Bem disse minha mãe, nada cabe no apartamento. Nada mesmo! Sinceramente, eu e as meninas mal cabemos no "apertamento", como chamamos carinhosamente nosso microlar.

Para piorar, a Helô é superbagunceira, eu sou megabagunceira e a Bené é hiperbagunceira. Bené, aliás, tem um outro probleminha que é bem chatinho: vive com o namorado antipático para cima e para baixo. Outro dia o sem graça me viu de calcinha e sutiã antes de uma festa. Quer mico maior que esse? Morri de vergonha. Ele morreu de rir.

Palhaço!

Morar longe não tem sido exatamente o paraíso que eu imaginava, mas dias melhores virão. Serei afetivada no meu estágio (oba!), vou ganhar um salário decente e acho que logo, logo estarei pronta para alugar meu próprio cantinho. Decidi: amo as meninas, mas quero, preciso morar sozinha. Pelo bem da nossa amizade. Para dar uma idéia do caos que é a nossa convivência, outro dia cheguei em casa e vi repousando no chão da microssala, repetindo, no chão da microssala, vários, de novo, vários objetos. Foi difícil desviar deles. Primeiro, passei raspando por um CD do Nando Reis, depois, quase pisei na caixa do CD do Nando com um disco de funk dentro, na caixa do DVD de *Sex and the City*, numa lixa de unha, num papel de bala, num ventiladorzinho portátil, num tênis amarelo imundo, num pedaço de papel com um número de telefone anotado e em entupidos sacos de roupas sujas.

- A gente precisa comprar uma máquina de lavar roupa para essa casa! Ou tomar vergonha na cara e lavar a roupa! A gente não pode achar normal esses sacos estarem no meio da sala há uma semana! - reclamei, antes de dizer boa-noite para as minhas amigas.

- Não cabe máquina de lavar aqui no apartamento - disseram-me as duas calmamente.

A casa estava um horror.

Nós três somos terríveis juntas.

A Helô, então, é sem noção. É capaz de deixar durante dias uma maçã comida sobre a pia da cozinha.

Isso porque a lixeira fica **ao lado** da torneira. Andando irritada, pisei forte e ouvi um nítido crocante "crééééc".

- Quanto farelo, gente! Quem foi que comeu biscoito sem pratinho embaixo? Cadê o aspiradorzinho que a minha mãe deu pra gente?

As duas começaram a rir.

Permaneci séria, eu estava muito brava, muito brava.

- Malu! Desestressa! - disse Helô.

- Comemos sem pratinho, sim, depois a gente limpa - completou Bené.

- Depois quando?

- Depois...

- Que biscoito foi? De polvilho? - eu quis saber.

- Arrã - fizeram as duas, sapecas.

- Tem ainda? - rendi-me à gula e à bagunça.

Comi o último do pacote e acabei rindo com elas. Eu até gosto de bagunça. Sempre gostei.

Mas o apê estava tão bagunçado que tinha ultrapassado até o meu nível permitido de bagunça.

- Pô, gente, assim não dá! A gente precisa tomar vergonha na cara! Nossa casa está uma zona!

- Ih, Malu, você está parecendo o Francisco, aquele professor de português da quinta série que tinha mania de arrumação, lembra?

- perguntou Bené.

- Ô, se lembro...

- Ele não deixava a gente assistir à aula com muita coisa em cima da mesa, só lápis e borracha - disse Helô.

- E não suportava mochila aberta esparramada no chão, tinha que estar atrás da cadeira, fechada, vocês se lembram disso? - comentou Bené.

- E a Mitzi? Que não dizia lé com cré? - lembrou Helô.

- Figura...

- Falando em professor, e o José Carlos? Lembra como você era completamente apaixonada por ele, Malu? - brincou Bené.

- Que José Carlos? O ogro? - quis saber Helô.

- Não, o ogro era o André Maurício, de história...

- Eu tive tantos professores legais... Figuraças, fofos, apaixonantes. Inesquecíveis. Eu me lembro do Anízio, do Gordo, da Gladys, do Janir, da Angélica, da Valéria, da Fátima... Histórias com professores... Minha memória está cheia delas.

3 anos

Primeiro dia de aula

Ângela Cristina, minha dileta mãe, me levou para a escola pela primeira vez numa manhã calorenta de fevereiro. Fez mariaschiquinhas esticadíssimas e puxadíssimas, o que me deixou parecendo uma japa com cara de muffin (nessa época eu tinha o rosto redondinho, era meio bolotinha. Meio bolotinha, uma ova!

Uma balofinha, mesmo. E sem esse diminutivo mentiroso). Achei lindo aquele colégio enorrrrme, arborizado, com rampas, escadas, corrimões imponentes, piso brilhante. Senti uma estranha, mas muito bem-vinda vontade de fazer parte daquele universo. Subimos muito. Rampa e mais rampa, escada e mais escada. Lembro que tive a sensação de que ia estudar perto do céu. Enquanto eu, num misto de curiosa e admirada, queria olhar atentamente tudo à volta, a minha mãe tagarelava sem parar, insistindo a cada três segundos, com lábios tremelicantes e voz embargada, que eu ia gostar do colégio, que eu ia conhecer pessoas, fazer novos amiguinhos...

Chegamos ao simpático Jardim-de-Infância.

E minha mãe não conseguia parar de me beijar. Ela me deu, por baixo, uns 579 beijos. E abraços. Demorados. A mulher não queria me largar de jeito nenhum. E chorou! A minha mãe chorou no colégio! E mal sabia eu que aquela era só primeira de muitas outras vezes. Quer mico maior do que mãe chorar no colégio?

Fala sério! Mesmo com três anos de idade, tive certeza de que isso era o maior mico dos micos.

Enquanto ela me abraçava dramaticamente, eu só pensava em ir para perto da turma e da tia Angélica, uma cândida professora de sorriso largo e sincero. Obviamente, em vez disso, minha mãe só

conseguia vê-la como a personificação da bruxa má da Branca de Neve. Aos prantos, ela tentava ao máximo adiar o momento que me deixaria, enfim, assistir à minha primeira aula em paz. E eu sufocada em tanta despedida, aquelas marias-chiquinhas me repuxando a cara inteira, um calor danado, um desconforto mala... Eis que surge, para me salvar do aperto materno, Alice.

-Oi. Larga ela, tia. Larga! – disse, enérgica. – Deixa ela vir *bincar* com

a gente – pediu, já me segurando pelo braço e me puxando, decidida a me levar para perto da turma. – Eu me chamo Alice, e você?

- Maria de Lourdes – a minha mãe respondeu por mim, o que me deixou bem enfezada.

- Posso te chamar de Malu? – perguntou Alice, fofa, fofa, fofa.

- Não! É Maria de Lourdes o nome dela! – estrilou minha mãe.

- Pode, eu gosto de Malu – sorri ao respondê-la.

De cara fui com a cara da Alice. Que menina gente boa! Não perdi tempo:

- Quer ser minha melhor amiga?

Ela topou. Só não sabia que seríamos para a vida toda. Eu simplesmente não imagino minha vida sem a Alice. A gente briga e faz as pazes, briga e faz as pazes, é assim desde que a gente era criança. E continua assim. Eu amo a Alice!

Parti com ela de mãos dadas rumo à roda em que tia Angélica brincava com as outras crianças. Definitivamente, Alice era minha nova amigona (eu odiava essa coisa, que meus pais falavam, de fazer novos amiguinhos. Eu não achava amiguinho nada legal. Legal era amigão).

- Espera, garota! – minha mãe gritou para a Alice. – Cadê a educação? Seus pais não te ensinaram a... Garota! Garota! Não me vire as costas enquanto eu estiver falando! Maria de Lourdes, volte aqui!

Eu já estava longe da minha mãe. E bem perto da tia Angélica. E

do meu novo mundo.

A minha mãe, em vez de ficar feliz por me ver inserida ao grupo, armou uma tromba. Ela nunca confessou, mas acho que morreu de ciúmes da tia Angélica e também da Alice.

Tenho certeza de que foi naquela manhã que mamãe ficou com implicância eterna com a Alice. É, a minha mãe implica com a Alice desde que a Alice tem três anos de idade.

É, a minha mãe é doida.

- Essa menina é muito atiradinha. E não respeita os mais velhos!

Onde já se viu arrancar você dos meus braços? – chiou por anos a fio.

No pátio do Jardim I, a brincadeira estava ótima, o sol estava quente, a manhã com aquela professorinha prometia ser simplesmente sensacional. Aquilo ia ser muito melhor do que ficar em casa o dia inteiro!

Foi lindo. Sintonia espetacular entre todos.

Tia Angélica, longos cabelos lisos e marrons e voz de Marisa Monte quando dá entrevista, me encantou logo de cara. Paciente, ela fazia de suas longas pernas escorrega para toda a turma. E

ensinava a dar forma à massinha, a cantar músicas, a brincar de roda...

No primeiro dia de aula, lembro-me de ter paparicado à beca a tia Angélica. E o bacana foi que ela me paparicou de volta. Rolou uma coisa bem legal entre a gente. Ela era uma professora fofa. E

eu, modéstia à parte, era uma criança fofésima. Foferésima. Enquanto eu brincava com ela e com a turma, notei, com o canto do olho, que minha mãe estava me olhando de longe, tentando se esconder, não conseguindo evitar as lágrimas. E por mais à

vontade que eu estivesse no meu novo meio, senti um bem-estar profundo por tê-la ali por perto.

Até hoje ela pensa que eu não a vi.

4 anos

NA PONTA DOS PÉS

- Cinco, seis, cinco, seis, sete e oitro: pilier, estica, pilier, estica. Em dehors, Maria de Lourdes!

- “Ã”, o quê?

- Em dehors, assim, ó, com os pés pra fora!

- Assim?

- Assim não, queridinha, assim está pavoroso, parece um pingüim

desequilibrado.

Fechei a cara.

Professora mais grossa! E feia, e empinada, e magrela!

- Eu não sou um pingüim! – rebati, mãos na cintura. Minha ira fora completamente ignorada.

- Alongando, meninas, alongando, crescendo... Maria de Lourdes!

Você pode fazer melhor que isso, Maria de Lourdes! Não é

possível que você não consiga encostar a mão nos pés, Maria de Lourdes!

Eu bufava. Minha mãe toda feliz olhando a aula pela janelinha da sala, eu passando pelos piores 60 minutos de toda a minha existência até então.

- Postura, meninas, postura! Quero ver todas esticadinhas, querendo tocar o céu! Isso, Michele! Assim, mesmo, Gabriela!

Lindo, Julia! Divino, Juliana! Um terror, Maria de Lourdes!

Assim você parece um orangotango de cócoras.

Se eu fosse uma menina letrada em palavrões na época, eu diria pelo menos uns 25 para aquela professora ditadora. Orangotango!

Orangotango é a sua mãe!, pensei, muito emburrada.

- Cadê o sorriso? Bailarina sorri sempre, sorriso, meninas, sorrisão! Sorriso e postura, postura e sorriso! Sorria Maria de Lourdes! Quero ver dentes, muitos dentes! – ordenou, com um sorriso plastificado no rosto.

Sorrir era tudo o que eu não queria fazer naquela hora. Então, sorri amarelo. Pau da vida, a única coisa que eu desejava fazer com meus dentes era morder a jugular daquela professora metidinha.

- Esse sorriso não é um sorriso com vontade, cadê seu sorriso de verdade, seu sorriso de menina fofa? Cadê? Cadê, sua linducha da tia? – ela perguntou, com a voz infantilizada. E eu sempre odiei adultos que falam com criança fazendo voz de criança. Argh!!

- Não sou linducha da tia. Nem fofa – disse, brava, tentando fazer

vozeirão.

- Ah, é fofa sim, senhor. Fofa mesmo, porque está bem acima, beeem acima do peso de uma bailarina. Preciso falar com a sua mãe sobre isso ao fim da aula.

- A minha sapatilha está me machucando.

- Que ótimo! – vibrou, batendo palmas. – assim você passa a conviver com a dor desde pequena, como toda a bailarina. Dor? Ta maluca, sua varapau?, eu pensei, indgnadíssima, na ponta dos pés, do alto de meus quatro anos.

- Eu odeio sentir dor – reclamei.

- Então vai odiar balé. Balé é dor, é rotina, é dureza, é massacre, é

dieta, é exaustão.

- Eu odeio balé.

Quis dizer em seguida "E odeio você", mas não achei muito educado, e sempre tentei ser educadinha (pelo menos fora de casa). Sem contar que mataria minha mãe de vergonha, ela daria um escândalo. Melhor ficar quieta.

Na saída da academia, com ódio absoluto de sapatilhas, coques e afins, encantei-me com a aula de judô da sala ao lado. E virei uma judoca muito fofa. Tããão linda de quimono!

5 ANOS

Cuidando da professora

A tia Teresa estava visivelmente triste naquele dia. Ela, que era toda alegre, sorridente e engraçada, em vez de seu habitual "ótimo diaaa!", que usava para saudar a turma quando chegava à sala de aula, disse apenas: "Oi, gente.". Definitivamente, tinha algo estranho no ar.

Eu gostava tanto da tia Teresa, mas tanto, tanto, que a nuvenzinha preta na cabeça dela me incomodou sinceramente. Preocupação e tristeza não combinaram nada com ela. A minha professora vivia rindo, fazendo a gente rir, cantando, dando carinho para a agente... Fiquei bem triste. E descobri naquele dia que dava para ficar triste

com a tristeza dae gente que nem da minha família é. E, mesmo sem saber o motivo da tristeza da tia Teresa, achei por bem ficar perto dela.

Durante uma semana, não brinquei com as minhas amigas na hora do recreio, não fiquei de conversa furada com nenhum colega, nem lanche. Dediquei todo o meu tempo à tia Teresa. Fiz cafuné, sentei no colo dela, beijei sua mão, sua bochecha... A minha atenção estava inteiramente voltada para aquela professorinha com eterna cara de choro.

Uma semana se passou e eu não me cansava de paparicá-la. Um dia, ela me perguntou:

- O que está havendo com você que não sai mais de perto de mim, Malu?

- Estou cuidando de você. E vou cuidar até que você fique boa. Ela reagiu surpresa.

- Cuidando de mim? Eu não estou doente.

- Mas está triste.

- Não estou, não, querida. É impressão sua..

- Ô, tia, ta achando que eu não te conheço, é?

Ela deu um sorriso emocionado, fez um afago na minha cabeça e olhou para baixo, para tentar esconder o choro.

- Quer deitar a cabeça no meu colo? – perguntei.

Ela apenas fez que sim com a cabeça e logo deitou sua cabeça sobre as minhas coxas. Fiquei um tempão mexendo no seu cabelo. Após longo silencio, ela disse:

- É coisa do coração, Malu.

- Doença do coração?

- Não. Doença de a...

- Amor. Entendi. Machucaram seu coração, eu sei o que é isso, tia. Dói mesmo – eu disse, seria. E suuuperprecoce, vamos combinar.

Ela me olhou estática, muuuito espantada, olhos arregalados. Refeita,

disse:

- Não sei se você tão novinha realmente entende o que uma paixão pode fazer com a gente. Mas um dia você vai entender.

- Ta. Enquanto isso não acontece, eu tento deixar você menos triste.

Ao ouvir isso , tia Teresa me deu um abraço que valeu por mil palavras.

Hoje toda vez que esbarro com ela aqui pelo bairro, ela faz questão de me contar essa historia em detalhes. E fica superemocionada sempre.

6 ANOS

Papai Noel

- Existe, sim!

- Não existe!

- Existe!

- Acorda, Alice!

- Eu não tenho tanta certeza assim, Malu.

- Pensa, pensa bem, Alice! Não tem como um velhinho com mais de 100 anos, gordo daquele jeito, entregar presentes para todas as crianças de todas as cidades do mundo todo! Em uma noite –

exasperei-me.

Esse inflamado dialogo aconteceu no corredor da escola, enquanto esperávamos tia Genoveva chegar para a aula. Eu estava realmente indignada com a revelação de que Papai Noel não existia. No ultimo ano, pegara meus pais botando meus presentes no pé da arvore depois que fingi que tinha ido dormir. Foi a primeira grande decepção da minha vida. E já que a Alice tinha puxado assunto, achei bom dividir com ela a minha angustia.

- É... talvez você esteja certa...

- Talvez, não! Estou certíssima: papai Noel não existe!

- E aquele velhinho que foi na minha casa ano passado?

- Provavelmente não era nem velhinho. Era algum amigo bem novinho de seus pais vestido de Papai Noel.

- Será? – Alice estava pensativa, mas quase dando o braço a torcer. – Bem que eu nunca engoli essa história de renas voadoras que puxam trenó no céu. Rena não tem asa, e se não tem asa, não voa! – deduziu Alice.

- Claro que não! Os adultos pensam que só porque somos crianças nós somos burras.

- Adultos são ridículos.

- Ridículos.

- Ridículo é usar aquela roupa de veludo no verão – empolgou-se Alice para derrubar o mito do Papai Noel. – Um cara que não sabe nem se vestir vai saber escolher presente? Ou entregar o presente certo? Como é que ele não confundia com os presentes?

Por que a gente confiava tanto nesse cara?

- Eu sempre achei o Papai Noel um mal-educado. Poxa, só ia à

nossa cara uma vez por ano e nem falava com a gente!

- Pois é!

- Caramba... Papai Noel não existe – suspirou Alice.

- Claaaro que não!

- Existe, sim! Malu, deixe a Alice em paz! Papai Noel existe para aqueles que acreditam! – disse a tia Genoveva, que chegou correndo, um tanto esbaforida.

Tia Genoveva adorava se meter nas conversas dos alunos. Ela era fofa, mas era enxeriiida... Tinha voz mansa, longos cabelos louros e lisos, e usava um par de óculos que escondia seus olhos azuis, e apesar do nome, não tinha 80 anos. Devia ter uns 30, no máximo.

- Que é isso, tia Genoveva! Papai Noel não existe nem aqui nem na China!

- Claro que ele não existe na China, Malu. A casa dele é no Pólo Norte!

- Tia, na boa, você deve estar com problemas. Eu agora tenho certeza: o velhinho nunca existiu... – disse Alice.

- Se vocês pensam assim... Eu acredito – ela encerrou o assunto, séria e decidida. – agora vamos entrar? Vou começar a aula.

Dito isso, virou-se e entrou na sala.

Alice cochichou ao meu ouvido:

- Tadinha! Já cresceu, mas continua com cabeça de criança!

- Talvez seja melhor eu conversar com ela, né? Será que ela sabe que a história da fada que guarda nossos dentes também é

mentira?

- O quê?! A fada dos dentes também não existe? – Alice arregalou os olhos, chocada.

- Claro que não! Ô, Alice, você também acredita em tudo, hein?

7 ANOS

Por quê?

- Por que toda vez que a gente corre no corredor você chama a atenção da gente, tia Jassira?

- Porque não pode correr na escola, Malu.

- Por quê?

- Porque não. São as regras da escola.

- Então por que vocês não mudam o nome do corredor?

- Como assim?

- Ué, se a gente não corre, a gente anda. E se a gente anda, não devia se chamar corredor, devia ser andador.

- Andador é outra coisa, querida.

- Eu vou chamar o corredor de andador agora.

- Não pode.

- Por que?

- Porque não é o nome certo.

- Por quê? Quem inventou a palavra corredor?

- Não sei, Maria de Lourdes.

- Professora, por que o Pateta fala e o pluto não fala? Os dois não são cachorros?

- Eu não sei porque um fala e o outro não...

- O Botafogo se chama Botafogo e fica em Botafogo... Mas por que o Flamengo se chama Flamengo e fica na Lagoa?

- Não tenho idéia, Maria de Lourdes! Eu sou Vasco!

- Coitada! Por quê?

- Porque meu pai é vascaíno.

- Coitado! Vem cá, tia, por que você me chama de Maria de Lourdes? Eu não gosto de Maria de Lourdes. Acho um nome muito grande, e eu sou pequena. Prefiro Malu.

- A sua mãe não gosta de Malu. Ela me pediu através de cartas, telefonemas e depois pessoalmente para eu te chamar somente de Maria de Lourdes.

Cartas? Telefonemas? No plural?

Puuutz!

Pobre tia Jassira...

- E por que você obedeceu à minha mãe?

- Porque ela é sua mãe.

- E a minha vontade? Não conta?

- Conta, mas...

- Por que os adultos são chatos com as crianças?

- Porque... porque crianças às vezes são chatas com adultos.

- Chatas como? Chatas do tipo insistente, chatas que não param de falar, chatas que falam muito devagar, chatas tipo agitadas, chatas que fazem perguntas ou chatas do tipo chatas, mesmo?

- Chatas chatas; chatas em geral, Maria de Lourdes!

- Eu sou chata?

- Não, Maria de Lourdes!

- Você gosta de mim?

- Gosto – disse, emburrada.

- Mesmo eu sendo chata?

- Mesmo.

- Olha aí, me chamou de chata!

- Deus meu, menina, você não quer aproveitar o fim do recreio com as suas amiguinhas?

- Por que adultos perdem a paciência quando a gente faz pergunta?

- Nós não perdemos a paciência, que idéia! – disse, totalmente impaciente.

- Por que a gente faz xixi?

- Você vai aprender isso daqui a alguns anos.

- Se uma pessoa morrer fazendo xixi o xixi pára de sair na hora?

Congela?

- Sei lá, Maria de Lourdes! Acho que não!

- Caramba, tia! Você também não sabe nada, hein?

8 anos

Lágrimas de professora

- Que lindo, Malu! É o rosto de uma mulher?

- Mulher?! Como assim, tia Mitzi! - enfezei-me seriamente. - é

uma batalha sanguinolenta em que camelos, ovelhas, cavalos e uma cidade inteira estão correndo atrás desse bandido aqui, montando neste unicórnio com orelha de cachorro.

Minuto de silêncio.

- Cavalos, camelos e ovelhas? Claaaaro! Achei que era o cabelo de uma mulher, veja você, Malu. Estou mesmo precisando de óculos.

Saiu-se bem a tia Mitzi, professora de artes plásticas da segunda série. Ela ainda nao aprendera que jamais deveria tentar decifrar um desenho de criança. Principalmente se a criança fosse eu. Sempre fui uma negação quando o assunto era desenhar. Nem boneco de palitinho eu fazia direito.

A Mitzi era uma senhora baixinha, gordinha, séria, falava sussurrando, tinha os cabelos curtos e brancos, devia ter uns 70 e poucos anos e achava que nós tínhamos a mesma idade dela.

- Quero tomar chá com vocês - inventou ns primeira aula. Em pouco tempo passamos a tomar um golinho de chá de camomila antes de cada aula. Ela dizia que era pra acalmar, nodds turma era muito agitada.

Tia Mitzi era uma figura interessante, intrigante.Não raro ela puxava assuntos que não tinham nada a ver com o universo infantil.

- Que maravilha essa nova operação de catarata, hein, gente? O

marido de uma amiga minha operou outro dia e já está bonzinho!

O que é a tecnologia...

Claro que depois disso corri para o dicionário e entendi que catarata era mais do que sinônimo de queda-d'água. Muitas vezes eu me senti a menina mais burra do mundo durante as aulas.

- Hoje vamos estudar surrealismo. Alguém aqui saberia explicar o método "crítico-paranóico" desenvolvido por Dali?

- Dali de onde? - perguntei.

- Salvador Dalí, Malu, o grande artista catalão Salvador Dalí - achou que esclareceu.

Vê se alguma criança saberia explicar o método crítico-paranóico de Dali?!

E catelão? O que é catelão?, eu berrava por dentro.

- Xih, acho que vocês não sabem de nada de surrealismo... Então vou falar um pouco do movimento para depois falar de Dali. E ela desandou a falar. Como ela falava! E se empolgava, e usava palavras difícies que a gente não entendia, e não conseguia manter nosso interesse na aula por muito tempo. Uns dias, ela desandava a reclamar da vida, dos políticos, da situação econômica do país, do preço do abacaxi. Aí é que não dava messssmo para prestar atenção.

- Que foi que aconteceu com os preços, gente? Que é que é isso?

Comer peixe está cada vez mais difícil nesse país! Eu gosto tanto de peixe... Peixe tem muito cálcio, sabiam? Peixe faz bem para a saúde. Eu sou de peixes. Meu marido também é de peixes. Meu marido adora peixe. Ele vai ficar injuriado se souber que eu paguei o preço que peguei pelo peixe na feira. Porque meu marido é pão-duro, sabe? Unha-de-vaca mesmo! Já falei do meu marido para vocês, né? Ocimar. Ah, o Ocimar...

Sei que a intenção era a melhor: ela queria ficar amiga da gente, queria falar a nossa língua, se esforçar para a gente se interessar na aula... mas a história do marido, e tantas outras, nos deixava entediados.

Uma pena, porque todos achavam tia Mitzi uma velhinha fofa. E

um pouco doidinha. A gente gostava dela, mas não gostava da aula dela, uma das piores situações pelas quais um aluno pode passar.

Como ela tinha um jeito manso, e não tinha lá muita moral com a turma, a maioria dos alunos achava que ela nunca ia brigar ou chamar a atenção. Então jogavam batalha naval, atiravam bolinhas de papel nos alunos mais calados, trocava bilhetinhos, ou seja, faziam bagunça por fazer bagunça. Nessas horas, a galera entrava em outro mundo, um mundo de gargalhadas e diversão em que a tia Mitzi simplesmente não existia.

Um dia, quase no fim do ano letivo, a baderna, como sempre, já

estaca estabelecida, mas um grupo grande de alunos foi além da baderna e passou de todos os limites: eles simplesmente viraram as costas para a professora e botaram música de trilha sonora para o bate-papo. Música. Empolgados, engatara, numa conversa animadíssima, falaram alto, as gargalhadas ficaram mais freqüentes e até passinho de dança teve. Depois deles dançarem em cima da mesa. Com direito a palminhas exaltadas e u-hus. Nem se tocaram que a tia Mitzi os observava com desgosto e em silêncio.

A tia Mitzi sempre via nossas bagunças. Mas a galera tentava disfarçar, tentava ser discreta. Nesse dia, esse grupo, de umas oito pessoas, pegou pesado. Eles certamente iam levar a primeira grande bronca da ria Mitzi. Tinha gente apostando que ela daria suspensão aos arruaceiros e que confiscaria o iPod e as caixinhas de som por tempo indeterminado.

Mas em vez de zangada, como achamos que ficaria, ela ficou triste.

- Não acredito nisso! O que é que vocês estão fazendo? –

perguntou, com a decepção estampada no rosto e a voz embargada. – Vocês não estão numa festa, não! Isso aqui é uma sala de aula! Que falta de respeito é essa? Vocês ficam em pé nas mesas das suas casas?

A turma ficou em silêncio.

Só naquela hora me toquei que o que a galera fez foi uma tremenda falta de respeito. Injusta falta de respeito. Abominável falta de respeito. Ela, definitivamente, não merecia aquilo.

- Não é porque eu sou boazinha que vocês podem me tratar assim. Vocês querem que eu seja uma professora carrasca? Porque eu posso ser. Se eu fosse uma carrasca duvido que vocês virariam as costas para mim e agiriam dessa maneira – ela desabafou, com os olhos cheio d’água.

Fiquei com pena. Nunca tinha visto uma professora chorar. Eu nem achava que professores choravam.

O pior de tudo é que ela estava chorando por nossa causa! Agente fez a tia Mitzi chorar! Que péssimo!

Eu me senti uma pessoa horrível, pequena, sem coração. Não estava no grupo dos 8, mas estava conversando animadamente com as

minhas amigas quando ela estorou de tristeza. Para tensão imediata de toda a turma, que parecia ter prendido a respiração, enquanto ela chorava botou a mão do peito, como que para segurar uma dor que teimava em incomodá-la. Foi muito ruim ver aquilo, achei que ela ia ter um treco e eu não saberia fazer nada para ajudar.

Com a testa franzida e a aparência assustada, nossa professora de artes apoiou-se na mesa, como se tivesse perdido o equilíbrio por alguns instantes, e sentou-se, agora massageando o peito. Parecia respirar com dificuladade, mas fez questão de encher o pulmão para continuar se desabafo.

- Vocês não podem fazer isso comigo! É muito feio!

- Desculpe, professora – pediu Roger, um dos dançarinos da mesa.

- Não é questão de desculpar ou não, Roger. É questão de falta de respeito! O que vocês fizeram foi pior do que a pior falta de educação! Vocês têm que aprender a ter o mínimo de respeito pelos professores. Eu ganho pouco, tenho uma mãe doente para sustentar, dou aula em vários colégios, chego tarde em casa, acordo às cinco da manhã e pego três ônibus para chegar aqui. Mesmo assim eu me esforço para dar aula sorrindo. E o que eu ganho em troca? Desprezo, conversa, dispersão. Eu trabalho porque amo essa profissão! Sempre foi o meu sonho ensinar. Mas olha o que vocês fazem. Assim eu não vou agüentar... Eu estou ficando cansada, turma... Eu já tenho idade...

Diante dos alunos chocados, tia Mitzi ficou um tempo chorando, soluçando. Triste, triste. Chorava com vontade, parecia uma menina de oito anos. E foi naquele dia que percebemos que ela era gente. Gente como a gente. Não uma velhinha doida, mas uma velhinha com sentimentos, igualzinho a todo mundo ali. Estávamos esperando o pior, uma cara de repreensão para a casa de quem estava conversando e suspensão para o grupo dos 8. Mas não. De repente ela se levantou e foi embora. Ainda chorando. Nem recolheu os desenhos, nem passou dever de casa, nem se despediu... nada. Pegou suas coisas e partiu.

E a agente continuou imóvel, num silêncio desconfortável. Uns chocados, outros pensando, muitos se entreolhando. Envergonhados. Assustados. Culpados. Ela não merecia, agente tinha certeza disso. Ela era legal, poxa! Muuuito legal! E não podia achar que a gente não gostava dela! Éramos apenas um bando de crianças muitíssimo mal-educadas, sem nenhuma noção de respeito, sem nenhuma noção de nada.

Na aula seguinte desenhamos buquês e vasos de flores para a nossa professora fofa. Pedimos desculpas do fundo do coração, um a um. Com direito a beijo carinhoso e abraço apertado, como deve ser todo pedido de desculpa que se preza. E prometemos que nunca mais faríamos zona na aula dela.

Emocionada, a tia Mitzi nos desculpo e aproveitou para fazer da situação o gancho para um exercício: pediu que desenhássemos o perdão. O perdão!

Não saberia desenhar o perdão hoje, imagine quando eu tinha oito anos!

Fiz o que pude.

- Um furacão, Maria de Lourdes! Que visão interessante do perdão... – ela disse, redondamente enganada, enquanto alisava meu trabalho.

- Não é um furacão, é uma flor carnívora gigante comendo a batata da perda da dona, que é essa senhorinha no canto da página.

- Ah, ta... – tenho disfarçar a surpresa

- E a senhorinha é você – eu disse.

- Eu sou essa senhorinha? To boba.

- Vou explicar: a planta é a gente querendo comer sua paciência, e você é você, lutando com a planta.

- É?! E por que eu estou lutando com ela?

- Porque você ama ser professora e se for engolida por uma coisa vai ter que deixar de dar aula... E eu não quero que você pare de dar aula... Agente pode até ser uma turma agitada, como você

fala, mas ninguém aqui quer tirar de você a sua profissão, que é o que você mais ama na vida.

Surpresa, ela olhou para mim e sorriu. E chorou logo em seguida.

- Ô, Malu... foi o desenho mais lindo que uma aluna já fez pra mim! – ela disse, soluçando, antes de me esmagar num abraço que me deixou espantada ao receber.

No dia, claro, não entndi nada. Mesmo porque meu desenho estava pavoroso. Hoje, eu fico imensamente feliz e orgulhosa quando lembro

que, do alto dos meus oito anos, fiz uma professora chorar. Mas não de tristeza como na aula anterior. De alegria.

Briga de menina

Era um daqueles dias em que eu estava revoltada. A minha professora suspeitou que eu estava com miopia, fui ao médico e, sim, eu estava realmente com miopia. E até os óculos ficarem prontos, para enxergar o quadro, eu teria de sentar na primeira fila da sala, primeira fila! Tem coisa pior para uma aluna conversadeira do que sentar na primeira fila, na cara do professor?

Não bastasse isso e mais o fato de que dentro de pouco tempo eu seria uma quatro-olhos, de manhã briguei com a minha mãe por conta da armação medonha de tartaruga que ela me obrigou a comprar na ótica. Fui para a escola acompanhada pela irritação doméstico-ocular, o que talvez tenha ajudado a gerar a briga que narrarei a seguir.

Na volta do recreio, a maioria dos alunos já acomodados na classe, eu estava esperando a Alice beber água para entrar quando ouvi:

- A Alice está gostando do André Dornelles! Larariiiira!

Era Jana Amaral. Chata. Feia. Pescoçuda.

- Não estou! – rebateu Alice, deixando a água cair pelo canto da boca.

- Não está! – parti em defesa de minha melhor amiga.

- Então por que ligou para ele para perguntar se ele vinha na festa do colégio?

- Liguei!

- Não ligou! – disse eu, brava.

- Liguei, sim!

- Ligou, sim! – finalmente entendi que ela havia ligado.

- Era pra saber se a mãe dele podia me dar carona para a festa, porque meus pais vão viajar no fim de semana.

- Hum... queria caroninha do Andrezinho é? Que romântico... –

entrou na conversa Clara Venceslau, melhor amiga número 2 de Jana Amaral. Stephanie, a número 1, estava no banheiro.

- Nada romântico. Vai ser **prático** se eles puderem me dar carona, a gente mora perto um do outro.

- Pois ele não estava achando nada prático. A Medeiros disse que eles disse que você está dando muito mole para ele – acusou Clara, visivelmente feliz por estar passando adiante a maior fofoca do mundo.

Alice ficou furiosa com a acusação.

- Ai, que mentira! Que nada a ver! Que sem noção a Medeiros! –

reagi.

- Suuuper sem noção! Se tem alguém aqui que gosta do André

Dornelle esse alguém não sou eu!

- É? Quem é, Alice? – parti para futrica.

- A Jana! Todo mundo sabe que você é apaixonada pelo André

Dornelles, Jana!

- Ai, garota, não sou mesmo! Não messssmo, ta?

- Quem te disse isso, Alice? – fiquei curiosa.

- O André Dornelles me disse isso!

- Nããão! – exclamaram Jana e Clara.

- O André Dornelles em carne e osso? Caraca... – fiz pressão.

- Ele sabe, inclusive que foi você, Jana Amaral, que escreveu I love you com batom atrás da cadeira dele! – humilhou Alice.

- Mas eu não assinei! Como ele sabe que fui eu? – revoltou-se Jana. – O pior é que eu não gosto de André Dornelles, estava só

zoando!

- Se você fosse esperta teria assinado “Stephanie”. É a Stephanie que é a fim dele! – disse Clara, sem notas que Stephanie tinha acabado de

voltar do banheiro e estava exatamente atrás dela.

- Eu não sou afim do André Dornelles! Quem disse que eu sou a fim do André Dornelles? – defendeu-se ela, chocada com a amiga.

- Eu bem que desconfiei que você gostava do André Dornelles... –

eu manifestei minha opinião.

- Você ama o André Dornelles, Stephanie! – gritaram Jana e Clara.

- Não amo! Vocês não podem achar que eu gosto do bobo do André Dornelles! É a Alice que gosta dele!

- Não gosto!

- Gosta!

- Não gosto!

- Mas quer beijar a boca dele!

- Eca! Não quero!

- Quer sim!

- Não quero!

Os ânimos se exaltaram, acusações dolorosas foram feitas de dedo em riste e voz no volume máximo:

- Se você não gosta dele, Stephanie, por que fez o dever de casa para ele ontem no recreio? – alfinetei, para tentar dar outro rumo àquela discussão.

- Que mentira! Que garota mentirosa! Não suporto mentira!

Nunca fiz o dever para ele!

- Fez sim! – gritou Alice

- Não fiz!

- Fez! – gritamos eu e Alice.

- Não fiz!

- Querem saber? Vocês **todas** estão apaixonadas pelo André

Dornelles. E o André Dornelles me disse que acha um saco vocês três correndo atrás dele o tempo todo – espetou Alice.

- Não estamos apaixonadas! – reclamaram elas.

- Estão! – contestamos eu e Alice

- Não estamos! – gritaram elas.

E nessa discussão acalorada, gritada e movimentada, não vi como começou, mas ao olhar para o lado constatei que Jana Amaral puxava com vontade o rabo-de-cavalo de Alice.

- Agüenta firme, migaaa! – disse, partindo para cima de Jana para separá-las quando fui agarrada covardemente, pelas costas, puxada pela camisa por Stephanie, que logo me deu um empurrão. Empurrão muito do fraquinho, mas deu para assustar. Eram três contra duas. Uma dessas injustiças que acontecem na vida.

E elas usaram armas desleais, como unhadas, arranhões, lambidas nojentas (irc!) e cotoveladas.

Mas eu e Alice não deixamos por menos: chutamos, batemos e mordemos.

Enquanto cinco meninas se esbofeteavam por ele do lado de fora, André Dornelles esperava a professora dentro da sala, debatendo com os amigos a escalação da seleção no jogo contra o Uruguai na noite anterior.

Do inicio do corredor, tia Tânia avistou a pancadaria que, àquela altura, já contava com uma platéia em volta gritando “Porrada!

Porrada!”.

Cena patética. Foi o dia mais patético da minha vida até então. Nem a gente sabia direito por que a gente estava brigando. Eu, pelo menos, só estava defendendo Alice, minha melhor amiga, que sofreu acusações injustíssimas.

Alice, era segredo nosso, gostava do Felipe Moraes. Ela não estava nem aí para o André Dornelles.

A nossa guerra não foi só física, em pouco tempo estava no campo verbal. Enquanto rasgávamos nossos uniformes, dizíamos coisas feias do tipo:

- Cabelo de poodle!

- Tanajura!

- Cara de berinjela!

- Bunda de pêra!

- Orelhuda!

Os xingamentos estavam pegando fogo quando a tia Tânia pegou Alice e Jana, a orelhuda em questão, pelas orelhas.

- Vamos para a sala da tia Beth agora! As cinco!

Ah, não! Tudo menos a sala da tia Beth!, pensei.

Era lá que os sermões aconteciam. E de lá que saíam as advertências, as suspensões e as expulsões.

Na sala da tia Beth, tia Tânia fez o resumo:

- Essas cinco precisam ter uma conversa séria com você, Beth. Elas estavam se estapeando do lado de fora da sala de aula.

- Meninas! Que coisa feia! Por quê?

Frases ensurdecedoras e acusatórias lotaram a pequena sala da coordenadora, todas ditas ao mesmo tempo, em alta velocidade. Cada uma querendo falar mais alto que a outra. Parecia campeonato de berro.

- Porque ela mentiu!

- Porque ela disse que eu gostava do...

- Porque ela acusou a...

- Porque ela não assume que gost...

- Porque me meteram ness...

- Silêncio! – gritou tia Tânia! – Uma de cada vez!

Não adiantou. Cinco meninas com os ânimos exaltados são cinco meninas com ânimos exaltados. Estávamos quicando de raiva umas das outras.

- Vamos fazer as pazes agora! – decretou tia Beth, depois que a tensão baixou.

- Não mesmo! – logo eu disse.

- Não mesmo! – repetiu Alice em seguida. – Elas é que devem desculpas para a gente, ela que começaram.

- Não foi a gente que começou!

- Foi!

- Não foi!

- Foi!

- Não foi!

- Meninas! – disseram tia Beth e tia Tânia.

- Façam as pazes agora. Não quero saber quem começou. Estão todas erradas e pronto.

Ficamos mudas, uma olhando para a cara da outra, irritadas, malhumoradas, zangadas, de bico mesmo.

- Eu vou contar até três... – avisou tia Tania. – Um... dois... Como a gente não se mexia, tia Beth ameaçou:

- Vocês querem que eu dê uma suspensão para cada uma e chame os pais de vocês para uma conversinha comigo aqui na escola?

O que se ouviu depois dessa pergunta foi um festival de falsidade, só para nos livrarmos da suspensão:

- Desculpa aê, Claraaa...

- Foi mal, Stephanie...

- Desculpa, mesmo, Jana.

- Pó, aí... desculpa, Alice.

- Desculpa geral, galera.

- Engraçadinhas...Não é só pedir desculpar. Quero sentir o perdão no coração de vocês – decretou a chata da tia Tânia.

- Cadê o abraço? – perguntou tia Beth.

- Abraço? – chiou Alice.

- Sem abraço, tia! – resmunguei.

- Todo mundo se abraçando. A-go-ra – ordenou tia Beth. Nós apenas nós olhávamos, não mexíamos o pé do lugar.

- Abraça logo, gente! Coisa demorada! – apressou-nos a tia Beth. Eu odiava ser criança nessas horas. Achava uma cruel injustiça os adultos, só por serem adultos, decidirem quem eu abraçava, quem eu não abraçava, para quem eu me desculpava. “Que gente metida, essa gente grande!”, pensava nessas horas. Diante da insistência, nós demos o braço a torcer e nos abraçamos. Com zero vontade, zero intimidade, claaaro. E foi abraço coletivo, tia Beth e ti Tânia nos fizeram formar uma roda. A roda era apenas a preparação para o “abraço da amizade”, como elas descreveram.

Foi a coisa mais ridícula que eu já fiz na vida.

- Não estou vendo sentimento, você está, Tânia?

- Não, Beth. Elas não estão se abraçando, estão dependuradas umas nas outras.

Grudamos mais e, soltando fumacinha pelo nariz e pelos ouvidos, continuamos nosso qüiproquó escolar. Enquanto a professora e coordenadora nos observavam candidamente, sussurrávamos uma para a outra:

- Você vai ver amanhã, vou contar para todo mundo eu vocês duas amam o André Dornelles – acusou Stephanie.

- Faz isso para você ver o tamanho do rato que eu vou botar na sua mochila – rebateu Alice.

- Eca! – fizemos baixinho eu, Clara, Stephanie e Jana. Não tão baixinho.

- Meninas vocês não param de falar! Perdoar que é bom, nada!

Bom eu posso ficar o dia todo. Sem comer, sem beber água... Só

olhando para vocês. E eu decidi que vocês só vão sair daqui quando **eu** achar que o abraço é sincero e que deixou vocês mais calmas, mais amigas e, principalmente, arrependidas do que fizeram. Antes de essas

raiva acabar, ninguém sai da minha sala –

decretou tia Beth.

Era melhor abraçar com vontade logo.

“Saco!”, foi minha primeira reação.

Apertamos o abraço e ficamos abraçadas até a raiva passar. Olhando uma para a outra, refletindo na briga estúpida, no mico que ela representou para as cinco...

E não é que a raiva passou?

Bom método esse da tia Beth.

E agente conversou com a Tia Beth, e a gente se desculpou de verdade com a tia Beth, e a gente não levou suspensão, só uma carta de repreensão.

O sermão da coordenadora foi, com razão, sobre o absurdo que é

um grupo de pessoas civilizadas brigarem. E, pior, em publico. Ela estava certíssima.

No dia seguinte, quando eu, Alice, Stephanie, Jana e Clara lanchávamos juntas no recreio, no melhor esquema de melhores amigas, descobrimos, entre risos: ninguém ali gostava do André

Dornelles.

9 anos

Digam xiiiiiis!

Era dia de foto no colégio. Aquela foto que tem todo ano, a turma inteira reunida e sorridente ao lado da professora, uma pose escolar para a posteridade. A gente perdia um bom tempo de aula tirando a tal foto, lembro de adorar dia de foto também por causa disso. E adorava porque sempre fui exibida, não posso ver um flash que me jogo na frente. Enfim, adorava, adorava, mil vezes adorava dia de foto.

A única coisa chata do dia de foto é que a gente não podia zoar, tinha

que ser foto certinha. Mostrar a língua, levar uma fantasia, um chapéu com plumas, fazer chifrinho na pessoa da frente... nem pensar! Tudo isso era absolutamente vetado. Nem boné a gente podia usar. Era foto tradicional: escadinha de alunos empinados e risonhos.

A manhã estava bonita, o jardim estava florido, o céu azul. A foto ia ficar linda. A minha turma, 302, era a próxima, estávamos só

esperando a 301 terminar de fazer pose para o fotógrafo. Tia Lúcia, a minha professora, tinha se arrumado toda, feito luzes, escova, passado batom. Os meninos assoviaram e tudo quando ela entrou na sala.

- Aê, fessora! Tá bonitona! - disse o Rafael Menezes.

- Lindona! - corrigiu Marcos Penna.

- Ah, não, gente. Nem "lindona", nem "bonitona"! Não me venham com esses adjetivos no superlativo! Por favor! Ou sou bonita, ou sou linda. Esse negócio de bonitona e lindona é elogio para quem já passou dos 50. E eu tenho 49 ainda! - brincou. Oba, ela está de bom humor, comemorei. Tia Lúcia era imprevisível, a própria geminiana: num momento estava ótima, no outro, parecia o retrato do mau humor. A gente nunca sabia quando podia brincar com ela, porque às vezes sua cara dizia uma coisa e suas palavras outra. Ela era do bem, mas sempre achei que tia Lúcia não era a pessoa mais adequada para viver rodeada de crianças, dada a sua escassa paciência.

Naquele dia, seu bom humor quase acabou na hora de botar ordem na galera. A coitadinha penou para acalmar a berraria e arrumar a minha turma bonitinha e quietinha para o clique. Enquanto ela chamava a atenção dos zoneiros, olhei para o lado e vi a imagem que, desde aquele dia, é a imagem do terror para mim: toda maquiada, sapato salto 15, echarpe e vestido de festa... era minha mãe, peruésima às oito da manhã. Pior! Muuuito pior que isso: ela foi munida de secador, chapinha, silicone de cabelo, laquê e um saquinho plástico lotado de maquiagem que mal a deixavam acenar para mim.

- Maria de Lourdes! U-hu! Mamãe está aqui! - disse, sorrisão no rosto, como se fosse possível não notá-la naquele meio de crianças e professores.

Ela era uma espécie de E.T., aquele mundo não era o dela. Aquele mundo estava se abrindo sob meus pés, aquele mundo estava péssimo, péssimo!

Claro que a turma inteira ouviu minha mãe me chamar e olhou na

direção dela, que retribuiu com um simpático demais da conta:

- Bom-dia, criançaaaas! Como é que estão esses fofinhos da titia?

Tia Lúcia nem ouviu. Estava ocupada tirando um chiclete que um aluno tinha botado no cabelo de uma menina. Marchei na direção da minha mãe. Muito, muito irritada mesmo.

- O que é que você está fazendo aqui?! - perguntei, entre os dentes.

- Vim ver a foto, dar uns retoques no seu rostinho e pedir para o fotógrafo tirar uma foto minha depois. Vai que cola! - disse baixinho, tirando do saquinho o pó compacto e espalhando com a esponja o produto na minha cara, em cima do meu olho, na bochecha, na boca.

- Chega, mãe! Que mico, mãe! - reclamei, tentando tirar sua mão nervosa da minha cara para podermos conversar direito.

- Você está suada, brilhando! Não fica bom assim. Preciso passar bastante pó no seu rosto!

Peguei a mão dela, olhei no fundo do seu olho e perguntei em seu ouvido, fula da vida:

- Como é que deixaram você entrar?

- Disse na secretaria que você tinha esquecido seu remédio de gripe e que eu tinha de entregá-lo pessoalmente para te dizer os horários, que você sempre esquece.

- Que remédio? Eu nem estou gripada!

- Shhh! - repreendeu-me. - Agora está! Espirra, filhota!

- Que "espirra", o quê? Eu não acredito que você mentiu! - choquei-me de verdade. - E mentiu para vir me fazer pagar micão na hora da foto! Ninguém merece!

- Ah, deixe de ser chata, Maria de Lourdes, uma mentirinha boba dessas não faz mal para ninguém.

- Não é você que vive dizendo que mentir é feio? Que feio, mãe!

- Feio ou não, eu trouxe tudo para deixar você linda. Vem cá, deixa amãe arrumar esse cabelo, que já despenteou todo - disse, metendo a escova nas minhas madeixas. Deixei-a ajeitar meu cabelo. Percebi que se eu desse o escândalo que gostaria chamaria muito mais atenção.

Ah, sim, a turma inteira, a essa altura, já

estava apontando para mim e minha mãe cochichando, e rindo, e debochando, e falando coisinhas engraçadinhas. Tia Lúcia, que a essa altura já tinha notado a presença da minha mãe, nos observava de longe, desconfiada, com cara de poucos amigos. Ela guardou a escova e pegou o blush calmamente.

- Vamos botar mais cor nessa cara, Maria de Lourdes. Faz assim, ó! - pediu que eu fizesse um bico. - Assim o blush fica no lugar certo, vai ficar com cara de sol a minha pequetita. *Pequetita magi lindja da tchurminhaaa* - disse alto.

Pequetita? Pequetita magi lindja? Da tchurminha?

Tchurminhaaa?

Socorrooooo!

- Pára de falar com voz de neném! Eu já não te disse mil vezes que isso me irrita? - revoltei-me.

E diante de tamanho surto materno, eu não tinha outra coisa a fazer a não ser...

- Engole o choro, Maria de Lourdes! Se chorar vai borrar a maquiagem.

O pior é que eu engoli. Eu não queria borrar a maquiagem. Sou vaidosa desde pequetita, fazer o quê? Tia Lúcia, enfim, aproximou-se:

- Algum problema? - indagou calmamente, enxugando a única lágrima do meu rosto. - A senhora é a mãe da Malu, não é?

- Da Maria de Lourdes, isso, tia Lúcia. Como é que vai, tudo bem? Estou só dando uma ajeitadinha nela, já vou liberá-la. Obviamente o "tia Lúcia" da minha mãe foi uma resposta irritada e malcriada ao "senhora" da tia Lúcia. Mas só percebi isso anos depois.

- Isso não é uma ajeitadinha, a senhora está maquiando a garota!

Olha lá, não vai deixar a garota com cara de palhaça... Caramba! Juro que vi minha mãe voando para cima da tia Lúcia. Por ela ter me chamado de garota, de palhaça e, principalmente, pelo segundo "senhora" do dia.

Mas ela se segurou.

- Que palhaça, que nada! Eu, hein! Eu maquio muitíssimo bem defendeu-se. - Na foto deste ano ela merece sair linda. Nas dos outros anos Maria de Lourdes saiu feia de dar dó.

- Feia de dar dó?! - repeti, indignada. - Desenvolve, mãe! Como assim? Eu me achava ótima nas fotos! Praticamente uma minideusa.

- Modo de dizer, Maria de Lourdes. É que você não é fotogênica. Você sai pálida, anêmica, sem viço, sem alegria no olhar - explicou. -Olha para cima, minha filha, esse rímel vai deixar seu olhar lindo. Ninguém nem vai perceber que você se maquiou - decretou.

- Quem deixou a senhora entrar? - quis saber tia Lúcia, enfezada.

- Ah, eu vim entregar o remédio da Maria de Lourdes e dei a sorte de a foto estar marcada para hoje, eu nem sabia, Maria de Lourdes não comentou nada lá em casa... Então passei aqui para ver como ela estava e aproveitei para dar nela uns retoques.

- Arrã... a senhora anda todos os dias... maquiada e vestida desse jeito e carregando todas essas coisas? - perguntou tia Lúcia, mostrando a maquiagem no saquinho e os demais apetrechos de vaidade que minha mãe carregava.

- Ando, sim, eu sou muito chique. Por quê? - respondeu minha mãe, sem esconder a irritação com a pergunta.

- Por nada. Bom, acho que a senhora já deu muitos retoques. Vai lá, vai, Malu, para a gente não atrasar as outras turmas - ordenou tia Lúcia, mostrando quem mandava naquele colégio.

- Maria de Lourdes é o nome dela - corrigiu mamãe, devidamente ignorada por tia Lúcia.

- Tia Angela Cristina, você pode passar blush em mim também? pediu Francisca, minha colega de turma.

- E em mim? - pediu Valentina.

- E em mim? - imitou André Soares. A turma inteira riu. Aquele dia de foto estava demorado, engraçado... realmente sensacional para todo mundo. Menos para mim.

- Ninguém pode botar maquiagem! A mãe da Malu não podia nem estar aqui, gente - provocou tia Lúcia.

- A mãe da Malu ama muito a Malu! Por isso a mãe da Malu está

aqui! - retrucou minha mãe, perdendo uma graaande chance de ficar calada.

A filha da Angela Cristina queria ter o superpoder de tirar a voz da Angela Cristina. Ver Angela Cristina muda. Melhor! Queria ver Angela Cristina evaporar! Que felicidade seria Angela Cristina desaparecer dali!

Infelizmente fui acordada do meu sonho de super-herói justamente pela voz esganiçada da minha supermãe protetora e maquiadora.

- Olha para a câmera na hora da foto, hein, Maria de Lourdes?

Não vai ficar com cara de mosca morta!

- Vamos lá, turma, todo mundo sorrindo, hein? - pediu a professora.

- Menos você, Maria de Lourdes! - gritou minha mãe, interrompendo meu sorriso.

- Por quê? - perguntei.

- Por quê?! - indagou tia Lúcia, dez tons acima. - Por quê?

- Porque a bochecha dela fica pavorosa quando ela fica feliz demais em fotografia. Ela sabe disso, mamãe já te explicou, né, filha?

Mamãe estava decidida a me matar de vergonha.

A turma caiu na gargalhada.

O pior é que minha mãe realmente achava que meu sorriso feliz me deixava com cara de sapo gordo em foto. Até hoje ela acha isso.

Ela sempre odiou as minhas bochechas e deixava claro em véspera de dia de foto, suuuperfofa:

- Quando você sorri, elas duplicam de tamanho. Em foto, quintuplicam.

Cansada de me ver feliz demais e, portanto, feia demais nas fotografias do colégio, minha mãe (que gostaria que eu fosse linda demais) resolveu ir à escola me ajudar a sair bem na foto.

- O sorriso da sua filha é lindo! - elogiou tia Lúcia, fofa.

- Lindo o escambau! Os dentes de Maria de Lourdes estão horríveis, enormes, um trepando no outro... Enquanto não botar o aparelho, nada de felicidade em fotografia.

- Malu, você é linda de qualquer maneira. Eu quero que você tire a foto como você quiser, querida. Pode rir! Pode rir escancarado sugeriu tia Lúcia.

- Ah, que audácia! - resmungou minha mãe. - Ria, filha, só não ria escancarado, que é exatamente como você fica feia. Você quer ficar feia?

- Não... - respondi, timidamente.

- Se quiser rir, pode. Só não pode rir **muito**, lembra o que mamãe te ensinou: nunca sorria com a boca toda, sorria com metade da boca, sorriso blasé, sorriso leve.

Uma parte da turma imitou o sorriso que minha mãe ostentava enquanto falava. A outra parte, maior, claro, caiu na gargalhada. Risos e mais risos debochados.

Eu era o mico do dia, do ano, do milénio.

- Vamos lá: um, dois... - preparou-nos o fotógrafo.

- Digam xiiiis - pediu tia Lúcia.

- Que xis, tia Lúcia? Coisa mais antiga, tia Lúcia! Pede para eles dizerem "melanciiiia" ou "alfaaaceeee". O riso fica muito mais espontâneo que xis, menos cristalizado, menos forçado - atrapalhou novamente minha mãe. - Maria de Lourdes costuma falar "Fluminense" nas fotos. Fica tããão bonitinha! Fala, Maria de Lourdes, fala para eles verem como é: Flumi...

- Manhê! - reclamei.

Tia Lúcia fuzilou minha mãe com os olhos.

- Um... dois... - fez o fotógrafo, não achando nada engraçada aquela movimentação em sua manhã de trabalho.

- Juro que vai ser a última vez que eu abro a boca, moço desculpou-se mamãe. - Mas que olhar é esse Maria de Lourdes?

Olhar de mormaço mais sem graça. Faz olho feliz, olho empolgado, olho brilhante.

- Como é olho brilhante, tia? - perguntou Bené.

- É assim - ensinou minha mãe, infelizmente, o tal olho que ela queria que eu fizesse. - É olhar de coreografia da Broadway, sabe? Não... não sabe...

- Dona Angela, a senhora está atrapalhando a nossa foto. Todas as turmas vão fotografar hoje e a gente está atrasando tudo. Malu, fica do jeito que você se sentir à vontade, está bem?

- Não, não! Eu que digo como eu quero que ela pose, ela tem nove anos, ainda não entende de fotogenia, de truques, ângulos. Precisa da minha ajuda.

Oh-oh... O clima estava nitidamente pesado entre minha professora e minha mãe. Ela tinha que criar caso logo com a tia Lúcia, que não gostava nada de ser contrariada?

- Não ria, Maria de Lourdes! Ria apenas com os olhos - ordenou minha mãe.

- Ria do jeito que você preferir! - insistiu tia Lúcia.

- O jeito que ela prefere é o jeito que a deixa bonita - gritou minha mãe.

- Ela fica bonita de qualquer jeito - disse tia Lúcia.

- Ela só fica bonita sem bochecha! - categorizou minha mãe.

- A bochecha dela é linda! - defendeu-me tia Lúcia.

- A bochecha dela é grande - fez graça um engraçadinho que eu não lembro o nome.

- Também acho, menino! - concordou minha mãe.

- A bochecha dela é ótima! Que bobagem essa preocupação... disse tia Lúcia.

- Você não entende nada de bochechas, tia Lúcia, as de Maria de Lourdes são enormes.

- Não são!

-São!

- Não são!

Não resisti e, zero vontade de rir, branqueei com muita, muita vontade, mãos, caras, gestos indignados e bochechas infladas:

- Vocês querem parar com isso, gente? Estão parecendo crianças...

- Um, dois, três! - enervou-se o fotógrafo. Clique!

Pronto, foto tirada. Agora não tinha mais jeito. Eu saí dando uma bronca na minha mãe e na minha professora, com ruga entre as sobrancelhas e a boca aberta.

- Você está louco? Como tira foto da gente assim? Num momento desses, de conflito? - irritou-se tia Lúcia.

Obviamente o fotógrafo, coitado, queria se livrar daquele martírio.

- É, não pode fazer isso, moço! Pode tirar outra! - pediu minha mãe.

- É! - concordou tia Lúcia. - Pode tirar. Mas só quando todo mundo estiver recomposto.

A turma se recompôs, fez xiiis e o fotógrafo clicou. Não sei como, mas minha mãe depois conseguiu convencer o cara a tirar uma foto dela com seu sapato novo. E dela comigo. Depois desculpou-se com tia Lúcia pela "pequena intromissão" na foto e as duas combinaram "um almoço qualquer dia". Claro que esse almoço nunca saiu. Era típico papo de carioca. Era como um

"A gente se vê!", "Vamos marcar!", "Eu te ligo para a gente sair!".

Uma semana depois, estávamos em casa analisando a foto da turma:

- Olha aí, olha aí! Saí horrorosa, e a culpa é sua! Aliás, ninguém saiu bem, tudo culpa sua, que foi lá tumultuar!

- É isso foi bom, mesmo. Todo mundo saiu esquisito dessa vez, cada um olhando para um lado, uns chocados, outros com pinta de abestalhados... não foi só você. Viu? Você devia agradecer à

mamãe.

- Mãe, você tem que jurar que nunca mais vai levar maquiagem para o colégio em dia de foto! Eu virei a piada da turma!

- Não vou, filhota, prometo. No ano que vem eu te maquio em casa e

só levo para a escola um espelho. Aí fico segurando atrás do fotógrafo, para você saber como o seu rostinho vai sair na foto. Que tal?

Estava engasgada, precisei botar para fora:

- Fala sério, mãe!

10 anos

Passeando com a escola

Dia bom no colégio era dia de passeio. Museu, zoológico, centro cultural, feira de livros... As idas a esses lugares eram invariavelmente tuuu-do de bom. Não só porque a gente saía da sala de aula e ia para um lugar legal, mas também porque um dia de passeio era praticamente um dia de folga, um dia sem aula. Para mim, era diversão pura.

O passeio da vez era a Bienal do Livro e a escalada para guiar nossa turma no Riocentro foi a tia Gladys, uma professora novinha, alta e magrinha, doce, sardenta, simpática, sabia tudo de astrologia e se vestia superbem, cheia de estilo. Todo mundo amava a tia Gladys.

A tia Gladys é que não amava muito a minha turma. A minha turma não era fácil. Era aquela turma onde todas as pestes estavam reunidas, as meninas eram as mais falantes, os meninos os mais zoneiros, ninguém lá muito estudioso. Haja grito para controlar aquela turminha.

- Gente, por favor, gente! Eu não posso gritar! Lembrem dos meus calos! Lembrem dos meus calos! - berrou, vermelha, ainda no ônibus.

Os calos a que tia Gladys se referia eram os que ela tinha nas cordas vocais, não nos pés (embora ela também tivesse calos nos pés). Qualquer coisa a deixava rouca. Por isso, ela não podia levantar a voz, ordens médicas.

- Eu vou ter que fazer uma coi... EU VOU TER QUE FAZER

UMA COISA QUE EU NÃO QUERIA! MAS VOU TER QUE

FAZER SE ESSA ZONA NÃO ACABAR AGORA! - enfureceuse, decibéis

nas alturas, contrariando por completo as ordens médicas.

A turma reagiu como se ela fosse invisível. Agimos como se não escutássemos sua voz, não víssemos sua desesperada expressão corporal. Apenas continuamos a bagunçar.

Mas fomos interrompidos pelo som estridente de um... apito. Silêncio geral e assustado.

- Eu vou fazer vocês pagarem **esse** mico na Bienal do Livro!

Dispersou, eu apito! Vai todo mundo olhar para vocês - gritou, apito em riste. - E se não respeitarem o apito, vou amarrar o pescoço de todo mundo com barbante e fazer vocês andarem em fila, um com a mão no ombro do outro. Vou tratar todo mundo como criancinha. Entenderam?

- Caraca! A tia Gladys está bravíssima - sussurrei para a Alice.

- Estou mesmo! E vocês ainda não viram nada! - ameaçou a professora (até hoje não sei como ela ouviu). - Vamos. No evento, com ou sem apito, com ou sem cara de má (que a tia Gladys fazia muito mal), foi difícil controlar a galera. Mas como gostávamos muito dela tentávamos ser bonzinhos de vez em quando.

Primeira parada: um estande de livros esotéricos e de auto-ajuda que era um cubículo e ficou pequeno para tanta gente. Um autor desconhecido, de ensebado cabelo branco-amarelado, com berruga no nariz e cara de poucos amigos autografava para ninguém: "Você também pode ser você mesmo", e a tia Gladys cismou de dar ataque de tiete:

- Gente! Olha! Um escritor! Que legal! Que tudo! Vamos tirar foto, grudem lá nele! - surtou, pulando e batendo palmas. Tia Gladys era um perigo com uma câmera fotográfica na mão. Fotografava tudo e todos a cada dois segundos, parecia turista japonês.

Só que ninguém queria tirar foto com aquele cara antipático e desconhecido.

- Ele pode virar um best-seller e vocês já vão ter foto dele quando isso acontecer. Querem coisa mais bacana que isso? - disse nossa professora.

Eu consegui pensar em pelo menos 798 mil coisas mais bacanas que aquilo, mas fiquei quieta.

Eu e a galera nos aproximamos do tal escritor para fotografar.

- Aperta mais, junta, gente! Espreme, caramba! - dirigiu a foto, empolgada e ditadora.

Posamos, pedimos autógrafos a ele (por insistência maçante de tia Gladys) e fomos andar mais pela feira. Não demorou para ela avistar um estande que logo elegeu para ser nossa próxima parada: uma editora desconhecida cujo, como direi, hum... anfitrião era um homem vestido com uma fantasia de Mickey vagabundésima, tão pavorosa que uma menina da turma, a Vanessa, chorou de medo.

O inevitável aconteceu:

- U-hu! Olha quem está aqui, galera! - anunciou tia Gladys. - O

Mickey! Obaaaa! Abraça o Mickey, gente! Beija o Mickey, conversa com o Mickey, galera! Oportunidade única!

Oportunidade linda! Foto! Foto! João Victor, João Paulo, Manuela, Juliana, Alessandra, mexam-se! Malu, bota a mãozinha no ombro do Mickey!

- Fala sério, tia Gladys! - deixei claro que nem sob tortura botaria minha mão naquele Mickey de quinta com cheiro de mofo.

- Cadê o sorrisão? Ri, gente! Vocês estão com vergonha de quê?

O Mickey vai pensar que vocês são tímidos! E eles são tudo, menos tímidos, Mickey! Vamos lá... Um... dois...

- E você, professora? É tímida ou... desavergonhada?

A turma inteira caiu na gargalhada.

Tia Gladys ficou roxa, a ponto de cobrir suas sardas.

- C-c-co-como?

- Quer me encontrar sem a pirralhada daqui a uma hora no botequim lá fora... professorinha insinuante? - sugeriu o Mickey.

- Insinuante? Pirou, Mickey? - disse Alice.

Gargalhadas e mais gargalhadas. Aquele passeio finalmente começava a ficar bom.

Tia Gladys, de olhos arregalados e boca aberta, ficou louca de vontade de mandar o Mickey para aquele lugar. Mickey, aliás, além de ir para aquele lugar podia ganhar o trofeu de pior cantada do mundo, vamos combinar.

Tia Gladys preferiu reagir educadamente:

- Que coisa mais despropositada, seu... seu... seu rato! Eu tenho namorado, seu pervertido! E sou uma professora responsável por 40 crianças de 10 anos! Um pouco mais de respeito, por favor!

Vamos, turma, vamos embora!

- Mas e se o Mickey for boa-pinta, tia Gladys? - espetou o engraçadinho do Pedro Muniz.

- Você não vai nem pegar o telefone dele? - fez graça o Chico.

- Professorinha insinuante... - disse Cristiano, para risos gerais, inclusive de tia Gladys.

Ela nem suspeitava, mas ali começava sua viagem rumo ao inferno.

Após o episódio da cantada de pelúcia, os meninos começaram a mostrar as garras, a botar as asinhas de fora. De repente, não mais que de repente, um grupo de uns dez garotos dispersou-se da turma e pôs-se a correr, brincar de se socar e jogar futebol de meia. Nada mais em volta importava, só suas brincadeirinhas. Eu e algumas amigas, devoradoras de livros, queríamos ver os títulos, folhear os exemplares, ler as contracapas, pechinchar... eles só queriam saber de zoar.

Tia Gladys desesperou-se.

Um grupo de meninas liderado por mim foi implorar a ela:

- Tia, por favor, deixa a gente se separar e marca um horário e um lugar para todo mundo se encontrar de novo. Ou pelo menos faz isso com as meninas! A gente não está conseguindo aproveitar a feira com esses bobos do lado.

- Puxa-saco de professora! - gritou o Humberto, suado e com a camiseta branca do uniforme toda preta de sujeira.

- É você! - revidei. Mal, é fato. Criatividade zero. Nunca fui boa de respostas rápidas.

Devia ter dito na lata: "Cala a boca, sua pança de rinoceronte!" Não

disse. E dei margem para o que veio a seguir:

- Você é a maior filhinha de mamãe, acha que paparicando os professores eles te passam direto. Todo mundo sabe que você é a maior puxa-saco!

- Humberto! - gritou tia Gladys, com o fiapo de voz que lhe restava.

Morri de raiva do Humberto.

Embora eu fosse, sim, um pouco puxa-saco.

Bem puxa-saco em algumas ocasiões, admito.

- Eu não sou puxa-saco - foi como consegui revidar. Ponto para o Humberto de novo.

- Vamos parar com essa discussão? - gritou tia Gladys, as veias todas querendo pular para fora do pescoço.

- Nós, meninas, somos mais comportadas do que vocês e queremos aproveitar a Bienal fazendo o que viemos fazer: comprar livros.

- U-hu! É isso aí! - apoiaram as meninas da turma.

- Quietos! Quietas! Quieta, Malu! - pediu tia Gladys, completamente esgoelada.

- Tia, deixa a gente ficar sozinha. Você fica com eles e nós vamos andar pela feira feito gente civilizada - sugeri.

- Civilizada? Botar um sapo na mochila da Bianca Bastos é

civilizado? - acusou-me Humberto.

Desgramado! Eu quis matar aquele moleque. Como ele sabia que tinha sido eu?

- Foi você, Malu? - ficou perplexa tia Gladys.

- Claro que não! - neguei. Nessas horas, manda o bom-senso negar até a morte.

- Claro que foi. Ela ficou revoltada porque a Bianca Bastos falou mal dela e das amiguinhas no blog dela.

- Falou mal e mentiu! Disse que a Malu gosta de purê de batata com

brigadeiro mole em cima e ela nunca gostou disso! - abriu a boca Alice, dona da ideia do sapo, e me entregou. - Ela gosta é de batata frita misturada com calda de chocolate do sundae do McDonald's.

- Eca! - fez Humberto.

- Também acho, mas ela gosta, vamos respeitar - defendeu-me Alice.

- Que nojo, Malu! - repudiou Humberto.

- Que nojo é você, que tira caspa do cabelo e come!

- Iiiigoooouuu! - fizeram as meninas.

- Vamos parar com isso! - pediu para ninguém tia Gladys. Era tarde demais.

O caos estava completamente instaurado. Juntou-se ao meu bateboca com Humberto um bando de pedidos feitos no mesmo segundo:

- Posso ir ao banheiro, tia Gladys? - perguntou um aluno.

- Onde é que compra refrigerante, tia Gladys? - quis saber outro.

- A que horas é a Arena Jovem, tia Gladys? - questionou um terceiro.

- Tia Gladys, vamos pegar autógrafo daquele ator que lançou livro? - sugeriu a mais noveleira da turma.

- Livro de quê? - sua melhor amiga ficou curiosa.

- Sei lá, nem vou comprar, quero só o autógrafo. Vamos logo, tia Gladys.

- Tia Gladys, to cansado. Posso ligar para casa e pedir para os meus pais me buscarem? - pediu um aluno.

- Estou com dor de barriga, tia Gladys... E não vou aguentar segurar, tia Gladys... - reclamou outro. - Tia Gladyyyss!

- Olha aquela multidão, tia Gladys! Deve ser alguém famoso, vamos lá ver quem é! - disse Gustavo Menezes, puxando Gustavo Costa.

- A gente **foge** de multidão. Não vai para a multidão - disse tia Gladys, exaurida, com os lábios apenas. Sua voz acabara de vez.

- Acho que é a Xuxa - chutou Isabela.

- É nada! É a Hebe! - afirmou Júlia.

- Estão dizendo ali na frente que é o António Fagundes.

- Vamos lá pedir autógrafo, tia Gladys! - disse Manu, antes de sair correndo dando gritinhos histéricos, seguida de metade da turma, que também berrava histericamente.

- Voltem aqui! - Tia Gladys foi correndo atrás da galera, descabelada, desorientada, ignorada.

Tia Gladys foi ficando pálida, sem cor, sem força, sem energia, zonza. Tentou apitar, mas nem isso conseguiu. Eu bem me lembro de como ela se esforçou para botar ordem na bagunça. Mas tia Gladys era assim. Fofa, mas do tipo que não tinha voz ativa com a turma.

Aliás, não tinha voz, ponto.

Saímos de lá sem um livro embaixo do braço.

No fim de semana, voltei com meus pais, a Alice e mais duas amigas. Aproveitamos a feira como queríamos. Lá esbarramos com o palhaço do Humberto, que era bobo e comia caspa, mas gostava de ler.

Ah! Antes que eu me esqueça. Não era o António Fagundes na Bienal. Nem a Xuxa, muito menos a Hebe. Era apenas a funcionária de uma editora que tinha sido confundida com uma atriz de novela de segundo escalão.

11 anos

A professora de ciências não menstrua

Tudo o que eu mais queria quando tinha 11 anos era ficar menstruada. Todo dia eu acordava e voava para o banheiro na expectativa de que algo de novo tivesse acontecido durante a noite. Nada. Na escola, durante a aula, várias vezes eu sentia que a menstruação estava vindo e, ansiosa, pedia para sair para dar aquela olhada básica na calcinha e... nada!

Um dia, o colégio inteiro ficou sabendo de uma menina da sétima série que tinha ficado menstru (acho a palavra "menstruada" grande e feia, só digo menstru) e, desprovida de absorvente, acabou com a calça do uniforme manchada de sangue e teve de pedir um casaco

emprestado para amarrar na cintura e tentar disfarçar. Uns riram, outros cochicharam, outros ficaram com pena dela. Eu, confesso, morri de inveja. "Quando vai chegar a minha hora de ser mulher?", eu me corroía por dentro. "Eu sou tão madura, tão esperta, tão centrada... Não sou mais criança!", acreditava piamente. Coitada, eu era uma pobre pirralha equivocada.

Por mais que a minha mãe me alertasse que menstruação é uma chatice sem fim, um sangue ridículo que traz como brinde cólica, mau humor, desconforto e dor de cabeça, eu fazia questão de ignorá-la. Admito que gostava de contrariar a minha mãe na préadolescência. Como em casa eu não tinha muitos esclarecimentos sobre o tema, tentei conversar no colégio.

Perguntei para a Fátima, professora gente boa de português o que fazia uma menina menstruar aos 11 e outra aos 14, 15.

- Malu, deixe de pressa. O período para ter a primeira menstruacão é extenso e varia de organismo para organismo.

- Por que varia?

- Porque sim.

- Fala sério, fessora! 'Porque sim' não é resposta.

- Concordo. Então por que você não pergunta para a Suzana Ciências? Ela é a pessoa certa para te ajudar.

Antes de sair, quis saber:

- Você menstruou com quantos anos, Fátima?

- 12.

- Foi tudo de bom?

- Foi tudo de ruim, Malu! Menstruação é muito, muito chato mesmo! Ninguém gosta de ficar menstruada - deu uma bronca amiga.

"Que saco! Professora chata! Careta! Sem noção! Parece minha mãe!", resmunguei a caminho da sala dos professores, onde fui ter uma conversa séria com a Suzana.

- Por que é que eu não menstruo logo? - fui direta.

- Malu, a mulher menstrua quando passa a produzir estrogênio e

progesterona. Só quando começa essa produção de hormônios é

que ela tem a primeira menstruação. A sua hora ainda não chegou.

- Pois é, que coisa chata! Estou louca para me sentir mulher logo!

Eu vou amar ficar menstruada.

- Não seja boba! Você pode odiar ficar menstruada. Eu, por exemplo odiava tanto que hoje não menstruo mais.

Fiquei chokita.

- Não? Como assim? - perguntei, boquiaberta, milhões de pontos de interrogação na cabeça.

- Eu tinha muitos problemas durante a menstruação, então o meu médico me receitou um método anticoncepcional que suspendeu o sangramento.

- Como é que é? Você cortou da sua vida, por livre e espontânea a coisa mais linda da natureza, a coisa que te faz ser mulher?

Como fazemos bobagem quando somos mais novos!

Virar mulher era o grande objetivo da minha vida aos 11 anos. Eu não tinha idéia de que o bom seria aproveitar a minha infância enquanto ela durasse, já que eu seria mulher para todo o sempre. Vendo minha cara de desolamento, Suzana tentou amenizar:

- Um dia você vai ficar menstruada, Malu. E pode ser amanhã, semana que vem, mês que vem, ano que vem... Quando isso acontecer, você vai ver que essa ansiedade toda não leva a nada. Uma vez menstruada você vai menstruar por um longo tempo... Saí da sala achando a Suzana louca de pedra por não gostar de menstruar.

Dois anos depois vi que a louca era eu, por querer menstruar logo. Ô, coisa chata essa tal de menstruação!

12 anos

Meu professor, minha paixão

Desde sempre tive uma queda por caras feios. Caras feios que dão aula, então! Nossa! Meus preferidos! Beleza nunca foi o meu foco. Acredito de verdade que os mais feios são os melhores. Os mais empenhados, os mais esforçados, os de melhores beijos, melhores cafunés. Até na hora de terminar namoro os mais feios fazem bonito e não simplesmente desaparecem ou param de retornar as ligações. Os feios são infinitamente superiores aos bonitos.

É. Definitivamente, eu gosto de caras feios.

Mas feios mesmo.

O André Maurício, professor de história, era um homem feio. Uma espécie de homem pré-histórico (pelas costas as meninas o chamavam de Nean. Abreviação de Homem de Neanderthal). Tinha pêlos em profusão (era quase um urso), barba felpuda, bem preta e comprida que cobria quase todo o rosto, óculos fundo de garrafa, era bem baixinho, um tantinho gordinho e tão inteligente...

- Ele tem pêlos saindo pelo nariz! - berrou Alice, inconformada com o meu amor.

- E pela orelha! Pelas **duas** orelhas! - completou, também aos berros, Nathalie.

- Não tem problema, eu aparo. Já imaginaram que lindo? Eu tirando cada pelinho da orelhinha cabeludinha dele... **E**... do narizinho!...

- Eeecooou! Irrc! Blégadi! - fizeram as duas em coro, nojinho puro.

Como deu para perceber, eu era perdidamente apaixonada por André Maurício (porque ninguém em sã consciência acha lindo tirar pelinho do narizinho de ninguém! De ninguém!). Para mim, nada nesse professor me incomodava. Ele era um espetáculo. Espetáculo do tipo megamilionário e megagrandioso da Broadway.

- Ele tem a voz tão macia... - pensei em voz alta.

- Ele tem voz de ganso! - corrigiu-me exasperada Alice.

- Ganso não fala - disse eu, com o pensamento grudado em André

Maurício. - Por que vocês ficam tão irritadas com a minha paixão avassaladora por ele?

- Porque você matriculou a gente, **sem nos consultar**, num curso

idiota desse cara! - estrilou Nathalie.

- Que fica a duas horas daqui da Tijuca! - estrilou mais ainda Alice.

- E cada aula dura **três horas**! - enraiveceu-se Nathalie.

- E é aos sábados! Sá-ba-dos!

- Ai, gente! Estamos no inverno! Não vai dar praia.

- Não é questão de praia, Malu! É questão de sanidade mental. Eu não sou louca a ponto de aceitar passar minhas tardes de sábado, durante três meses, num curso chamado As Últimas Horas de Pompéia! Ninguém aqui quer saber sobre Pompéia! Eu não to nem aí para a Pompéia! - resmungou Alice.

- Quem é Pompéia?

- Acho que foi uma rainha aí - mostrei minha total ignorância.

- Que rainha, Malu? Pompéia foi uma plebéia guerreira que morreu queimada na fogueira - estrilou Alice, tão ignorante quanto eu - Imagino que as últimas horas da coitada não tenham sido boas, mas mesmo assim a gente odeia a Pompéia! - completou, veia saltando na testa.

- A gente odeia a Pompéia? Por quê, tadinha? - Nathalie ficou com peninha.

- A gente ama a Pompéia! O André Maurício ama a Pompéia... - suspirei.

- A gente odeia o André Mauricio a partir de hoje!

- Não!

- Sim! Eu e a Nathalle vamos agora mesmo cancelar a matrícula!

- Não, por favor, meninas! Eu preciso de vocês lá comigo... Tenho certeza de que vou conseguir chamar a atenção dele!

- **Nós três** vamos chamar a atenção dele! Dele e de todos os alunos! Porque é um curso para adultos! Só vai ter adulto chato metido a intelectual... e a gente!

- Pois é. Assim, quem sabe, ele começa a ver o quão grande e verdadeira é a minha paixão por ele... Farei esse sacrifício só para

estar perto dele... – delirei.

Usei meus artifícios e convenci as duas a se despencarem da Tijuca para Vargem Grande, de ônibus, nos doze sábados seguintes. Ameacei nunca mais fazer escova no cabelo da Alice e disse a Nathalie que contaria para o colégio inteiro que ela tinha chupado chupeta até os dez anos.

Mentira, jamais faria isso.

Mas eu sempre fui muito boa na hora de convencer, isso nasceu comigo.

Na aula, eu adorava o gestual de André Maurício falando empolgado sobre Pompéia... Não aprendi quase nada sobre Pompéia. Quase nada messssmo. Descobri apenas que ela não foi uma moça. Foi uma das cidades mais prósperas do Império Romano, devastada pelo vulcão Vesúvio em 79 d.C.

É, acho que é isso...

No início do segundo mês do curso, eu já estava cansada de gastar o dinheiro suado dos meus pais e perder meus sábados numa aula que não me apetecia, por causa de um professor bobão e peludo, 20 anos mais velho, que jamais notaria que eu existia. Junte-se a isso a lavagem cerebral das meninas, que seguiam fortes no intuito de me fazer ver o André Maurício como ele era, sem o filtro da paixão, e pimba! Em pouco tempo esqueci o André Maurício, seus pelinhos a mais e essa paixão platônica. E como dizem que uma paixão se cura com outra, caí de amores por Fábio Herculano, o professor de geografia.

Tinta no cabelo

Eu nunca contei para a minha mãe, nem pra ninguém da minha família, mas a primeira vez que eu pintei o cabelo eu tinha 12

anos. Pintei não para mudar a cor ou ficar diferente, mas para dar mais brilho, mais volume. Meu cabelo sempre foi muito fininho e oleoso e me deixei convencer pela Alice que tintura deixaria minhas madeixas deslumbrantes, com textura de comercial de xampu.

A primeira experiência, claro, foi na casa dela, duas horas antes da

minha aula particular de matemática com o Janir - professor moreno, alto, gente boa à beça, uma pessoa que finalmente estava conseguindo embutir números e cálculos na minha cabecinha limitada.

Compramos um tal de xampu-tinta, ou seja, um xampu que tinge. E eu, anta até a raiz do cabelo, concluí:

- Xampu, é xampu, não vamos precisar dessas luvas - disse, jogando na lata de lixo o par que veio na caixa.

Na ansiedade de ver meus cabelos mais brilhantes e bonitos e, quem sabe, um tom mais claro (escolhi castanho-claro, para ver se dava um efeito natural ao sol. Tão tolinha!), mal li as instruções. Misturei o que tinha que misturar e entrei embaixo do chuveiro. Ali, botei todo o conteúdo da bisnaga na cabeça e esfreguei com força, com vigor, com vontade. Esfrega dali, esfrega de lá, pronto, a cabeça toda estava coberta de tinta. Agora era só esperar os 30

minutos que pediam o folheto do produto.

Saí do box para conversar com a Alice e o espelho me mostrou o que eu não queria ver: não era só minha cabeça que estava marrom. Boa parte da tinta tinha escorrido e meu corpo **também** estava marrom. Meu ombros, minhas orelhas, minhas unhas, minha testa, meu pescoço, minhas costas, meu colo... tudo, tudo marrom. Marrom-escuro, é bom frisar! Naquele momento, eu me senti uma aberração, uma atração de circo. Virei A Estranha Menina Castanha.

E aprendi que garotas de 12 anos não podem, jamais, fazer experimentos estéticos sem a ajuda de uma pessoa (adulta, de preferência) de bom-senso.

Enquanto Alice ria de soluçar e me chamava de mulata gostosa, eu desesperava-me, porque quanto mais água da pia eu passava nas partes atingidas pela tinta, mais marrom se espalhava pelo meu corpo. Quis entrar no chuveiro para tentar tirar tudo, mas fui veemente impedida pela Alice:

- Louca! Se você tirar isso agora o seu cabelo pode ficar laranja.

- Não! - apavorei-me. - A minha mãe me mata se eu chegar em casa com o cabelo laranja!

Alice bem que tentou me distrair na meia hora de espera, mas nada me fez esquecer aquelas manchas escuras pelo meu corpo. Manchas que não pareciam sair com água. Vendo minha aflição, ela saiu do

banheiro em busca das coisas que podiam tirar aquela tinta de mim.

Voltou com álcool, benzina, detergente, sabão em pó, polidor de madeira, óleo de soja, tira-manchas, manteiga e Bombril. Passamos de tudo um pouco.

E também um pouquinho, só um pouquinho, de cuspe. Nada adiantou.

Eu agora era A Estranha Menina Castanha e Fedorenta. Entrei no chuveiro dez minutos antes do previsto, Esfreguei minha cabeça com todas as minhas forças, tornando minhas unhas as unhas mais feias, sujas e encardidas da Tijuca, do Rio, do universo.

A situação estava uma lástima, mas quando você pensa que nada de pior pode acontecer, acontece.

Caiu tinta no meu olho.

E ardeu.

E eu gritei.

E a Alice gritou.

E meu olho inchou, inchou.

E eu chorei, chorei.

E jogamos água, muita água.

E o desespero se instalou para sempre na casa da Alice.

- A gente tem que ir para o médico, Malu! - decidiu ela. - Agora!

- Não posso sair na rua assim, desse jeito - disse eu mostrando a ela o estado catastrófico do meu corpo todo manchado (a água não diminuiu em nada as manchas), com aspecto de sujo e ainda fedendo a benzina e óleo de soja.

- Vamos ligar para a minha mãe, então! - sugeriu Alice. Ao telefone, tia Esther disse para tentármos tirar a tinta espalhando cinzas de cigarro nas partes atingidas. Fizemos Jurema, a empregada da Alice, fumar três cigarros seguidos para aproveitarmos as cinzas nas 57 mil partes do meu corpo atingidas pela tinta.

Fiquei fedendo a cinzeiro. Cinzeiro, benzina, cuspe e óleo de soja. Uma delícia.

E não adiantou nadinha.

- Acho que o jeito vai ser ligar para a sua mãe, Malu.

- Endoidou? Ela vai me matar! E eu tenho aula, daqui a pouco o Janir bate lá para casa!

- Malu, voce não pode ter aula hoje, a gente tem que ver seu olho, está do tamanho de uma manga!

- A minha mãe nunca vai desmarcar a aula, ela acha que eu vou repetir por causa de matemática.

- É a matemática ou a sua saúde. O que você acha que ela vai preferir?

Acabei cedendo e liguei para casa:

- Mãe, vem me buscar correndo aqui na casa da Alice, aconteceu um pequeno acidente.

Botei a roupa e quando minha mãe chegou e olhou para aquela figura estranha e fedida quase teve um colapso nervoso.

- O que foi que você fez com você, Maria de Lourdes? - perguntou, dramática ao extremo. - Você está parecendo uma mendiga!

- Fui ajudar a Alice a pintar o cabelo, acabei me sujando toda e deixei cair tinta no meu olho... - menti.

Melhores amigas... A gente sempre pode botar a culpa nelas.

- Essa Alice, essa Alice... Não acredito que ainda por cima essa garota pinta o cabelo. Com essa idade? Tsc, tsc, tsc - resmungou minha mãe. - Ela não ia passar um ano fora fazendo intercâmbio?

Podia ir fazer intercâmbio na China, no Japão...

- Mãe!

Fomos ao médico, que acalmou a gente e receitou um colírio.

- Em breve seu olhinho vai voltar a ficar bonitinho - disse ele fofinho.

No carro, voltando para casa, minha mãe soou cabreira:

- Como é que você conseguiu se sujar tanto, Maria de Lourdes? E

ficar tão fedida?

- Não sei... Eu sou atolada, não me conhece?

Chegamos em casa e, com o olho bem menos inchado, fui de novo para baixo do chuveiro, afinal, eu não podia ter aula

"imunda com uma moradora de rua e cheirando a fim de feira", nas palavras de minha querida mãezinha.

- Seja rápida, Maria de Lourdes! Você não pode perder essa aula, não pode!

- Por quê? Eu já estou melhorando na matéria, acho até que vai dar para passar direto.

- A questão não é essa, minha filha. A questão é que mesmo você

não tendo aula, eu tenho que **pagar** pela aula! - exasperou-se ela. Como nenhum sabonete no mundo fez as manchas saírem do meu corpo, continuei com aspecto de suja. Foi o que bastou para minha mãe começar a se desesperar:

- Não vai dar para você fazer aula.

- Por que não?

- Ola o seu estado, Maria de Lourdes! O que o Janir vai pensar se te vir desse jeito? Vai pensar que foi **você** que pintou o cabelo! E

é uma insanidade uma criança pintar o cabelo! Uma vergonha!

Uma vergonha! Tudo por causa dessa Alice.

- Relaxa, ele não vai pensar nada...

- Claro que vai! E ele é professor da sua escola, vai pensar e contar o que pensou para todos os outros professores! Meu Deus do Céu! O que será de nós? Da minha reputação de mãe exemplar?

- Fala sério, mãe! É só tinta!

- Deita aí!

Ela empurrou-me com força no sofá da sala, cobriu-me com um cobertor até o pescoço e me botou na cabeça uma touca de lã

pavorosa, para tapar as manchas das orelhas e da testa.

- Faz cara de doente. Vou falar que esse troço no seu olho é uma infecção que te deu febre.

A campainha tocou.

Era o Janir.

Morta de vergonha, minha mãe abriu a porta e logo mostrou a ele a filha "adoentada". Ele olhou para mim, ficou com pena e perguntou:

- O que você andou aprontando, Malu?

- Maria de Lourdes, Janir. Maria de Lourdes, por favor - pediu minha mãe.

- Infecção... O médico pediu uns exames para ver o que é isso... - disse eu, meio sem graça. Mentir para professor nunca foi meu forte.

- Arrã... Dona Angela Cristina, a senhora pode pegar, por favor, o livro de matemática da Malu, quero dizer, da Maria de Lourdes?

Assim eu posso planejar o que faremos na aula que vem. Quando minha mãe foi lá para dentro, ele sentou-se no sofá e, bem baixinho, quis saber:

- O que você **realmente** andou aprontando, Malu?

- Eu pintei o cabelo, mas minha mãe não sabe, ela acha que foi a Alice - sussurrei. - Esse olho inchado é porque caiu tinta, mas o médico disse que não é nada grave, hoje à noite vai estar desinchado. Mas a minha mãe não está nem aí para o meu olho. O

que está matando ela de vergonha é que o meu corpo está todo manchado de tinta marrom, com aspecto de sujo, e você pode ver e pode comentar...

- Mas como é que você se sujou tanto com a tinta?

- Porque ninguém me disse que tinta escorria e manchava e que era obrigatório usar aquelas luvas idiotas! - exaltei-me, mesmo que sussurrando. - Você sabe como fazer para tirar tinta do corpo?

- Está aqui, Janir - chegou minha mãe.

- Ah, não... Eu pedi livro? Quis dizer caderno, Dona Angela Cristina. A

senhora pode pegar o caderno de matemática da Mal... da Maria de Lourdes?

- Claro...

Sozinho comigo novamente, o professor de Matmat, como eu gostava de chamar matemática na sexta série, me deu uma linda notícia:

- A irmã da minha mulher é dona de salão. Vou ver como ela tira mancha de tinta, aguenta aí - disse, já discando do celular. Em pouco tempo, ele tinha a resposta:

- Ela falou para você passar um bom desmaquilante ou um leite de limpeza. Sai rapidinho.

- Fala sério, *prof*! Só isso? Eu passei tudo, menos isso! Ele sorriu, feliz por me ajudar e, melhor, por me acalmar.

E da próxima vez, passe vaselina líquida ou hidratante na testa, fl nuca e nas orelhas antes de pintar o cabelo, para evitar que a tinta manche sua pele.

- Valeu, mas não vai ter próxima vez, só se for num salão - agra-l rindo meio sem graça. - Janir... Será que...

- Pode ficar tranquila, Malu. Segredo nosso - encerrou o assunto com uma piscadela de olho.

- Brigadaça! - apertei sua mão com vontade, muitíssimo agradecida.

A minha mãe voltou à sala, ele deu uma folheada no caderno e ficou de voltar na próxima semana. Recusou elegantemente a grana da aula o que deixou minha mãe eufórica, despediu-se e ainda me desejou melhoras.

Que fofo!

Ele saiu e eu fiquei pensando em como uma pré-adolescente pode arruinar uma tarde de suposta diversão fazendo bobagem em prol da beleza.

- O bom de ser criança é ser criança, ê não pensar em vaidade!

Vocês vão ter a vida toda para serem escravas da vaidade. Ainda é

muito cedo. Deus do céu! - minha mãe disse, assim que o professor foi embora.

Na hora. claro, achei essa frase a frase mais ridícula, mais descabida. mais sem noção e sem fundo de verdade que eu já

tinha ouvido na vida.

Hoje, dou toda razão à Dona Angela Cristina.

13 ANOS

Tá namorando!

Tá namorando!

No fim da sétima série, depois de muitas olhadas e risinhos sem graça, eu e o Kim, que era da minha sala desde a quarta série, engatamos um namoro. Namoro gostoso, lotado de frios na barriga e beijos intermináveis.

Ele era um fofoleto comigo. Romântico, cavalheiro, abria meu mate, desembrulhava meu sanduba natural no recreio... A gente passava a meia hora do recreio embaixo de uma árvore no pátio menor de mãos dadas, um olhando pro outro.

O problema era a hora de voltar para a sala, o que significava conviver sob o mesmo teto comigo... e com os amigos...

- Pô, cara! A gente te procurou o recreio inteiro! A gente não tinha ninguém para ficar no gol - reclamou Sidney, seu melhor amigo.

- Acabamos botando o João, mesmo - completou Humberto, seu melhor amigo número 2.

- O João? Mas ele não agarra nada! - ficou chocado meu namorado.

- Pois é, perdemos de 34 a 2. Onde é que tu *tava*?

A turma toda já estava na sala esperando pela Rosa, professora de geografia. Resolvi mostrar que o Kim tinha dona e entrei na conversa sem ser chamada:

- Ele estava comigo! Por quê? - disse, no maios estilo Dona Encrenquinha.

- Ahhh! Tava com a Malu, é? Aêêê! - debochou o palhaço do Sidney.

- Que nada, fui só comprar o lanche com ela - reagiu o palhaço do Kim.

- Foi comprar lanchinho, foi, coisa linda? - implicou o palhaço do Humberto.

Risadas gerais. Risadas e mais risadas.

Fiquei irritadíssima. "Comprar lanche"... Pois sim!

- Comprar lanche é a maneira dele de dizer que ficou comigo o recreio inteiro namorando e conversando embaixo da árvore do pátio menor, né, tchumilinho? - mandei na lata.

Sempre odiei que falassem comigo com voz de neném, mas em compensação nos meus namoros... Todos os meus namorados tiveram que me aturar dando a eles apelidos ridículos e falando com voz de bebê.

- Conversou e namorou embaixo da árvore... Tchumilinho? Ô, Tchumilinho... *tô* até emocionado... - retrucou Humberto.

- Acho que vou chorar, Tchumilinho... - completou Sidney.

- Até parece que vocês não sabem que a gente tá namorando - disse, zangada.

Minutos de silêncio.

- Tá namorando! Tá namorando! - fizeram, debochados, aos berros, aos pulinhos.

Palhaços e ridículos.

Chegou a Rosa e mandou todo mundo sentar.

- Bom-dia! Hoje nós vamos falar sobre como se formam os vulcões. Eu vou tentar desenhar aqui no quadro o que acontece com um vulcão quando...

Rosa foi interrompida por um barulho de pum. Que saiu de quem?

De quem? do Bola, o gordinho engraçado da turma.

- O que foi isso?

- Foi o Bola, professora. Acho que o vulcão dele acabou de entrar em erupção - disse o Kim, querendo bancar o engraçado, coitado.

- Foi mal, professora - desculpou-se o Bola.

Achei péééééssimo aquele momento sem classe. Ia lançar meu olhar bravíssimo para o Kim quando o vi sussurrando para o Bola:

- Peida de novo, Bola! Peida de novo!

- Peida? Joaquim Vicente Maldonado Quintino da Silva Ramos, eu não acredito que você falou "peida" perto de mim - disse eu, com um nojinho danado.

- Eu não soltei peido perto de você, quem fez isso foi o Bola!

Os meninos amaram a piadinha, caíram na gargalhada. Chocada, de queixo caído com a falta de modos do meu namorado bobão, disse:

- Ai, Kim, pára! Como você fica bobo quando está perto dos seus amigos! Nem parece meu Tchumilinho, que vive *fagendo* biquinho para *diger* que ama a *xua Potocaginha*.

- Ah, não! Tá de *saca*! - exclamou Sidney, bem ato.

- Tchumilinho faz biquinho para falar com a Potocaginha, faz?

- Clarou que não, pô! Não sei de onde essa maluca tirou isso! - rugiu, antes de dizer entre dentes: - Pára de queimar meu filme e presta atenção na aula, Malu!

De repente, Rosa se enfezou. Virou-se e disse, enérgica:

- Gente, vamos parar com essa bobagem. Eles são um casal, casal fala do jeito que quer. Vamos tentar prestar atenção na aula, que vai cair na prova e é muito mais importante do que a relação da Malu e do Kim?

Silêncio geral na turma.

E um alívio imenso no meu peito. Gente chata! Gente sem assunto! Ainda bem que a Rosa calou a boca de todo mundo.

- Mas você faz biquinho como, Tchumilinho, pode vir aqui demonstrar pra gente? - completou ela. - Por que o bico pra falar com a Potocaginha? É mais romântico? E de onde vêm esses apelidos medonhos, gente?

- Fala sério, mestra! - gritou Kim, vermelho como um pimentão. Essa era a Rosa, implicante e espirituosa até dizer chega. A turma toda riu, riu mais um pouco, fez piada com a gente e, finda a graça, não mais que de repente, a geografia, ufa!, virou o foco principal. Esse era o truque da Rosa. Em vez de dar bronca, ela entrava na brincadeira, esgotava as piadinhas e só então voltava para o tema da aula. Com todo mundo prestando atenção. Eu continuei a passar o recreio com o bobo do Kim embaixo da árvore.

Depois enjoei. Achei a bobeira dele muito chata de aturar.

Cuspe, beijo, baba e chiclete

O curso de teatro me ensinou muitas coisas. Perdi a timidez, perdi o medo de dizer o que eu sentia, passei a me conhecer melhor, aprendi a dividir, ganhei autoconfiança, amigos e a mania de abraçar, que não vou perder nunca. E deixei de ter nojinho de tudo. Primeiro de cuspe. Eu sempre odiei cuspe.

- Ator não pode ter nojo de nada, principalmente de cuspe, Malu. Ator vive levando cuspe na cara. Cuspe é normal, é saliva, é da gente, é orgânico. É normal cuspir e ser cuspido em cena - disse o Roberto, meu professor de teatro, assim que manifestei meu *irc* de saliva. - Ator gosta de cuspe. Ator precisa de cuspe. Cuspe é bem bacana. Quem não gosta de cuspe pode procurar outra profissão. Depois foi a vez de Robertinho, legítimo "bicho de teatro", alto, magro, barbinha linda, olhinho verde e voz mansa de ator gente boa, desmistificar o tal do beijo técnico.

- Claro que beijar estranhos nao é a melhor coisa do mundo, mas ator não pode ter vergonha de nada. Beijo é beijo. Encosta boca com boca e manda ver. E se tiver que repetir, repete. Uma, duas, dez vezes, até o diretor achar que ficou bem orgânico.

- Pergunta importantésima: com ou sem língua? - indaguei.

- O que o diretor mandar. E o diretor quer que a cena seja intensa, orgânica - ele explicou, mais uma vez lançando mão de sua palavra preferida, "orgânica", que parecia ser a palavra preferida de 10 entre 10 atores quando eu fazria teatro. "Intensa" era sua palavra preferida número dois.

- E se for um ator feio, babão e fedorento? - perguntou Cris, nojinho

puro.

- Imagina que ele é o Brad Pitt.

- Mas e se o Brad Pitt tiver mau hálito? - questionei.

- Prende a respiração, ué - disse Roberto naturalmente. - Ou dá

uma pastilha para ele antes da cena.

- Se bem que beijar o Brad Pitt deve ser bom mesmo com mau hálito, né não? - brincou Martinha.

- Claro! Até eu beijaria o Brad Pitt! - fez graça Roberto. Estávamos no fim do primeiro ano do curso. E a turma estava ótima, entrosada, tinha gente realmente talentosa e engraçada lá. Estávamos fazendo a leitura da peça de fim de ano. O Roberto me escalou para fazer uma cena, tirada do livro *As aventuras de Tom Sawyer*, de Mark Twain, com o Sasá, o feio desengonçado da turma.

Nela, uma parte que seria o terror dos terrores de toda e qualquer menina nojentinha (como eu): o meu personagem tirava seu chiclete mastigado da boca e dava para o Tom Sawyer, que mastigava um pouco e devolvia a ela, que botava na boca de novo. E ainda fazia "Hummm...". Fala sério, né?

- Ecaaaaaaaaaaa! - gritei com todas as minhas cordas vocais.

- Ah, deixa de ser fresca, Malu! Qual é o problema? - perguntou Roberto. - Achei que você tinha perdido o nojo dessas coisas.

- Eu vim fazer teatro para a minha mãe, o meu pai e meus irmãos me verem bonitinha no palco, maquiada, penteada, fofa e com o texto decorado. Agora eles vão ver essa cena bizarra!

- A cena é maravilhosa! - argumentou o professor. - Super-romântica.

- Chiclete babado é romântico desde quando, posso saber?

- Malu, baba é orgânico, teatro é orgânico...

- Ah, esse negócio de orgânico já deu, viu? Encheu! Você vive falando essa palavra! Tudo pra você é orgânico e tudo o que é

orgânico é lindo! Helou! Cocô é orgânico! E cocô é uó! Ou você

acha cocô lindo? - enfezei-me seriamene.

- O que é orgânico? - quis saber Cassandra.

- Orgânico quer dizer natural, cocô é natural, faz sentido... - explicou Marcelo.

- Dependendo do contexto da cena... cocô pode ser boni...

- Fala sério, Robertooo! Cocô não é lindo nuca, nem na cena mais orgânica do mundo!

- Alô, gente, está me dando enjôo! Vamos parar de repetir essa palavra horrenda, por favor? - manifestou-se Bia.

- Que palavra, cocô ou orgânico? - implicou Roberto. Depois do piti de diva, acalmei-me e topei fazer a cena, mas não havia quem me convencesse a fazer a parte do chiclete com chiclete de verdade nos ensaios.

- Malu, daqui a duas semanas estréia a peça e você ainda não fez a cena como ela devia ser feita. Hoje quero que você faça com chiclete. - pediu Roberto.

- Aí, Maluuuu! Vai descobrir o gosto do beijo do Sasáááá! - zoou a Rafa.

- Tá namorando! Tá namorando! - fizeram coro umas meninas.

- Beija! Beija! Beija! - fizeram coro uns meninos.

- Com quem será/ com quem será/ com quem será que a Malu vai casar/ Vai depender/ vai depender/ vai depender se o Sasá vai querer! - cantaram todos juntos.

O Roberto se entressou severamente:

- Gente, vamos parar de bobeira e agir como pessoas maduras, por favor? - gritou com a turma, formada por alunos de 11 a 16 anos, ou seja, pessoas naaada maduras. - Todo mundo de pé! Vai todo mundo beijar todo mundo e trocar de chiclete com todo mundo!

Agora!

- Quê? - reagiu Rebecca, indignada. - Eu nem tenho cena de beijo!

- Pois é, mas vai todo mundo beijar e trocar chiclete. Ninguém pode ter nojo de niguém aqui - ordenou, botando um chiclete barato na mao de cada um dos seus 23 alunos.

- Espera aí! Alguém está com sapinho? Ou com herpes, gripe, caxumba, rubéola ou varíola? - perguntei. Diante das caras feias, expliquei-me:

- A minha mãe me queima viva se eu pegar alguma dessas coisas no teatro, gente!

Mas ninguém estava com sapinho.

Nem com herpes, gripe, caxumba ou rubéola. Muito menos com varíola. Todos supersaudáveis.

"Droga", pensei.

Como eram apenas oito meninos, Roberto arrumou-os lado a lado e pôs as meninas em fila indiana. Todos beijaram todos, ele deixou bem claro as regras do exercício. Ou da "sem-vergonhice", como Claire decidiu chamar aquele momento íntimo coletivo. Todas nós beijamos os garotos, um por um. Sem língua, com língua, era opção de cada um. Eu beijei sem língua, embora me arrependa até hoje de não ter mostrado minha língua para o João, o mais lindinho de todos. Entre risos nervosos, desconforto inicial e caretas, acabou sendo fácil, fácil. Muito mais fácil do que todo mundo imaginava.

Depois foi a hora do chiclete.

Não sei por quê, mas perdi a aflição que o chiclete me dava. Foi bom pensar que eu não seria a única a passar por ele. Aliviada e com goma de mascar na boca, tive a certeza de que não seria nada demais trocar chiclete com ninguém. "É todo mundo amigo, caramba!", refleti.

O mesmo pensamento tomou conta da turma e em pouco tempo nos tornamos um bando de mastigadores de chicletes mastigados. Mastigadores empolgados, o que é melhor!

- Mastiga, mastiga, mastiga, troca. Mastiga, mastiga, mastiga, troca! Isso, vamos lá, todo mundo! Alegria! - comandava a massa Roberto.

Deu certo. todo mundo perdeu o nojo de tudo, todo mundo parou de implicar comigo e meus nojinhos, e todo mundo nunca contou essa história para a mãe, que sempre achou o povo do teatro muito doido, muito liberal!

Imagina se ela soubesse!

Detalhe: dois anos depois, namorei o Sasá, que cresceu, apareceu,

ficou um feio muito do charmoso e me pegou de jeito. Ficamos juntos seis meses.

Detalhe 2: ele beijava bem à beça. Com ou sem chiclete.

Tagarelando na sala de aula

Era dia de aula de história depois do recreio e eu amava história, amava ler sobre história, mas amava ainda mais uma conversa durante a aula de história. Lucinda, a professora, era monocórdia, tinha o olhar entediado e não conseguia prender minha atenção nem por um decreto. Então eu preferia estudar em casa com os livros.

Naquele dia, eu e a Joana emendamos num papo ótimo no recreio. Tagarelamos, discutimos a novela, folheamos revistas *teen*, falamos mal das metidas do colégio, lanchamos, bebemos água juntas. Estávamos juntíssimas, um grude só.

Na sala, o assunto, claaaro, não podia parar. Aquele conversê

estava bom demais para ser encerradp, ainda havia muita coisa a ser dita, redita e comentada. Coisas importantésimas, como a mochila ridícula da Suzana, o cabelo novo da Gisela e o namorico engrena-não engrena do Mano e da Jade. O que se via ali era uma sintonia linda entre duas meninas fofas e tagarelas. Cochicho vai, cochicho vem, eis que nosso tititi escolar foi interrompido por um nome familiar, berrado lá na frente da sala de aula:

- Maria de Lourdes! **MariadeLourdes**!

Uuups!

Lucinda estava falando comigo, sem sombra de dúvida. Ia me fazer uma pergunta cabeluda, uma pergunta impossível, uma pergunta-bomba.

E eu não tinha a minúscula idéia do que se tratava a aula! Egito, Brasil, Pré-História, Revolução Industrial, Ditadura no Chile... Ou mesmo se ela estava reclamando novamente de suas unhas encravadas.

- Sim, Lucinda - disse, em pânico.

- Você sabe a resposta?

Glup!

Ela não ia fazer uma pergunta! Ela **já tinha feito** uma pergunta!

Caraca! Fer-rou!, entrei em pânico. Naquele momento, eu tive certeza de que a morte era iminente, vi a minha vida inteira passar pela minha cabeça.

A Lucinda além de monocórdia era antipática. E só me chamava de Maria de Loudes. Sempre. Por mais que eu pedisse pra ela parar.

É, eu não gostava da Lucina.

Ela também não gostava de mim.

Mas mesmo assim ela queria muito falar comigo. Disse isso da sua maneira:

- Ande, Maria de Lourdes, não tenho o dia inteiro. O que você me diz? - insistiu.

Um suro frio brotou na minha testa, meu estômago revirou. Eu não sabia sequer qual tinha sido a pergunta! Não poderia nem dar uma enrolada básica.

Mas uma voz amiga é sempre uma voz amiga. Amigos estão sempre prontos a ajudar. Amizade a gente não acha em qualquer esquina, não!

- Petróleo! Diz petróleo! - soprou Alice da carteira de trás, me dando um alívio do tamanho do mundo.

Respirei fundo, escondi o nervosismo e afirmei segura, em voz alta e pausada, para não restar dúvida, para derrotar de vez a Lucinda e seu narizinho em pé. Eu, mesmo conversando, sabia exatamente que a resposta certa para a pergunta era:

- Petróleo! - bradei, de peito estufado.

Segundo de silêncio.

Segundos e mais segundo de gargalhadas gerais.

Mais gargalhadas.

Eu vermelhei da cabeça aos pés.

- Petróleo, Maria de Lourdes? - chocou-se Lucinda. - Fala sério, Maria de Lourdes! Que mico, hein, Maria de Lourdes? - humilhou.

Fuzilei a Alice com os olhos. Mas a palhaça nem viu. Gargalhava muito, muito mesmo.

Mais risos. Risos e mais risos. Irritantes e desnecessários risos. Eu, Maria de Lourdes, era a piada da aula, do dia, da semana, do semestre.

- É nisso que dá conversar em sala de aula... É nisso que dá não prestar atenção no que eu falo... - A professora me deu essa bronca gigante na frente de todo mundo. Bronqueou com gosto. A Lucinda a-do-ra-va dar broncas. - Depois não se dá bem na prova e vem chorar ponto, vem fazer drama na sala dos professores, me chamar de "linda Lucindinha"... Não é assim que a banda toca, não, Maria de Lourdes, não é assim.

- Desculpe, professora... pedi, envergonhada, sinceramente. - Mas... posso saber qual era a resposta certa? - tive a cara-de-pau de perguntar.

E me dei mal. Ela humilhou mais ainda.

- Acho que todo mundo aqui sabe a resposta, mas, vamos novamente à pergunta: qual é a importância do dia 14 de julho de 1789, turma?

"Puuuutz! foi **para essa pergunta** que eu respondi ' **petróleo'** ?", foi a frase que passou pela minha cebça naquele instante.

- E então? Quem se habilita a responder?

A vaca-vacona-vaconésima da Alice foi a primeira a levantar o dedo, para lá de empolgada, sorrisão no rosto:

- Dia 14 de julho de 1789 foi um dia muito importante para toda a França, professora. - Foi o dia da Queda da Bastila, que marcou o início da Revolução Francesa, movimento pelo qual a burguesia, consciente de seu papel ponderante na vida econômica, tirou do poder a aristocrácia e a monarquia absolutista.

Como a Alice era boa para decorar! E como isso me irritava profundamente!

Odiei-a com todas as minhas forças.

- Muito bem, Alice! - comemorou Lucinda, efusivamente. Odiei-a mais ainda.

Agora que eu sabia que o assunto era Revolução Francesa, entendi que o meu "petróleo" não tinha sido um mico. Tinha sido um gorilão. Gorilaço.

Que vergonha!

Que silêncio horrível!

Silêncio infinito!

Mas silêncio não era problema cara o Bola

- Petróleo... Quá quá quá! - riu com vontade, com aquela gargalhada espalhafatosa que só ele tinha. - PETRÓLEO! - repetiu mais alto, para rir ainda rnais alto em seguida. A turma, obviamente, gargalhou com ele

Muito.

Muito mesmo.

E eu me vi obrigada a virar-me para a frente e prestar atenção na aula.

Fiquei urna semana inteira sem falar com a Alice. Quando ela veio me pedir desculpas, disse que sé tinha sussurrado petróleo porque estava com ciúmes de mim com a Joana, que eu a deixei abandonada no recreio, que se eu não quisesse mais ser amiga dela que falasse logo, e coisas dramáticas do tipo. Depois fizemos as pazes, claro.

Só não contei para a minha mãe sobre nossa semana brigada porque ela certamente viria com aquele papinho chato de sempre;

'Eu não falei? Essa menina não é sua amiga, Maria de Lourdes!" Preferi poupar meus ouvidos.

14 ANOS

Garotos são chatos

- Você acha certo namorados dizerem a verdade e nada mais que a verdade um para o outro?

- Acho... - respondeu Magali, professora de redação, que era a professora amiga, a professora conselheira da galera na oitava série. Jovem, cheia de estilo e com namorados diferentes (no plural, mesmo) a cada semana, ela era considerada pelos alunos uma expert em namoros, pegadas e ficadas.

- Mas não é certo bater a cabeça do namorado contra a parede até

sangrar, né?

- Malu! Não vou nem responder! - riu.

- Eu odeio os garotos, Magali. Além de bobos são infiéis.

- Malu, que raiva é essa da ala masculina? Eles são legais. Às vezes não muito legais, mas a maioria é legal. O que foi que aconteceu?

- Tudo começou quando eu fui conversar com o Matias.

- Conversar o quê? ah, não me diga que você foi conversar sobre a relação!

- É! A gente precisava conversar sobre a gente, sobre nosso futuro. Nosso namoro já estava rolando há sééécculos e a gente nada de conversar.

- Há quanto tempo vocês estão juntos?

- Há uma semana!

- Malu, querida, numa relação de uma semana não tem nada para ser discutido.

- Tem **milhões** de coisas para serem discutidas, analisadas, ponderadas! Como assim, Magali?

- Meninos não lidam bem com essa coisa de discutir a relação, Malu. Eles **odeiam** discutir a relação.

- Pois, é! Achei que isso era folclore, mas estou vendo que é

verdade. E eu fui tãããão linda e ensaiada falar com ele...

- O que é que você falou?

- Ah, cheguei de mansinho, suuuperfofa, e falei: 'pô, Matchuculuco, você não passa mais um recreio inteiro comigo, Matchucuuu! Só quer saber de bola, Matchuculuco! Assim não dá, Matchuculuco!'.

- Sei... E o Matchuculuco?

- Cara de *tédio*!

- Imagino. Eles acham um tédio quando a gente se mete no futebol deles.

- Quem tinha de estar entediada com esse namoro era eu! A gente

estuda em turmas separadas e, como se isso não bastasse, o garoto só pensa em futebol na única meia hora que a gente tem para ficar junto! Isso não é injustiça?

- É injustiça - concordou comigo. Ou, pelo menos, fingiu concordar. - Você tem toda a razão. Mas vocês não podem namorar depois do colégio?

- Não, a minha mãe só deixa a gente namorar no fim de semana. E

agora eu não tenho mais namorado. O Matias aproveitou a deixa do futebol e terminou comigo.

- Talvez ele esteja mais a fim de futebol, mesmo... Talvez nao seja a hora para vocês ficarem juntos, mas no futuro vocês podem formar um casal muito bonitinho...

- Que casal bonitinho, o quê? Eu odeio esse Matias! O aprendiz de idiota teve a coragem de dizer pra mim: 'pô, aí, na real, Maluzinha, cansei de ficar só com você. Eu estou a fim é de pegar mais menina. Sou muito noso e muito boa-pinta para me prender a uma só, valeu?'.

É o que eu sempre digo: os caras aprendem a ser idiotas na escola.

- Quem é que termina um namoro assim, Magali? Dessa forma insensível e dolorosa?

- É, ele podia ter escolhido melhor as palavras.

- Claro que podia! "Pegar"?

- E "boa-pinta"? Não gosta nada dessa expressão. Acho "bonito" bem melhor - zoou da minha cara.

- Magaliiiiiii!

- Esquece esse garoto, Malu! Ele não te merece.

- Ele não merece só o meu esquecimento. Ele merece sofrer. Ele merece tortuta!

- Menos, Malu! Não seja uma menininha chatinha e grudentinha. Os garotos odeiam meninas assim.

- Chatinha? Eu? Chato é ele que antes de ir para a sala teve o desplante de dizer que quer beijar mais garotas! E sabe por que ele quer beijar mais garotas?

- Por quê?

- Porque beijando mais ele pratica mais e, segundo o palhaço, a prática leva à perfeição.

- Ah, mas isso é verdade. Quanto mais a gente beija, melhor a gen...

- Fala sério, Magali! - estrilei. - Vim aqui para você ficar do **meu** lado, não do dele!

- Ô, Malu, esse é o primeiro de muitos atritos com namorados que virão. Você é muito nova, ainda vai xingar muito o sexo oposto.

- Não queria que os meninos fossem tão bobos.

- Mas eles são. E não é por isso que você vai ficar com essa carinha triste, né? O que eu posso fazer para você ficar mais animada?

- Me dar mais meio ponto na última prova.

- Engraçadinha! Você sempre pede mais meio ponto. Fora de cogitação!

- Então... você pode me dar um milkshake, mesmo.

- Só se for de Ovomaltine!

- Oba! - comemorei, antes de dar nela um abraço apertado. Depois, andamos calmamente rumo à lanchonete mais próxima. Eu e minha amiga professora nota 10.

In English!

No meu curso de inglês, que eu fazia desde os 10 anos às terças e quintas, tinha uma melhor amiga com quem eu adorava competir nas notas: a Frances. Nós duas éramos só amorzinho e fofoquinha até a aula começar. Uma vez em sala de aula, disputávamos o posto de melhor da classe e preferida do mestre nota a nota. Nas redações, eu sempre me dava melhor do que ela.

- Que julgamento é esse que você faz, Ronaldo? Como é que você

dá essas notasPor que é que a história dela ganhou 9,7 e a minha, muito mais coerente e crível, levou 7,4? - questionava Frances, com

sede de justiça.

- In english, Frances! - pediu o *teacher*.

- Você leu a história dela? Você **entendeu** a história dela?

- Of course! - respondeu, irritado.

- Quer dizer que você analisa a história também, não apenas corrige os erros? - continuou a contestar.

- Yes, Frances. And, please, in English, Frances! - implorou o *teacher*.

- A redação da Malu conta como um anão romeno que andava de lambreta por Salvador foi abduzido por um disco voador pilotado por um urso panda!-continuou irritadésima, in portuguese.

- E como ele não envelheceu e voltou à Terra 23 mil anos depois com a missão de salvar o planeta de uma terrível tempestade de asteróides - completei, orgulhosa de minha inventividade.

- Xi, me perdi. Quem não envelheceu, o panda ou o anão romeno?

- perguntou um engraçadinho.

- In english, people! - descabelou-se Ronaldo.

- Isso é redação que se apresente? Isso é uma piada que deveria levar nota zero. Ziiiiroooou! - debochou Frances enrolando bem no erre, caprichando no sotaque americano.

Em inglês, meu *teacher* prosseguiu:

- A redação de Mary Lourds (assim que ele me chamava, fazer o quê?) é uma ótima redação, Frances. Além de mostrar seu extenso vocabulário, ela mostra em seus textos que é muito criativa. Eu, claro, era só sorrisos, peito estufado, alegria pura.

- A Malu? Criativa? Fala sério, teacher! - chiou Frances.

"Bitch!", eu a xinguei internamente, com muita, muita vontade.

- In English! - gritou Ronaldo.

- Talk serious, teacher! - gritou mais alto Frances.

- Oh, please, don't say that, Frances! Say, "She? Creative? Come on!" -

implorava Ronaldo.

- Espera aí! "Come on" uma ova, professor! Alou! Eu sou criativa sim! E muito! - defendi-me, em bom português.

- Talk serious, Mary Lourds! - gritou um palhaço

- Talk serious, Frances! - soltou um asshole.

- Essa gíria não existe em inglês, gente! Stop saying that! Please!

- Talk serious! Talk serious! Talk serious! - proferiu a turma em coro.

- Agora já era. You gave soft, Ronaldo - fez graça Antônio Pedro com o desespero do professor diante da bagunça bilíngüe.

- Gave soft? - fez o *teacher*, nitidamente atordoado.

- Deu mole! Vacilou!

- Turma! Silêncio! Assim não daí Isso aqui é um curso de inglês!

Inglês! - enfureceu-se Ronaldo.

- In english, teacher. In english! - pedi junto com a galera.

15 ANOS

Que beleza de professor!

Sempre tive um fraco por professores. Professores de óculos, então... Nossa, eu pirava com eles. José Carlos, o Zeca, foi um desses mestres quatro-olhos que abalaram o meu coração adolescente. Ele morava bem, muito bem. Numa casa enorme, em Laranjeiras, cheia de quadros, com uma varanda sensacional e um incenso cheirosésimo sempre aceso.

Era lá que eu passava as tardes de quartas e sextas. Sentindo aquele perfume bom, babando por aquelas mãos macias e sujas de giz, aquelas unhas fortes, largas, bem cortadas, suspirando sempre que ele tentava me explicar pela enésima vez a diferença entre força centrífuga e força centrípeta.

Por causa do todo-poderoso José Carlos, o Zeca, meu maravilhoso (mil vezes maravilhoso) professor particular, passei a tomar cafezinho, mais precisamente, *cappuccino*. Como era delicioso o *cappuccino* dele! O café e os biscoitinhos eram o intervalo para a hora e meia seguinte de pura matemática. A dobradinha física-seguida-de-matemática seria a pior tortura do mundo se não fosse com ele. Cavalheiro, levava o café na bandeja, me servia e começava um papo ótimo. "Como a gente combina!", eu pensava enquanto olhava no fundo dos seus olhos azul-acizentados, escondidos, porém reluzentes, atrás de uma armação de óculos careta e remendada, mas tããão charmosa. Eu achava que era uma questão de tempo ele se descobrir perdidamente apaixonado por mim, afinal, tínhamos tantas coisas em comum! Ele era botafoguense, como eu, gostava do Chico Buarque, como eu, pedia na padaria pão-francês escuro, como eu, adorava arroz integral empapado, como eu, tinha uma coleçao de polvos de pelúcia (eu não, mas sempre ameeeei polvos e tudo do mar), tinha medo de patos, como eu, era fã de esportes radicais, como eu, tinha vontade de saltar de pára-quedas, como eu.

"Opa! Essa deixa é boa!", comemorei internamente. E resolvi sugerir, empolgadíssima:

- A gente pode saltar, Zeca! Uma amiga minha já fez um salto duplo e adorou. Posso pegar o telefone dos caras com ela! Eles filmam, fotografam e até bancam os engraçadinhos dando diploma de insanidade mental para quem salta. Que tal?

Ele agora não tinha escapatória. Era O destino: José Carlos, o Zeca, seria meu. Nos ares, em terra firme, em Laranjeiras, na Tijuca. Na rua, na chuva, na fazenda ou numa casinha de sapê. Meu! Só meu!

Uma manhã de salto de pára-quedas era tudo o que ele precisava para perceber que não podia mais viver sem mim. Faltava muito pouco para José Carlos, o Zeca, ver o que eu já tinha visto há

muito temoo: eu era a mulher da sua vida.

- Você pode ver isso, mesmo, Malu? Não vai ser incômodo?

- Fala sério, Zeca! Claaaaro que não! Incômodo nenhuuum! - respondi, simpaticíssima, ainda empolgadíssima, felicíssima. - Vamos juntos, vai ser tudo de bom, um vai dar força pro outro.

- Ótimo.

- Um vai apertar a mão do outro! - arrisquei, cheia de charme,

sedução pura.

- Perfeito.

Perfeito. Perfeito. Ele disse perfeito! "Que lindoooo!", urrei por dentro, sorrindo de orelha a orelha, a euforia me queimando por dentro. Mas José Carlos, o Zeca, prosseguiu com uma frase que eu não achei nada perfeita:

- A minha mulher também é louca pra saltar. saltamos os três, então. Que maravilha! Nem acredito!

Eu que não acreditei, né? Como assim... casado?

Um, dois, três, quatro, cinco, seis... contei até 37,5 para reagir naturalemnte ao banho de água fria.

Na verdade, ele não era casado.

Era meio casado.

Não, que meio casado, que nada! Não existem essas coisas de meio casado, meio virgem, meio bandido... Ele era casado, sim. Um casamento diferente, mas casado. Há 12 anos! 12 anos!

Com uma naturalidade quase hippie, ele explicou que sua digníssima esposa morava perto dali e não com ele, sob o mesmo teto. Decidiram tomar essa atitude quando a relação começou a desgastar uns cinco anos antes.

Isso é demais para a minha cabeça hoje, imagina quando eu tinha 15 anos! Foi um choque, um trauma: José Carlos, o Zeca, o grisalho mais charmoso do planeta Terra, tinha um casamento moderno, com direito a casas separadas e escovas de dentes bem distantes uma da outra. Fiquei arrasada, sem dormir, a idéia de um programa dominical com senhor e senhora Zeca não parava de me atordoar.

Ah, se minha mãe soubesse que eu estava planejando um salto de pára-quedas com meu professor particular e esposa. Ela faria picadinho de Malu. E ainda me deixaria de castigo se soubesse que eu ia usar toda a minha mesada e mais um dinheiro emprestado da Alice para essa aventura nos ares.

No dia do salto, océu estava lindo. Eu, para todos os efeitos, estava na casa da Alice e ele, como de costume, estava sexy, bem vestido e cheiroso (nunca descobri seu perfume, nem tive coragem de

perguntar, achei muito íntimo. É um dos maiores mistérios da minha vida).

Zeca vinha de braço dado com sua mulher.

Ah, a mulher...

A mulher foi a maior suspresa do dia, da semana, do ano. A tal esposa modernina era pavorosa.

Barro. Barro agressivo.

Bigoduuuuda...

Feia, feia, feia. Ou, como eu gostava de dizer quando era mais nova: fêa, fêa, fêa.

Não acreditei como José Carlos, o Zeca, tinha se apaixonado por uma baranga daquelas. (*Taí* outro mistério mistério, este da humanidade. Por que os caras mais lindos se apaixonam, na maioria das vezes, por mulheres absolutamente horrorosas? E por que é que desde a adolescência a gente fica impressionada quando um cara impossível tem uma mulher horrível?)

Fomos os três conhecer os instrutores que saltaram com a gente e, em pouco tempo, estávamos no pequeno avião que nos levaria a onze mil pés de altura.

Sensação indescritível saltar lá de cima. Sensação melhor ainda foi ver a baranga amarelar. Rá rá rá! A baranga ficou com medinho! O Zeca, não! O Zeca foi macho pra caramba. Pulou de primeiro e nem gritou. Não deu um pio. Chegou no chão e... caiu desmaiado.

Acordou e botou a culpa na descarga de adrenalina. Um fresco o Zeca!

Certa de que meu flerte com o mestre de matemática e física ficaria eternamente no zero a zero, não perdi tempo e dei meu telefone para o instrutor que pulou no avião coladinho comigo, o Zuza, que saltava havia quatro anos e era só sorrisos desde que bateu o olho em mim. Um gigante musculoso de olhos verdes e louros cabelos compridos. Um espetáculo.

O espetacular palhaço não ligou na sexta, nem no sábado, nem no domingo. Nem na semana seguinte. "Não estou nem aí para você, seu instrutor mané! Parafinado de quinta! Fique sabendo que nem achei você essas coisas todas!", cheguei a ensaiar o telefonema. Mas jamais

diria nada disso a Zuza.

Mesmo porque Zuza nunca ligou.

Homens!

Por quê? 2

- Por que eu tenho que aprender física e química se eu quero fazer jornalismo? -contestava eu junto ao coordenador mais gente boa da face da Terra, o Gordo, que me chamara para conversar em sua sala sobre minhas notas meio baixas.

- Porque é assim, Malu.

- "Porque é assim"?! Fala sério, Gordo! Que resposta é essa? Que frase injusta! Eu odeio essas matérias!

- Você não precisa gostar das matérias, você só precisa aprendêlas, porque é aprendendo que se passa de ano, sabia?

- Mas não é justo! Eu não queria gastar parte do meu tempo, e do meu cérebro, aprendendo que o quadrado da hipotenusa é igual à

soma do quadrado dos *capetos*.

- Catetos, Maria de Lourdes! Catetos! - corrigiu-me o Gordo, que além de coordenador era professor de geometria.

- Capetos, catetos, tudo a mesma coisa! Por que é que eu tenho que aprender isso? Que diferença faria na minha vida se eu não soubesse geometria?

- Você não saberia calcular a área de uma quadra de vôlei, por exemplo.

- E eu lá quero saber de quadra de vôlei? Eu gosto de basquete!

Além do mais, eu tenho certeza de que existe um aparelhinho desde tamanhinho que mede a área de uma quadra de vôlei em segungos! As quadras de vôlei não precisam de mim para ser medidas!

- Malu... eu estou falando sério, você precisa estudar e se concentrar mais nas aulas. A impressão que eu tenho corrigindo suas provas, é

que você simplesmente não ouve o que eu digo em sala de aula.

- Ah, Gordo, eu gosto da sua aula, mas eu realemnte não te escuto direito, você fala para dentro, eu não entendo nada do que você

fala.

- Ah, tá. Vou procurar uma fonoaudióloga para melhorar a minha dicção, Malu, com certeza é só por causa dela que você não é a primeira da classe na minha matéria - ironizou.

O Gordo estava realmente preocupado com meu boletim. Mas era só uma fase. Eu sabia que era só uma fase.

- É uma fase, já, já passa - expliquei. - Eu não sou sempre assim, você sabe. Eu nunca fiquei em recuperação, não é agora que vou ficar.

Gordo fez sobrancelhas preocupadas.

- Você precisa tomar juízo, Malu. Não desperdice o ano conversando com a Alice, a Helô e a Bené... Converse no recreio. Todos os professores reclamam da sua conversa.

- Eu não converso na aula do Serjão.

- Você dorme na ula do Serjão, é diferente.

- Ele sabe?

- Todo mundo sabe.

Fiquei beeeem sem graça. Vermelhaça.

- Ah, quer saber? Eu não entendo o que ele fala - fui sincera.

- Ele também precisa melhorar a dicção?

- Não, esse não é o problema dele. O problema dele é que química não entra na minha cabeça. Eu simplesmente não entendo química. Meu cérebro não registra fórmulas, gases, tabelas e coisas do gênero. Quando ele está falando sobre isso eu só escuto algo como ' *Sbrules Sverzi blasdakon mertivunds*'.

- E em física? Seu desempenho é terrível por quê?

- Porque o Marcos é metido a engraçadinho e eu não agüento professor metido a engraçadinho. Se é naturalmente engraçadinho,

beleza, ótimo. se não é, deixa quieto, para que tentar fazer a galera rir com piadas ridículas?

- É, acho que você não gosta muito do Marcos...

- Sinceramente, você como coordenador precisa saber, ele é

péssimo, pééééééééssimo professor.

- Você está apaixonada. É isso que está tirando sua atenção, não é?

- Eu acabo de fazer uma denúncia grave sobre um professor e sou solenemente ignorada? Não pode!

- Só uma paixão explica tanta dispersão.

- Que paixão o quê, Gordo? Estou falando do Marcos. Ele é

pééééééssimo professor!

- É o Matoso? - perguntou´, levantando as sobrancelhas, olhar de fofoqueiro. - Ou é o Thiago?

- Não é nenhum dos dois! Só fiquei com o Matoso duas vezes e com o Thiago uma! Mas como é que você sabe que eu peguei os dois?

- Corredores de escola têm ouvidos, Malu. Mas você pegou ou ficou?

- Gordo! - exclamei, envergonhada.

- É sério, Malu, qual é o problema? Alguma coisa em casa?

- Não. Quer dizer, meus pais têm brigado direto, acho que mais cedo ou mais tarde vão se separar. Mas não acho isso um problema, não é por isso que eu não presto atenção nas aulas. Eu já pensei sobre essa separação e sei que vai ser sofrido, mas vai ser melhor pros dois.

- Malu, isso é um problema sério. É esse o problema, claro. Quer conversar com a psicóloga?

- Não... Tá na boa... Nao acho mesmo que isso tenha alguma relação com as minhas notas. É que só me interesso por português, redação, história e geografia!

- Pois é, mas botou numa prova que o Irã era a capital do Iraque!

Francamente, Malu1

- Ah, isso é genético, não tem jeito. Todas as mulheres da minha família são péssimas em capitais. A minha mãe, a mãe da minha mãe, a mãe da mãe da minha mãe...

- Eu não diria só em capitais...

- Ô, Gordo! Está me chamando de burra?

- Malu... É justamente porque te acho inteligente e porque gosto muito de você que eu vou te dar um conselho: pare de conversar na aula e tente prestar atenção, senão você vai repetir o ano.

- Eu não quero repetir o ano.

- Eu também não quero que isso aconteça. Não agüentaria mais um ano inteiro com você aqui filando o meu café e tagarelando na minha aula - fez graça.

Entendi o recado, baixei a cabeça, olhei para ele sorrindo com os olhos, dei um suspiro e levantei. Da porta, eu me virei para ele e disse:

- Obrigada. Pode ficar tranqüilo, eu vou estudar mais.

- E conversar menos.

- Isso - concordei.

Encantada com a sincera preocupação daquele cara que sempre foi tão gente boa comigo e com todo mundo, não resisti: corri para dar um beijo naquela bochecha gorda e fofa que eu gostava tanto,

Ele ficou vermelho. Mas sorriu genuinamente feliz. O pito professoral disfarçado de conversa amigável deu certo. Passei a meter a cara nos livros com mais freqüência, a entender o que era dito nas aulas e aprendi até a achar geometria legal. Legalzinha.

E minhas notas foram melhorando, melhorando, melhorando... E

não repeti o ano.

E viva o Gordo!

16 ANOS

Encheção de lingüiça

Eu confesso: sempre gostei de encher lingüiça. E devo admitir, modéstia lá longe, sou boa nisso. Na escola, meu lema era:

"Deixar a questão em branco jamais!". Como colar nunca foi a minha praia, toda vez que não sabia alguma coisa eu enrolava com categoria. Com o passar dos anos, tornei-me uma referência no colégio na arte de encher lingüiça.

Cheguei a dar palestra para alguns colegas, para tentar ensiná-los a enrolar:

- Para encher lingüiça é preciso ter disposição e cara-de-pau. e é

preciso, acima de tudo, que vocês acreditem em vocês, acreditem no seu poder de embromação. Mais que isso, é preciso acreditar que sua encheção de lingüiça é uma séria tentativa de convencer o professor de que a sua resposta é mais certa do que a resposta certa.

Eu tinha orgulho das minhas embromações. Era ótima enrolando. Tudo bem que os meus professores não achavam. Eles raramente se deixavam enrolar por completo. Mas me davam um décimo aqui, outro décimo ali... Por isso eu não tinha coragem de deixar nada em branco. Se eu tinha uma chance de um pontinho, por que não arriscar?

Acho que o único que ganhava de mim no quesito embromação era Dorival Mateus que, obviamente, preferia ser chamado pelo apelido Dodô. Dodô era um cara engraçado, bem-humorado, de fala mansa, pausada. Magrinho, branquinho, olho castanho, cabelinho cacheadinho e meio compridinho, vivia com cara de sono e vestia roupas que pareciam pijamas.

Nossas embromações seguiam linhas diferentes. A minhas era baseada no conhecimento da matéria, eu me preocupava em misturar encheção de lingüiça com assuntos que sabia que estavam relacionados com a pergunta. Sempre de forma objetiva, nada de escrever muito. Divagar jamais!, era meu lema número 2.

"Divagar agora e sempre" era o único lema de Dodô. Ele estavam sentado ao meu lado durante a prova de literatura. Ao fim da prova, eu estava segura, sabia que tinha mandado bem na maioria das respostas, a minha nota ia ser boa. olhei para o lado e sem querer acabei dando uma lida na prova do Dodô. Que criatividade! Fiquei chocada com o nível da embromação: Na questão "Cite e comente uma

passagem importante de *A Escrava Isaura*", ele teve o desplante de responder: A edificante obra *A Escrava Isaura* é assinada pelos autores extremamente importantes e preocupados com a cultura sócio-político-cultural do nosso país verde-amarelo, nosso Brasil varonil. O mais genial dos velhos baianos, Jorge Amado, ao lado de nossa querida e talentosa Lucélia Santos, transformou este livro numa das maiores pérolas literárias da literatura mundial. Afirmo, sem muito pensar, que é humanamente impossível citar apenas uma passagem importante do livro, já que todas as passagens são extremamente importantes, inesqecíveis e, ousaria acrescentar, inenarráveis. Como assim ele não sabia nem o autor do livro? Como assim misturou Jorge Amado com Lucélia Santos?! A atriz! E como teve coragem de dizer que todas as passagens são importantes sem citar nenhuma?

"Isso é que é cara-de-pau!", pensei.

Não resisti e resolvi continuar de olho nas respostas dele, que viraram um passatempo divertido enquanto o professor não passava para recolher as provas. Fiquei curiosa para ver o que ele estava escrevendo na segunda questão: "Defina parnasianismo."

"Lá vem bomba!", tive certeza.

A enrolação superou todas as minhas expectativas. Em vez de responder que "parnasianismo foi um movimento que, em oposição ao lirismo romântico, cultivou uma poesia de feições mais objetivas e de notável apuro de forma" (decorei no recreio, pouco antes da prova), ele escreveu:

"Palavra meticulosamente escolhida por nossos grandes e eloqüentes literatos para representar a ruptura de laços entre a literatura grega e a literatura brasileira feita no Brasil. Depois do advento do revigorante parnasianismo, nossos escritores e poetas ficaram mais livres para criar, voar nas asas de suas férteis imaginações, para usar suas penas sem pedo de censura, crítica ou comparações com as obras greco-romanas." Uau" Esse embromava. E achava que escrever com... hum...

"pompa" era meio caminho andado para convencer o professor. Eu não. Eu era mais direta. Por exemplo, respondia penas "Um movimento que trouxe modernidade para a literatura" na questão

"O que foi Modernismo". Simples, direta, objetiva, com chances reais de conquistar alguns décimos.

Diante dos absurdos escritos por Dodô, eu não agüentei e dei uma risadinha. Dodô me viu rindo e soltou um risinho também, o que foi

péééssimo, porque o Ramalho, professor de literatura, viu a gente rindo e tirou conclusões precipitadas:

- Ei, ei, ei... o que é que está tão engraçado, Dorival Mateus e Maria de Lourdes? Dividam conosco! Nós também queremos rir, não é, turma?

- Não é nada, professor, desculpe - logo me defendi. Ramalho era um senhor de seus setenta e poucos anos. Cabeça branca, cabeleira farta e voz e jeito de falar de locutor de rádio da década de 1950. Era grande, largo, meio enfezado, todo mundo tinha um pouco de medo dele, e ele adorava essa fama de mau. Vivia dizendo:

- Eu perdôo tudo: mentira, roubo, traição.. até uma punhalada nas costas. Mas cola eu não perdôo. É zero!

E foi justamente esse cara que achou que eu e o Dodô estávamos colando. Que lástima!

- Para fora os dois. Zero. E zero.

- O quê? Peraí, professor, a gente não estava fazendo nada, juro! - disse eu.

- Pode olhar as nossas provas e comparar, a gente não colou! - abriu a boca Dodô.

- Não mesmo! - insisti.

Ramalho olhou-nos com desodém e, cínico, pôs-se a ler as provas.

Nem tudo eslava perdido! Nós tínhamos chance. Ele ia ler as barbaridades que o Dodô havia escrito e constataria que as nossas provas não tinham nada parecido.

- E isso aqui? Vocês podem me explicar isso aqui? - gritou Ramalho, apontando para as nossas provas.

Oooops!

Aparentemente, o Dodô **também** não sabia o que era Modernismo.

A resposta dele era bem parecida com a minha, com pequenas alterações, bem ao estilo *dododiano*: "Movimento que encheu de transbordante modernidade as rodas literárias do mundo e, claro, do nosso enorme e maravilhoso Brasil."

- Zero e zero. Sem conversa.

- Poxa, Ramalho, o Dodô tudo bem, ele já ia tirar zero mesmo, mas eu devo praticamente ter gabaritado a prova. Eu estudei à

beça! Isso é a maior injustiça que você está fazendo na sua vida. Uma crueldade - exagerei.

Ramalho não se abalou nadinha com o fato de ser injusto e cruel.

- Eu não ia tirar zero! Ia tirar dez, você que ficou olhando para a minha prova e olha ai, me dei mal!

- Sem discussão, meninos. Podem ir para casa.

- Pô, aê, Ramalhão, tenho certeza de que sua imensa sabedoria vai te fazer refletir e você vai reconsiderar este ato impulsivo.

- Que Ramalhão, Dorival Mateus? Quem é Ramalhão, Dorival Mateus? Olhe o respeito, Dorival Mateus! Compostura!

- Mestre, eu só quero tentar te convencer de que o ideal seria que o senhor fosse para casa e pensasse melhor sobre esses zeros - explicou-se Dodô.

O Ramalho a-ma-va ser chamado de mestre. Chamá-lo de mestre era uma ótima forma de conquistar sua simpatia e aplacar seu humor.

Mas não naquele dia.

- Já pensei, Dorival Mateus. É zero. E eu não sei o que vocês ainda estão fazendo aqui na minha frente.

- Mas...

- Não tem "mas" nem meio "mas", Maria de Lourdes. Podem comunicar em casa que tiraram zero porque colaram. Que vergonha! Que vexame!

- Fala sério, mestre! Me dá uma chance! Faz prova oral comigo, eu sei tudo da sua matéria, adoro ler, amo literatura!

- Eu também, Ramalhão! Quer dizer... Ramalho... - empolgou-se Dodô.

- Não vou dar segunda chance para ninguém. Assim é bom, todo mundo nesta classe hoje aprendeu que minha fama não é folclore, eu realmente **não tolero cola**! Colou, é zero! **Zero**! Existem regras dentro de uma sociedade e também dentro de uma escola. A vida não é...

Enquanto a atenção de Ramalho estava totalmente voltada para o sermão que ele resolveu passar em dois inocentes e injustiçados, uns quatro ou cinco alunos colavam descaradamente mais à

frente.

Esdrúxula!

Estava no segundo ano do segundo grau e só então percebi que o tempo tinha passado muito mais rápido do que eu gostaria. Logo eu, que reclamava tanto da escola, admiti: seria difícil não chorar no dia em que fosse embora dali e deixasse para trás tudo o que aquele prédio representava. Os amigos, os intervalos, as histórias, os papos no banheiro, os professores, a Hemerinda...

- Ditado! - berrou a baixinha espevitada que entrou na sala feito um furacão.

Era o primeiro dia de aula. E eu fui a primeira a chiar:

- Ditado? - disse, caprichando na cara de adolescente entediada. - Fala sério, professora! - abusei.

- Quem faz ditado é pirralho! - completou meu raciocínio o Luiz Fernando Linhares.

- É! E a gente está no segundo ano! - protestou Afonso Coelho.

- Para que a gente precisa fazer ditado? - questionou Alice.

- Nada a ver ditado, aê... Nada a ver... - completou o surfista Gabriel.

- Um... dois... três... vou contar até dez e vou começar a ditar, melhor vocês pegarem seus cadernos ou uma folha de papel. Quatro, cinco... - disse, suavemente, pegando na bolsa a lixa de unha e lixando as unhas com toda a calma do mundo. E foi assim que a Hemerinda chegou. Levando poeira e deixando 82% dos alunos da turma injuriados, surpresos, perplexos, boquiabertos. Indiferentes jamais.

- Esdrúxula! - ditou, mastigando cada letras, dizendo cada sílaba com um prazer nítido nos olhos.

Esdrúxula?

Todo mundo se entreolhou.

Que palavra era aquela?

Como é que se escrevia aquilo?

Ninguém numa turma de 38 alunos sabia escrever "esdrúxula" ou nems sequer sabia o significado da palavra "esdrúxula". Ninguém suspeitava da existência da palavra "esdrúxula". Nem eu! E olha que eu era uma menina lida!

Tratei de vasculhar no meu baú mental todas as linhas de todos os livros que eu tinha lido até então, mas a porcaria da palavra e o que ela significava não estavam em nenhuma delas. Fiquei aflita. Sempre odiei não saber as coisas. Pensei comigo: que palavrinha estranha, sem graça, sem propósito... palavra esdrúxula, eu devia ter concluído.

Assim, fácil, fácil, eu, que em princípio achei um disparate a idéia de ditado, me deixei conquistar por Hemerinda. Percebi na hora o que ela queria fazer com a gente.

Senti por aquela baixinha descabelada e um pouco acima do peso uma admiração diferente. Mesmo com aquele jeitinho esquisito de generala de novela mexicana, sua sabedoria, explícita numa palavra apenas, me deixou de quatro.

- Privilégio! - ditou bem alto e pausado, como fazem as professoras do primário.

Palavrinha capciosa! Muita gente, muita gente messssmo, escreve com "e", privilégio.

Um sacrilégio, vamos combinar!

- Jiló! - emendou.

Dava pra ouvir o "Gluuup!" dos meninos e meninas. "É com gê

ou com jota?", todos se perguntavam.

Os "glups" só aumentaram, porque Hemerinda pegou pesado, Após "jiló" vieram "berinjela", "ressurreição", "exceção",

"discriminação", "fluido", "viagem", "sorriso", "amizade",

"espontâneo", "mancebo", "ansioso", "echarpe". E ela dizia com gosto essas palavras bobas, tolas, despretensiosas. Sabia que o resultado do

ditado seria catastrófico. "Anu", "acém",

"supersticioso", "abacaxi", "excêntrico"...

- Vale nota? - transformou Guilherme Almeida em palavras tudo o que a turma, em pânico, também queria saber.

- Não sei... - fez suspense depois de um longo silêncio. Mais uns segundos sem dizer nada até soltar o petardo: - "Macambúzio". E pediu os papéis de volta, sem direito a revisão. Ficou um tempo em silêncio, enigmática, olhando os ditados e fazendo umas caras estranhas. Passou os olhos em um, dois, três, quatro exercícios. Acomodou os papéis sobre a mesa e disse que só daria nota se tivéssemos ido bem. Já se a maioria dos desempenhos fosse aquém do esperado, ficaria o dito pelo não dito, o ditado não ditado. Mas Hemerinda deixou claro: ditadossurpresa faziam parte do seu show, valendo nota ou não.

- Nunca achei que fosse fazer ditado no segundo ano - reclamou Luiz Fernando.

- Sabe por que eu dou ditado para o segundo ano? Porque uma vez, no **terceiro ano**, um indivíduo escreveu isso aqui numa prova - ela respondeu enfezadíssima, virando-se para escrever no quadro: "SEQUISO". - Sabe o que ele queria ter escrito? - alterou a voz, voltando-se novamente para o quadro, onde escreveu em letras garrafais, que ocuparam todo o espaço em branco. - SEXO!

- disse, tão em caixa alta quanto a palavra que acabara de escrever. - É por isso que eu dou ditado. Entendeu?

Luiz Fernando e toda a turma ouviram a explicação em silêncio, sem mover uma palha.

Mas Guilherme Almeida não resistiu:

- Não é possível! Ninguém pode escrever "sexo" dessa maneira!

Ninguém! Se tem uma palavra que **todo mundo** sabe escrever é

"sexo"!

- Eu também achava isso. Mas aconteceu! E é por isso que eu dou ditado! - encerrou a questão. - eu tenho hor-ror de gente aparentemente letrada que segue pela vida escrevendo e falando errado.

Ela apagou calmamente o sexo do quadro, sentou-se, tirou a cara feia e trocou por uma fofa num piscar de olhos. E desandou a falar. E como falava! Quis saber sa gente, fez pergunta, fez piada. Riu, gesticulou, cativou. E falou que era casada com seu primeiro namorado, que tinha uma filha pequena, que tinha 35 anos, que odiava acordar cedo e que não bebia porque se embebedava rápido - e odiava ficar bêbada.

Disse ainda que era viciada em seriados de tevê, principalmente nos voltados para adolescentes, gostava de comer brigadeiro de panela, andava de moto pelas ruas do Rio e era rubro-negra de coração.

E fez a gente trocar o silêncio medroso pelo riso gostoso. Quando o papo estava ficando bom, tocou o sinal. Ela despediu-se e saiu da sala como chegou, como um furacão.

E deixou um vazio...

Fiquei ansiosa esperando a minha nota. Todo mundo, até os que menos ligavam para nota, ficou ansioso esperando a nota. No dia da aula...

Eu não tive nota.

A Alice não teve nota.

Ninguém teve nota.

Foi o festival das não-notas.

Éramos uma turma de imbecís. Antas. Jumentos. Jumentos sem nota.

Vou me gabar um pouquinho: só eu e umas quatro meninas que também gostavam de português e devoravam livros nos demos razoavelmente bem. Devo confessar que, como 100% da turma, não escrevi "esdrúxula" corretamente. Taquei um "ch" no lugar do

"x" (ui!) pelo qual não me perdôo até hoje. Esse ditado me ensinou muita coisa. Eu e toda a turma tínhamos certeza de que éramos os mais adultos, os mais maduros, os mais inteligentes e os mais invejados do mundo. Hemerinda provou sutilmente que nós achávamos que sabíamos tudo, mas simplesmente não sabíamos nada.

Nada de nada.

Por isso, desde o primeiro dia de aula, a Hemerinda virou a melhor

amiga da gente. Nunca levantou a voz, nunca deu ataque, quase não se estressava quando tinha falação e não se preocupava com a chamada - dava presença sempre (acho que por causa disso todo mundo fazia questão de assistir à sua aula, que era praticamente uma aula-show).

Ainda por cima, ela era divertida, criativa, ótima professora. Suas provas eram gostosas de fazer, os livros que ela recomendava eram invariavelmente ótimos (a maioria da turma acabava de ler antes do prazo estipulado) e seus ditados, até o último dia de aula, tinham sempre a palavra "esdrúxula", sua preferida. Além dos ditados, Hemerinda dava dicas muito bacanas para'a gente botar em prática os milhões de regras da língua portuguesa e aprender a falar melhor, a escrever melhor, a se comunicar melhor. Foi a Hemerinda quem me ensinou uma regrinha de crase que eu nunca vou esquecer: "Quando vou e volto dai crase há!

Quando vou e volto dei crase para quê?" Assim, ficou fácil entender por que ir a Salvador não tem o "a" craseado e ir à Bahia tem.

E foi ela que fez a gente decorar que só levavam acento as oxítonas terminadas em "a", "e" e "o". Portanto, "abacaxi", "aqui",

"ali", "jaburu", "jururu", "urubu", "anu" (outra palavrinha que a Hemerinda adorava) e tantas outras palavras terminadas em "j" e

"u" não têm acento. Fácil assim.

Nunca mais errei isso.

E me apaixonei para sempre pela nossa línqua.

Perdidamente.

Culpa da Hemerinda.

Vacas em Santa Catarina

Fui passar o carnaval com uns amigos em Santa Catarina. Florianópolis era o sonho de consumo da galera, todo mundo só

pensava em Floripa, todo mundo queria ir para Floripa, todo mundo que ia para Floripa voltava falando maravilhas. Foi a minha primeira viagem sozinha, sem os pais. Uma aventura e tanto.

Nossa programação era passar dois dias em Floripa e o resto em Garopaba, onde ficamos até o fim do feriadão. Achei que ia ser uma viagem tranqüila, já que paguei todos os meus pecados no ônibus, na hora do embarque.

Minha mãe fez um escândalo, pagou um mico atrás do outro, me deu 596 beijos, me tratou como um bebê na frente de todo mundo, pediu para o motorista tomar conta de mim, me falou para comer "feizãozinho totoso" e me deixou morrrrta de vergonha.

"Depois disso", pensei, "nada de pior pode acontecer: Aconteceu. Em Garopaba, cansadas de ficar na areia olhando os meninos pegarem onda. Alice, Cacau, Sabi e Nanda decidiram se inscrever num cursinho de surfe cujo slogan era "Pé de Anjo”, o papa do surfe, garante: pegue onda em três dias ou pegue seu dinheiro de volta".

- Que enganação! Que curso caça-níquel! Quem é que acredita que um cara chamado Pé de Anjo é o "papa do surfe"? - reclamei. As meninas não concordaram comigo:

- Que enganação, nada! Bora surfar, brou! Bora pegar mó sudões de amanhã, valeu! - fez graça Cacau.

- Será que o mar vai estar crowdeado? - disse Sabi, pegando a onda do surfistês iniciada por Cacau.

- A gente é haole, será que vão deixar a gente pegar nossas ondinhas em paz? - entrou na brincadeira Alice.

- Paz, aí... azul, mar, infinito... Lindããão... Mó natureza... Mó

adrenalina... - completou Nanda, com voz de preguiça. As quatro rolavam de rir. Estavam achando aquele papo engraçadíssimo.

Divertidíssimo.

Um sucesso aquela conversinha ridícula sobre surfe. É, eu estava emburradíssima.

Eu tinha medo de mar.

Ficava só na beirinha, e olhe lá.

Tá bom, tá bom! Eu tenho pânico de mar! E fico só na beirinha, se bobear de baldinho!

O problema é que eu não estava nem um pouco a fim de dizer isso

para as meninas... Sabia que seria zoada até o fim da viagem. Que nada!, até o fim da vida!

Essa aula de surfe surgiu para acabar com o meu conforto! Estava tão bom ficar na areia torrando com a bunda virada para o sol como simples mortal, dar um mergulho de vez em quando. tomar um açaí...

- Está calada por quê, Malu? - quis saber Alice.

- Estou com cólica, não sei se vou conseguir fazer aula amanhã

com vocês - menti.

- Cólica de quê? Sua menstruação acabou cinco dias atrás! - chiou Alice.

Melhor amiga que conhece a gente melhor que a gente mesmo irrita muito, né não?

Senti que as meninas ficaram meio desconfiadas do meu medo, mas disfarcei, mudei o rumo do papo e não tocamos mais no assunto.

No dia seguinte, o despertador tocou às seis da manhã. Seis da manhã!

- Isso lá são horas de acordar nas férias? - resmunguei.

- Deixa de ser chata, Malu! Vamos para a nossa aula. Éramos umas 30 pessoas na turma. Pessoas com idades que iam de 7 a 68 anos. Na primeira aula. fomos apresentados ao professor, um gaúcho de 50 e poucos anos que estava há 15 em Santa Catarina, chamava-se Ivan, mas era "conhecido internacionalmente" - como dizia o cartaz da sede da escolinha - como Pé de Anjo.

Na areia, Pé, como todos realmente o chamavam, ensinou o básico do surfe. Rema, rema, rema e fica em pé na prancha. Tudo bem rapidinho. Rema, rema, rema e levanta. Rema, rema, rema e levanta. Fizemos isso uma, duas, dez mil vezes. Morri de cansaço, mas tirei de letra. E minha auto confiança começou a aumentar.

- É só isso? Mole! - comemorei com as meninas.

Da areia fomos para uma lagoa perto da praia, para botarmos em prática, sem onda, o que havíamos acabado de simular em terra firme.

Todo mundo foi superbem.

Menos eu.

Surfar em terra firme era beeeem mais fácil.

Não houve santo, brisa ou incentivo das amigas que me pusesse de pé em cima daquela prancha.

- Rema, Malu! Rema! - berrava o professor, enérgico.

- Rema direito, Malu! - pediam as meninas.

- Estou remando, galera! Estou remando! - dizia eu, completamente esbaforida.

Como cansa esse tal de surfe!

Depois de ver a pirralhinha de sete anos e o cara de 68 ficarem em pé com facilidade, tive certeza de que o dia seguinte, quando enfim entraríamos no mar pela primeira vez, seria catastrófico. E estava certa.

De manhã, amarelei:

- Podem ir, eu não estou passando bem!

- Que mentira, Malu! Você não quer ir porque acha que não vai conseguir ficar em pé na prancha, ficou com medo. É só remar e ser rápida! Você aaaama remédio, é super-hipocondríaca, entra numa farmácia e logo pergunta pelas novidades! - deu ataque Alice. - Você é péssima mentindo, Malu!

- Eu sou ótima mentindo! - indignei-me. - E não sou hipocondríaca! - reagi, como boa hipocondríaca.

- Não tem cabimento você ficar aqui nesse quarto quando esse dia lindo de sol espera pela gente lá fora! Vai à aula e vê qual é! O

curso já está pago! Vamos! O que é que está acontecendo?

Por que você não quer ir?

- A minha mãe me disse ontem que aqui tem tubarão. Mentira, mentira deslavada! Imagina se eu me atreveria a contar para a minha mãe que tinha me matriculado num curso relâmpago de surfe! Ela me atormentaria para todo o sempre e não duvido nada que pegasse o próximo avião para Santa Catarina para me impedir de ato tão insano.

- Não é tubarão, é baleia que tem por essas bandas! Mas não está

na época de baleia, elas só aparecem nos meses frios!

Que chata a Alice com essa mania irritante de ler tudo sobre os lugares antes de visitá-los!

Acabei concordando diante da maciça insistência da maleta. Quando a gente chegou ao lugar marcado, o Chico, o Renato e o Giba já estavam lá. Queriam, como afirmaram com suas doces palavras, ver de perto nossas vacas (tombos, na língua dos surfistas), nossos micos e o tanto de água salgada que estávamos prestes a beber.

Uns fofos.

Pedi ao Giba para gravar a aula.

Após um longo suspiro olhando para o mar, fiz o sinal-da-cruz, driblei o medo e entrei na água. Na primeira onda, remei, remei, remei, fiquei em pé menos de um milésimo de segundo e caí na água. É. Tomei uma vaca logo na primeira tentativa. E foi ruim. Mas não tão ruim quanto achei que seria. Com areia na minha roupa de neoprene e nas narinas, levantei e não desisti.

- Reme com mais força, Malu! Reme com vontade! - pedia Pé, depois de uma longa e forte apitada.

É, Pé tinha um apito.

E usava. Para chamar a atenção da turma.

Pé era militar reformado, andava de nariz em pé como se estivesse marchando, tinha uma sisudez eterna no semblante e era baixinho, todo fortinho, sentia-se o próprio general das águas. Homem de poucas palavras, parecia ter um rei muito do esnobe na barriga.

Desde o primeiro minuto não fui nem um pouco com a cara dele. Mas como sempre fui muito fofa ignorei a implicância e encarei a aula sem tromba.

O que a gente não faz pelas amigas?

Após um período de calmaria, veio a onda, a onda maravilhosa, a onda perfeita, a onda dos meus sonhos, pequena e fraca. Não muito gorda, não muito magra... Linda! Remei, remei, remei. E

fiquei em pé.

E desci a onda de pé na prancha! Até a beirinha!

Caraca!

- Eu tô em pé, Péééé! - gritei, enquanto deslizava embasbacada sobre a água catarinense.

- Boa, Maluuu! - vibrou Pé, sentado na prancha, depois da arrebentação.

Os meus olhos arregalados e meu sorriso bobão denotavam a estranha felicidade que senti ao me equilibrar sobre aquele troço.

- Eu consegui! Eu consegui! - berrei, ao chegar perto da praia, fazendo sinais para a câmera, mandando beijos, dando soquinhos no ar. E o Giba lá, registrando tudo com a câmera, comentando, fazendo graça com os meninos, todo empolgado, se sentindo o documentarista amador.

Eu agora estava totalmente confiante no meu futuro como surfista. Inacreditável, mas eu levava jeito para a coisa. Inacreditável, mas Pé cumpria o que prometia: surfe em três dias. No segundo eu já estava surfando! Eu! Quem diria?

Que felicidade! Que felicidade infinita! Que esporte lindo! Que natureza linda! Que coisa sensacional andar sobre a água, que energia boa!

Pé apitou e anunciou:

- Atençããão, turma! Vamos para o fundo!

Para o fundo? Onde a gente está já é o fundo!, pensei. Com essa eu não contava. A energia boa foi cortada na hora. Droga de Pé!

Tratei de me curar do choque inicial remando com as meninas na direção do horizonte.

Sinistro!

Era mar para tudo quanto era lado!

Fiquei com medo. Medão.

Meu vizinho de prancha percebeu a minha cara de pânico e tentou amenizar:

- Não vai acontecer nada, tem o Pé e os instrutores para ajudar a gente. E essa prancha é enorme, é quase um navio. Não tem como a

gente se afogar com ela...-ele argumentou.

Ele disse navio, eu imediatamente pensei Titanic; ele disse

"afogar", pensei Titanic! Duas vezes Titanic! Nããããão!

- Vem para perto de mim, Malu! Tu vais conseguir, guria, deixe de medo! Venha! Hup! Hup! Hup! - gritou Pé.

Hup, hup, hup?

Alou!

Pirou o Pé!

Como assim ir para perto dele? Ele estava a quilôôôômetros de distância de mim! Estava praticamente tocando a linha do horizonte!

Enquanto eu dava minhas braçadas fraquinhas, ele tentava aliviar meu martírio marinho:

- Reme mais forte, guria! Aqui vou poder ficar de olho em ti e nada de mau vai te acontecer.

Nada de mau?!

- O que você quis dizer com "nada de mau"? - perguntei, em pânico.

- Pode acontecer algo de mau aqui no meio do mar? E só agora que você avisa?

Não sei nem se ele me respondeu. Toda a minha atenção se voltou para o tsunami que se formava na minha frente. Tive a impressão de que por mais que remasse eu nunca alcançaria a porcaria da onda.

Impressão certíssima!

A onda estourou exatamente na minha cabeça. E eu me senti uma batata num liquidificador.

Foi péssimo!

- Eu falei para tu vires para perto de mim, guria! - gritou Pé

quando eu voltei à tona, ainda zonza e com a nítida sensação de que tinha ficado embaixo d'água por dez horas seguidas. - Tá tudo bem aí? - perguntou ele, com um risinho no rosto.

- Bem?! Fala sério, Pé! - berrei.

Eu quis matar o Pé. Afogar o Pé. Morder o Pé.

Mas esse pensamento foi afastado da minha cabeça na hora em que dei de cara com outra onda, e olha que eu tinha acabado de conseguir subir na prancha e ficar deitada nela de novo. Onda na cabeça e...

Madeeeeeiraaa!

Eu e minha enorme prancha de mais de três metros fomos arrastadas novamente para o fundo do mar. Tudo saiu do lugar, meus cabelos viraram um nó e meus olhos um areal. Sem contar que dessa vez bebi litros e litros d'água e de areia (tive a sensação de ter engolido, uma a uma, as praias do Leblon, de Ipanema e de Copacabana). Enquanto rodava e rodava freneticamente submersa naquele mar antipático de Santa Catarina, cheguei à conclusão: surfe, definitivamente, não era para mim.

Quando enfim voltei à superfície, tossindo e limpando a areia do rosto, o resto da turma comemorava lááá longe, com u-hus irritantes e empolgados, "a onda perfeita" (vários alunos tinham conseguido surfá-la, Alice e Babi entre eles. Vacas! Não no sentido de tombo. No sentido de vacas, mesmo).

Olhei para o lado e a poucos metros estava a minha única colega de caldo:

- Eu tô com medo! Buááá!

Era a menininha de sete anos, que vinha nadando e chorando na minha direção. Tadinha! Ela queria amparo, claro. Estava se sentindo sozinha e desprotegida.

O que se espera num momento desses de uma menina mais velha, mais madura, mais centrada, como eu?

Calma, tranqüilidade, serenidade. Ela sabia que eu podia lhe dar tudo isso.

E eu sabia que precisava ajudar a indefesa menininha.

- Eu também tô morta de medo! Buáááá! Vem pra cá ficar comigo, por favorrrr!

É, eu não consegui ajudar a indefesa menininha. Eu assustei mais

ainda a indefesa menininha, que nadou mais rápido na minha direção. É. Eu chorei na minha aula de surfe.

Muito!

Paguei o maior mico depois da minha vaca, o pior mico aquático de toda a minha vida.

- Eu quero voltar para a areia! - disse a menina, já bem pertinho de mim.

- Eu também! Prancha feia, prancha boba! Prancha chata! – fiquei com 7 anos de novo.

- Caraca, você tá chorando mais que eu. E nem criança você é. Menos! - ela deu uma de adolescente, o que me irritou profundamente.

Cena patética. Mais patético ainda foi precisar da ajuda da pirralha para subir na prancha chata. Eu estava sem fôlego, sem força. Pé nos viu e gritou, lááá de longe:

- Vão ali para as pedras que eu já resgato vocês duas. Nós fomos. Assim que chegamos, Alice berrou, ainda comemorando a onda idiota:

- Deixa a menina aí e vem para cá, Malu! Está divertido!

Divertido para quem, cara pálida?, eu devia ter perguntado. Mas aproveitei a deixa para sair daquela situação com pelo menos um pouco de dignidade.

- Não posso deixar a menina sozinha, ela precisa de mim, precisa se sentir protegida, tomou uma vaca horrorosa! Quero que ela saiba que além de sua protetora eu sou sua amiga - gritei, abraçando a garota e dando nela uma bitoca na cabeça.

- Eu que te ajudei a subir na prancha! Isso você não fala para elas,né ... amiga.

- Sssshhh! - fiz, e continuei minha demonstração de carinho explícito.

Em poucos instantes, Pé e um instrutor vieram nos ajudar. Por um caminho de pedras, onde caí três vezes e ralei consideravelmente os dois joelhos, a dupla nos guiou até a praia.

- Bebeste muita água? - Pé perguntou.

- "Bebeste muita água?" - repeti pau, pau da vida. - O que tu achas? -

disse, debochada, imitando seu sotaque gaúcho.

- Veja só, guria, tu vieste pegar onda, mas as ondas é que te pegaram - Pé fez graça e riu sozinho.

Mas riu muito, muito mesmo.

- Dã! - eu deixei falar meu lado adolescente-irritada-e-sem palavras.

Que Pé chato!

Um pé o Pé.

Na areia, não resisti e acabei chorando um pouquinho com os meninos.

- Pensei que eu fosse morrer, gente! Um filme da minha vida toda passou na minha cabeça.

- Ah! Não exagera, Malu! - provocou Renato.

- Eu não entendo, você queria aprender a surfar e não tomar vaca?

É a mesma coisa que comer queijo estragado e não ficar com caganeira. Impossível.

- Eca! - fiz, cheia de nojinho com a comparação absurda.

- Tenho uma coisa que pode te acalmar, Maluzinha. O vídeo da sua aula. E, Ó, nem precisa agradecer - gabou-se Giba. - Muito maneiro você comemorando a sua onda!

Peguei a câmera.

Liguei, curiosa. Afinal, o vídeo deixaria registrado para a posteridade meu primeiro e único momento em cima de uma prancha.

Aqueles segundos mágicos e especiais ficariam guardados para sempre na minha história e, melhor, na minha câmera. Apertei o PLAY.

Nada.

Apertei mais umas vezes, apertei outros botões.

Nada, nada.

Giba tinha esquecido de apertar o REC, o botãozinho que faz a câmera

gravar.

Esperto messssmo.

Por causa da incompetência do pior cineasta do mundo, não tenho como provar para a humanidade que um dia fiquei em pé numa prancha de surfe em Garopaba, Santa Catarina. Um dia que, apesar dos tombos, do medo, da areia no nariz, da água que só

saiu inteiramente do ouvido uma semana depois e do pior professor de surfe da Terra, vai ficar para sempre na memória como um dia tudo de bom, um dia com gosto de sal.

17 ANOS.

BUNDA CAIDA

Houve uma fase da vida em que eu não sabia o que queria fazer: intercâmbio, Direito, Jornalismo, Veterinária, namorar, sair toda noite ou escrever um livro. Com a proximidade do Vestibular e da horrível pressão de decidir minha vida inteira em alguns meses, desandei a comer.

Sempre fui do tipo que come quando fica nervosa. E minha mãe, que vivia de dieta, controlava meu peso com mão-de-ferro. Bastava a balança estar uns ponteiros acima do normal, ela fazia questão de me chamar, sem dó nem piedade, de "baleia",

"sovacuda" e outras palavras meigas do gênero. Passei boa parte da vida engordando e emagrecendo, engordando e emagrecendo. Nesse engorda-emagrece, acabei murchando em várias partes do corpo. E num belo dia, que se transformou em tenebroso e asqueroso dia, o espelho me mostrou minha pior derrota até

então: minha bunda caíra.

Do nada. De repente.

Assim, sem avisar, sem nem uma preparação, uma conversa, uns tapinhas no ombro, um chororô. Eu tinha ido dormir com ela redondinha, em pé da silva e alegre, acordei com ela esparramada, quadrada, triste, alasanhada.

Com 17 anos, uma idade em que todo mundo tem a bunda em pé, eu tinha a bunda caída!

Fala sério!

Em frente ao espelho, que até então eu achava que era amigo meu, assisti calada e estupefada ao bizarro espetáculo das duas bandas despencando rumo ao chão.

Minha bunda caíra. E não, não era exagero.

Não tinha outra coisa a fazer a não ser procurar uma academia. Uma academia com um bom professor. Um professor competente. Um lindo professor. Apurei com as amigas e descobri que uma bem perto da minha casa tinha um deus grego que atendia pelo nome de Gilbertinho e dava aula de ginástica localizada. Fui logo tocando real para o Gilbertinho que, diga-se de passagem, era um tímido de cabelinho cor de mel sensacional e bíceps de acelerar o coração.

- Não me venha com conselhor, dicas ou palavras doces, Gilbertinho! Quero levantar a minha bunda agora! Já!

- Bora! - exclamou ele.

- Quero que as pessoas olhem para a minha bunda e pensem: "É

uma rocha? É uma bola de boliche? Não, é uma bunda! Que bunda? A bunda da Malu, a bunda mais dura da praia!"

- Bora!

- Quero suar, Gilbertinho!

- Bora!

Meio caladão o Gilbertinho. Mas pra mim ele era tão lindo que nem precisava falar.

Comecei minha rotina de malhação diária. E tome de exercícios de levantamento de peso, de caneleira. Um mês, e nada. Minha bunda continuava lá, cabisbaixa que só ela.

Meu professor tentou me animar:

- Quem liga pra a bunda?

- Fala sério, Gilbertinho! Que papo é esse? Todo mundo liga para

bunda! Eu ligo para bunda! As minhas amigas ligam para bunda. A delas **e** a das outras. Principalmente a das outras! O Brasil inteiro liga para bunda. Bunda é tudo nesse país de bundas! - exaltei-me.

- Bora botar mais peso nessa caneleira, então, bora!

- Não, mil vezes, não! Quer coisa mais patética que ficar levantando peso para ficar gostosa? Levantar peso é péééssimo!

- Mas é o que endurece e empina a bunda.

- Tá me chamando de bunda mole e caída?

- Não foi por causa dela que você entrou na academia?

- Ai, Gilbertinhoo! Pega leve! Não precisa humilhar! - banquei a irritadinha, para logo depois tentar matar a curiosidade que me corroía por dentro. - Por quê? Por que é que a bunda cai?

- A sua caiu porque você não foi legal com ela.

- Como é que é, Gilbertinho?! - disse entre os dentes. Como assim o Gilbertinho tinha me chamado de bunda caída duas vezes no mesmo diálogo? Que porcaria! Senti naquele instante que nunca teria a menor chance de ficar com ele. Gilbertinho jamais beijaria uma mulher de bunda caída.

Fiquei deprê.

- Você mesma me disse que come de tudo, enche a cara d refrigerantes, açúcar, massa, pão, salgadinhos, chocolate... - desenvolveu seu raciocínio.

- Tudo que engorda, eu sei - admiti.

- Pois é. E o pior é que você não fazia nada para gastar as calorias. Sedentarismo + comida é igual a bunda caída.

- Não tem saída - completei, sem resistir à rima infame. Valeu a pena, Gilbertinho deu um sorrisinho e me fez ganhar o dia. Mais uma semana de academia e minha pobre bundinha continuava murcha. Caidaça. E isso doía. Doía fundo, de verdade.

"Eu sou tão nova! Que mundo injusto e cruel, meu Deus!", pensava.

A malhação começou a fazer efeito um mês depois, mas enjoei da academia ao fim do terceiro mês. um saco academia. Mesmo com

Gilbertinho sempre por perto.

A Alice tentava me consolar:

- Para que levantar uma coisa que vai cair um dia? seja prática, Malu. caiu, caiu. Não chore pelas nádegas derrubadas! Apenas aceite as pobrezinhas - debochava a palhaça.

Hoje, quatro anos depois, a minha bunda continua caída. E o único exercício que me permito fazer é levantamento de talheres. E copo. E só.

Minha bunda caiu. Meu humor não. Além do mais, o que vale é a beleza interior.

Balela! Mentirona! Como dizem por aí, quem gosta de beleza interior é decorador.

Ina, ina, ina! Eu não como na cantina!

A cantina sempre despertou discussões acaloradas no colégio. Uns amavam o rango da cantina. Outros simplesmente odiavam a comida. Eu, sinceramente, adorava a empadinha massuda, o joelho (que tinha gosto de cotovelo desidratado, mas tudo bem), o bolinho de bacalhau sem bacalhau, a batata frita com gosto de óleo de soja e a minipizza gordurosa. Enfim, eu gostava de tudo na cantina.

Os preços é que não eram nada gostosos, pelo contrário, eram bem salgados. Mas não um salgado intragável, um salgado pagável. Só que de repente, não mais que de repente, num belo dia, os preços da cantina subiram absurdamente, ficaram salgadíssimos, salgadésimos. Aí eu me enfezei.

- O que é isso? Que absurdo o preço desse mate!

- Tudo subiu de preço no país - respondeu calmamente Marcelo, o responsável pela cantina.

- Os preços aumentaram 2% não 20%! - reagi, superinformada.

- Mas se quiser comer aqui vai ter que pagar esse preço.

- Isso é um absurdo! O país é regido por leis e isso vai contra as leis!

- Eu sou o responsável pela cantina e é assim que vai ser. Se não quise comer aqui, não come.

- Você não pode meter a mão nos preços dessa maneira, Marcelo!

Ninguém aqui é rico! - indignei-me.

- Você está atrapalhando a fila...

Não resisti e mostrei a ele minha indignação:

- Absurdo! Absurdo! Absurdo!

Quando dei por mim, todos os alunos à minha volta faziam coro comigo:

- Absurdo! Absurdo! Absurdo!

Ups!

Sem querer, eu iniciei um movimento estudantil na escola. Sem querer, eu virei Malu - a Justiceira, Malu - A defensora dos Fracos e Oprimidos, Malu - A Cidadã.

Os gritos de "É isso aí!" e "Mandou bem, companheira!" encheram meu ego e me deixaram com mais fome de justiça ainda. Foi então que botei em palavras toda a minha revolta com aquele aumento abusivo de preços:

- Ina, ina, ina! Eu não como na cantina! Ina, ina, ina! Eu não como na cantina! - berrei a plenos pulmões. Pronto, a confusão estava feita.

Ninguém entrava na cantina. Quem furava o bloqueio era vaiado pela multidão.

Foi então que virei Malu, A Piqueteira.

Uma onda de indignação tomou conta dos alunos ali presentes, que começaram a protestar, seguindo os passos da líder do movimento, euzinha:

- Asa, asa, asa! Vou trazer lanche de casa! - puxou Cléo, do primeiro ano.

- Ô, ô, ô! A cantina é um terror! - gritou Sofia, da sétima série.

- Ata, ata, ata, na cozinha tem barata! - cantarolou Tom Rubens, da quinta série.

O professor Adalberto, de biologia, um cara meio largadão, surfista de fim de semana, que só usava camisões estampados e vivia de bem com a vida, observava tudo de longe, em silêncio, enquanto bebe-ricava um mate.

Em pouco tempo chegou Diógenes, o intransigente, inflexível, antiquado e antipático coordenador do terceiro ano.

- Acabou a bagunça! Acabou! - coordenou, ríspido. A galera dispersou e eu, claro, fui para a sala dele.

- Malu, o que aconteceu? Por que você criou essa baderna?

- Não era baderna. Eu estava apenas lutando pêlos meus direitos. Eu, como consumidora, me recuso a pagar esse preço absurdo da cantina. E meus colegas também.

- Seus colegas não sabem o que fazem. Estão lá pela farra.

- Pela farra? Acho que você está subestimando seus alunos, Diógenes. Ninguém está fazendo farra. A gente está exercendo a nossa cidadania. A cantina não pode inflacionar os preços assim. É crime!

- Baderna não resolve as coisas, menina.

- Já disse que não era baderna. Você prefere que a gente aja como alunos lesados, sem noção da realidade? - disse eu, impaciente. Com a mão apoiada no queixo pontudo, ele me ouviu em silêncio. E determinou, serenamente:

- Eu vou mandar uma carta de repreensão para a sua casa. Quando eu, indignada, preparava-me para dizer um irritado "O

quêêê?!", fui surpreendida pelo barulho da porta se abrindo.

- Com licença, eu estava na ante-sala tomando um café e não pude deixar de ouvir. Desculpa, Diógenes, mas eu acho injusto você

fazer isso com a Malu - disse professor Adalberto.

- Como é que é? - enfureceu-se Diógenes.

- Ela não fez nada de mau, apenas protestou contra os preços abusivos. Eu estava lá, eu vi.

- Ela criou algazarra, professor.

- Você está enganado. Não sei se você sabe, mas o Marcelo aumentou demais os preços da cantina.

- E ninguém aqui é rico! - gritei revoltada.

E encantada com o professor fofo que foi lá me defender.

- Preço não é motivo para piquete! Ainda mais dentro da escola!

Onde já se viu? Não dá para impedir as pessoas de entrarem na cantina, Malu.

- Ninguém vai entrar na cantina se os preços não baixarem! E não é porque eu vou impedir! É porque ninguém quer entrar na cantina! Nem os mais esfomeados! Tá todo mundo revoltado com os preços!

- Suspensa, Malu!

- O quê? - indignei-me.

- O quê?! - Adalberto indignou-se mais ainda. - Você está dando uma suspensão por ela ter começado um movimento

reivindicatório? Por ela querer lutar pêlos seus direitos? Discordo totalmente.

- Discorda? Você não tem nada que concordar ou discordar, você

é apenas um professor.

- Apenas? - enfezei-me. - Como assim "apenas"? Fala sério, Diógenes!

- Não se meta, Malu!

- Claro que me meto. Que eu saiba essa escola estimula o diálogo, a transparência, a discussão. Não acho certo você falar com ele assim. Ainda mais na minha frente!

- Três dias de suspensão - decretou Diógenes, seco. Fiquei sem ação, sem, palavras. - Espero que esteja claro quem é o coordenador aqui. Quanto a você, professor, vamos ter uma conversinha depois.

- Eu gostaria de conversar agora - peitou Adalberto. - Atitudes como a da Malu deveriam ser incentivadas na escola, não repelidas. Os jovens precisam aprender desde cedo que eles podem, sim, lutar contra o que

acham injusto, lutar pelo que querem, pelo que acham melhor para eles. Vivemos numa democracia, Diógenes! - exaltou-se.

O clima pesou. Para não discutir com o professor de biologia na minha frente, Diógenes ficou de repensar a minha suspensão e me dispensou, queria ficar logo a sós com o Adalberto. Saí da coordenação muda, triste, decepcionada e preocupada, e assim fiquei até a hora da saída, quando soube que a conversa dos dois tinha sido longa, mais de uma hora.

No dia seguinte, o piquete ganhou a adesão de mais alunos, que foram para a escola com cartazes e faixas em que se liam desde

"PREÇOS BAIXOS JÁ!" a "ITO, ITO, ITO, SE EU COMO

AQUI VOMITO". E todos, sem exceção, levaram lanche de casa. Inclusive o professor Adalberto, que estava mais ainda do nosso lado, mesmo depois da tensão na sala do Diógenes. Ele que sugeriu fazermos um abaixo-assinado para levarmos nossa reivindicação adiante.

- É o primeiro passo para conseguirmos alcançar nosso objetivo, já que muita gente é melhor que pouca gente, impressiona muito mais - explicou.

Dito e feito. Adalberto e outros (poucos) professores assinaram, assim como pais e alunos de todas as séries. Conseguimos mais de 600 assinaturas. Tínhamos um documento e tanto para mostrar à direção da escola, estávamos perto de conseguir baixar os preços da cantina.

Marquei uma reunião com o diretor do colégio. Fui com o Adalberto, claro, meu professor companheiro, meu professor mais querido. Expus toda a minha indignação, levei recortes de matérias de jornais condenando aumentos abusivos, mostrei o preço de um mate no supermercado e comparei com o da cantina... falei, falei, falei.

Adalberto ficou quieto a maior parte do tempo, apenas observando. Parecia orgulhoso da minha atitude, o que me deixou bem confiante. O único comentário que ele fez durante a reunião foi sobre a postura do Diógenes em relação ao piquete. O diretor ficou de analisar o caso.

Quando saímos da sala me bateu um baita medo. Medo de perder o Adalberto. Estava todo mundo dizendo que ele ia acabar sendo demitido por se engajar tanto num protesto como aquele, por ser o primeiro nome do abaixo-assinado, por peitar o coordenador... Dois dias depois, o diretor me chamou. Contou que não entrou em acordo

com o Marcelo e, portanto, abriria imediatamente uma licitação para escolher o novo responsável pela cantina. Uau! Uma vitória e tanto!

Corri para comemorar com Adalberto, meu professor piqueteiro, que rne esperava do lado de fora do colégio com a galera que protestou,

- A gente conseguiu, prof l A gente conseguiu! - eu gritei, enquanto o abraçava.

- U-hu! - berrou a galera, aos pulos.

- Parabéns, Malu! Viu como vale a pena lutar pelo que a gente quer? - disse o fofo, me retribuindo o abraço apertado. O Adalberto, naquele dia, virou o nosso herói. Nosso professor preferido.

- Ente, ente, ente, Adalberto presidente! - gritamos, numa alegria incontrolável.

Ele ria, genuinamente feliz, nos braços do povo, quer dizer, dos alunos, que teimavam em jogá-lo para cima, tal qual jogadores fazem com os técnicos em final de campeonato.

E sobre a demissão... Bem, o episódio acabou, sim, em demissão. Não na do Adalberto, ainda bem!

O Diógenes foi mandado embora.

Não por justa causa. Mas por uma causa justa.

18 ANOS

Cantando na auto-escola

Assim que fiz 18 anos, eu me matriculei numa auto-escola. Meu maior sonho era dirigir, guiar um carro era simplesmente a coisa mais adulta do mundo para mim.

Nas primeiras aulas meu instrutor foi o Jurandir, um cara mais velho, de voz grossa, bocão e tiradas engraçadas, que pediu demissão pouco depois que eu entrei. Até hoje não sei se foi por minha causa. Eu era pééééssima aprendiz de motorista. Além de dizer "não vou conseguir" todas as vezes que ele me pedia para fazer algo, o carro morria direto

na minha mão.

Quando Jurandir saiu, entrou o Wellington, de 20 anos, olhos profundamente azuis e mais nada de bonito. Nem de atraente. Nem de interessante. Wellington era alto demais, magro demais, desengonçado demais e tinha dentes demais na boca. Como se não bastasse tudo isso, Wellington era cafona. Muito cafona. Do tipo que acha que fumar é chique. E quer coisa mais cafona que fumar?

Ele usava umas camisas de seda com estampas berrantes, abertas até quase o último botão, que eram o retrato do mau gosto. As calças também eram tétricas: tinham o fecho beeem acima do umbigo, quase no peito. E eram justas. E ele não era gay!

Para piorar, Wellington pintava (isso mesmo, pintava!) os cabelos de preto (isso mesmo, preto!), tinha enormes costeletas, que cultivava com carinho, e, para arrematar, um topete (topete!)

"Elvis não morreu". Sentia-se o John Travolta em Grease e, inacreditável, considerava-se o mais gato dos gatos. Para completar, o cara cantava. Mal. Para meu sofrimento, ele levava CDs e fazia questão de organizar a trilha sonora de cada dia. Seu sonho era ser "cantordjei", segundo ele uma mistura de cantor com DJ, um DJ que canta as músicas que toca, pelo que entendi.

Se íamos para as proximidades da Quinta da Boa Vista, ele atacava de Caetano. Na confusão da Saens Pena, cantarolava Rolling Stones. No Alto da Boa Vista, Marisa Monte. No rush da Conde de Bonfim, O Rappa. O problema é que além de mal Wellington cantava errado! Djavan, então... Coitado do Djavan. O verso "Amar é um deserto e seus temores", de Oceano, virou

"Amarelo deserto e seus tremores (tremores!)" e "Mais fácil aprender japonês em braile", da linda "Se", na versão dele era

"Mais fácil apedrejar póneis em brasas". E Ed Motta? Em vez de

"Um triste pierrô mal-amado", de Colombina, ele cantava "Sou um PEIXE pierrô mal-amado", com ênfase no peixe. Tudo na mais perfeita desafinação. E naquele calor tijucano de rachar, dentro de um carro que eu tentava decifrar, de direção dura e pedais nada macios, sem direito a ar-condicionado! Uma delícia. Vai parecer piada, mas não é: ele cantava os tremores do deserto amarelo e os póneis em brasas apedrejados (tadinhos dos bichinhos!) com entonação de conquistador, com voz sussurrante. Dá para imaginar essas letras surtadas e deturpadas interpretadas com um toque de sedução e um

olhar cafajeste? Fala sério! Um dia não aguentei e falei:

- Chega Wellington! Você canta errado, cara! Muito errado! E me desconcentra! Vamos ouvir a música sem cantar, quietinhos, tá?

Quando a gente quiser cantar junto com o artista a gente vai ao show!

Para quê! Ele deixou de cantar para **me** cantar:

- Sério? Esse fim de semana vai ter show do Bonde das Popozudas lá no meu bairro. Posso te buscar e depois te deixar em casa. E, depois do show, eu posso... ficar quietinho com você, princesa - sussurrou.

"Princesa"? "Quietinho"?

Bonde das Popozudas?

Alô-ou!

Eu queria ter dito "Que mane princesa, meu filho? Que mane quietinho? Endoidou? Que intimidade é essa?", mas disse:

- Nem pensar, meu filho - mantive o "meu filho". Nada menos sexy e mais direto da que um "meu filho" para frustrar qualquer tentativa de cantada. Aproveitei o corte para mudar de assunto: - Como é que engata a ré, rresmo?

- Não sei.,

- Como não sabe?

- Sua beleza é tanta que me faz esquecer de tudo a minha volta. A estratégia do "meu filho" definitivamente não tinha dado certo.

- Que é isso, Wellington? Você bebeu?

- Bebi. Estou embriagado de paixão...

- Fala sério, Wellington! - reagi, indignada. Não demrei a chegar à conclusão de que Wellington era péssimo cantando. Músicas e garotas.

- Me empresta o celular? Quero ligar pra minha mãe para dizer que acabei de encontrar a mulher da minha vida.

- Helooou! Terra chamando Wellington! O que deu em você?

Assim vou me sentir obrigada a trocar de instrutor!

- Não, de jeito nenhum, mil desculpas, Malu, mil desculpas. Fiquei com peninha.

Afinal, era um cara apaixonado.

Bonitinhooo!

- Tá... Está desculpado - fui magnânima.

- Não conta nada para o meu chefe?

- Claro que não.

- Pô, Malu, valeu, valeu mesmo.

- Beleza, mas parou esse negócio, hein? Não quero mais saber dessa bobagem de você me azarar, tá?

- Já parei.

- Agora dá para me ensinar como é que se engata a ré?

Wellington me ensinou a engatar a ré, o que eu consegui fazer depois da vigésima quinta tentativa. Estava melhorando a olhos vistos, tinha demorado 87 vezes para aprender a engatar a primeira marcha sem deixar o carro morrer.

Na aula seguinte, Wellington continuou puxando assunto:

- Malu, estive pensando...

Fiquei com medo. Sempre fico com medo quando garotos pensam. Nunca vi sair boa coisa de pensamentos masculinos.

- Já que a gente não vai se pegar, você podia me ajudar, né? Eu não acreditei naquela pergunta.

- Ajudar em quê?

- A pegar alguém. Como é que eu sou tão pintoso e não pego ninguém? Nenhuma garota quer ficar comigo, Malu... E eu sou tão cheiroso, tão na moda...

Pára tudo!

O Wellington acreditava que era uma pessoa "na moda"! E

gostava sinceramente da sua colónia barata, que cheirava a xarope para tosse!

Tadinho!

O pior ainda estava por vir: o Wellington chorou. Chorou!

Como não aguento ver homem chorando, não resisti e me pus a sua disposição para transformá-lo num cara pegável. Tarefa difícil, uma missão quase impossível, mas eu, Malu, fofa e superconhecedora de moda, estava pronta para o desafio fashion. Em dois meses e meio de auto-escola, aprendi a guiar e fiz uma boa ação: dei um trato no Wellington. Eliminei as cafonices do armário dele, compramos camisas novas e discretinhas, levei-o ao meu cabeleireiro e o proibi de pintar o cabelo e cantar. Para sempre.

Ajeitadinho e com as roupas certas, não é que ele ficou pegável?

Não o meu nível de pegável. Pegável geral. Pegável pela galera. Eu sempre fui meio exigente com garotos. Eles precisavam mexer comigo. Tudo bem que muitos, muuuuuitos mexeram comigo, mas isso não aconteceu com o Wellington.

Resumindo: bonitinho e cheirosinho, ele não demorou para ficar com uma menina. Depois veio todo bobo me agradecer, beijou minha mão e, fofo, me pediu um abraço. Estava feliz, olhinho brilhando.

E foi nesse minuto que eu me achei muito, mas muito maneira. Muito gente boa, muito pessoa superlegal. Eu me tornara, sem querer, uma bem-sucedida professora. Eu! Pro-fes-so-ra! Ensinei um instrutor a se vestir, a agir, a parar de cantar... E gostei dessa sensação. Achei tudo de bom ser professora. Pensei até em abrir um curso, que já nasceu na minha cabeça com texto para os classificados: "Você não pega ninguém há séculos? Anda preocupado com a pouca duração de seus relacionamentos? Quer saber onde está errando? Seja avaliado sincera e objetivamente por uma especialista e saiba como melhorar seu desempenho com o sexo oposto. Faça bonito na hora da conquista. Contrate uma estilista. Malu, a estilista da vida."

Uau! Que ridículo!

Mas na época eu não achei. Tanto que anotei numa agenda para não esquecer.

Nada, nada, nada!

Primeiro dia de aula na faculdade. Um mundo novo, diferente, cheio de gente bonita, u-lalá! Novos amigos, novas matérias, novos aprendizados. Eu tive a sensação de finalmente ter virado gente. É, foi exatamente essa a sensação que eu tive no primeiro dia de faculdade.

Estava curiosa para conhecer as pessoas, para ver como eram as aulas, os professores, o comportamento em sala de aula... Os primeiros tempos seriam de Língua Portuguesa, com a Carlota.

Carlota parecia um personagem de história em quadrinhos. Magrinha, baixinha, de óculos, falava rápido... Entrou na turma sorrindo de orelha a orelha, deu um bom-dia empolgado e desandou a falar.

- Ah, primeiro ano... que coisa boa! Adoro dar aula para o primeiro ano. Meu nome é Carlota e é realmente um prazer imenso conhecer vocês. Vocês costumam se lembrar do que sonham?

Hum... Assim... Como? Não era aula de Língua Portuguesa?

Depois que a turma inteira se fez essa pergunta, ela completou:

- Alguém pelo menos anota os sonhos?

Diante da perplexidade da turma e de tímidas respostas...

- Não? Caramba! Então eu quero que a partir de agora vocês anotem os sonhos. É dever de casa.

Nossa! Se eu tivesse um diário, escreveria nele: "Começo de dia beeeem diferente do colégio. Professora beeeem maluca." Como ninguém se atreveu a falar, Carlota continuou:

- Eu prometo que em breve vou decorar o nome de todos, faço questão de conhecer a fundo cada um dos meus alunos e vamos começar já! Já! Quero que vocês peguem papel e caneta e façam um texto contando por que estão aqui, o que esperam da faculdade... essas coisas. Beleza?

Que legal!, pensei. Se tivesse um diário, escreveria: "Não é

diferente nada! É igual ao colégio. Igualzinho. Professora maluca pediu para fazer uma redação, mas em vez de redação chamou de texto."

- Vocês têm oito minutos - decretou.

Obviamente, no meu diário imaginário eu riscaria imediatamente o que escrevera e substituiria por:

"TOTALMENTE DIFERENTE DO COLÉGIO. OITO

MINUTOS PARA ESCREVER UMA REDAÇÃO! EU

DEMORAVA 50 PARA ESCREVER UMA REDAÇÃO NO

COLÉGIO! SINISTRO. PROFESSORA SINISTRA.

EXERCÍCIO SINISTRO."

- Oito minutos? - disse a turma quase toda em coro.

- Quantas linhas? - perguntei.

- Quantas vocês quiserem.

- Vale nota? - quis saber um aluno.

- Não! E parem de fazer essas perguntas colegiais. Agora vocês estão na faculdade! - disse ela, em tom de brincadeira. Mas a turma não entendeu e continuou olhando séria para ela. - Não me olhem com , tssâs caras espantadas porque eu estou ficando com *meda* - brincou.

A turma continuou perplexa, sem ação.

- Vamos, gente! Vocês não querem ser jornalistas? Jornalista vive correndo contra o tempo, tendo que escrever com ou sem inspiração em cinco, dez, vinte minutos! Não foi essa a profissão que vocês escolheram? É bom aprender desde já como é escrever sob pressão.

Uau! Como era objetiva a baixinha! E ligada na tomada!

Entendemos o recado e começamos a escrever.

Eu contei que meus pais eram jornalistas, que queria trabalhar com jornalismo de moda, que tinha vontade de ser garota do tempo do Jornal Nacional pelo menos por um dia, que odiaria trabalhar com Economia, que na faculdade queria aprender coisas novas todos os dias, fazer amigos, ler livros interessantes... Os oito minutos viraram dez, e ela passou para recolher os textos.

- Agora eu quero que vocês escrevam sobre o nada.

- Sobre o nada? - perguntou uma loirinha que vestia turquesa da cabeça aos pés.

- Nada... nada? - indaguei.

- Nada, nada, nada - respondeu. - Quero saber a noção que vocês têm do nada.

Caraça!, pensei. Que profundo!

"O nada. Nada. Na-da. Palavra dissílaba que diz nada. Na-da", eu comecei, rabiscando tudo logo em seguida.

- Pode rasurar? - perguntei.

- Pode - respondeu Carlota.

"Nada.

Enfezada.

Goiabada.

Matriculada.

Desejada.

Nada Desejada.

Nada a declarar."

Ui! Mil vezes ui! Tentei fazer uma coisa modernosa para a professora maluquete mas ficou pééésssimo.

- Pode rasurar mais de uma vez?

- Quantas vezes você quiser!

Mais uma rasura.

"Nada. O oposto de tudo. O vazio. O neutro. O escuro. O claro. O

detergente. O sabão em pó." Não. "Nada, palavra que quer dizer tantas coisas, tem tantos e tantos significados, mas ao mesmo tempo não quer dizer nada...", a minha mão começava a suar. O

tempo passava e eu nada de escrever sobre o nada.

"Não consigo pensar em nada. Absolutamente nada. Escrever sobre o nada não é nada fácil. 'Nada que eu não vá conseguir', perrsei quando a professora pediu que escrevêssemos sobre o nada. Que nada! Enganei-me redondamente. Nada me vem à

mente, nada me faz escrever uma linha que seja! Que nada angustiante! Quanto mais escrevo, mais vazia de ideias fica a minha cabeça. É fato: meu cérebro está cheio de nada. Imagino que essa sensação seja o nada. O nada é chato." Foi o que saiu, mais ou menos. Inacreditável, mas a Carlota gostou! Do meu e de outros exercícios que se pretendiam criativos.

Com o nada, ela mostrou para a gente que criatividade era tudo na carreira que estávamos abraçando. Criar, e com criatividade, nesmo que sob eterna pressão, seria nossa tarefa dentro de quatro nos e era bom aprender desde já. Ponto para ela, que conseguiu mostrar o cerne de uma profissão logo no primeiro dia de aula. Em poucas semanas, Carlota já tinha conquistado toda a turma. Gostamos tanto de suas aulas que fizemos um abaixo-assinado para continuarmos com ela no período seguinte. Ela ficou feliz da vida com o carinho. E nós, felizes da vida por mais seis meses de aula com aquela doidinha do bem, que gostava de anotar os sonhos e falar sobre o nada.

19 ANOS

Energia em harmonia ou aproveitando o cemitério

Aos 19 anos, cansada de viver brigando com a balança e decidida a manter meu corpo e minha mente em equilíbrio, decidi entrar na aula de yoga. Yoga é tudo na vida. Por causa dela, há dois anos emagreci e tenho conseguido manter o meu peso (só dou uma engordadinha nas festas de fim de ano. Mas é coisa pouca). Deixei meu corpo durinho e condicionado e consegui melhorar minha péssima concentração. Da yoga para o interesse por outros assuntos orientais foi um pulo.

Depois de uma sessão de shiatsu fiquei impressionada com o bem que uns apertões podem fazer pelo nosso corpo. Uma hora de massagem tirou de mim um torcicolo insistente e uma dor gigante na área dos ombros. E eu botei na cabeça: "Preciso aprender shiatsu." E assim foi feito. Procurei cursos e informações na Internet, vi se teria grana... Estava realmente empolgada com a ideia de aprender uma coisa com a qual eu poderia ajudar as pessoas e ainda ia me deixar mais zen,

menos agitada e ansiosa. Matriculei-me logo num curso de shiatsu. Era novo, sem referência. Quer dizer, a única referência era minha mãe.

- Maria de Lourdes, você já ouviu falar no Ben Zen? É um curso de shiatsu ma-ra-vi-lho-so! A prima da Teresa, do salão, falou que uma amiga da sobrinha dela adorou! E é aqui do lado, no Grajaú, mesmo!

Como era o mais barato, o único que eu podia pagar, foi nele mesmo que eu fui.

Meia hora antes de ir para minha primeira aula, achei por bem passar um tempo no meu quarto desligada do mundo, das coisas materiais, dos pensamentos negativos. Aquele dia era especial. Por isso, acendi um incenso, fechei os olhos suavemente e pus-me a meditar ao som de mantras. Queria estar purificada para começar meu curso com a energia renovada.

Pena que o local do curso era beeeem diferente do que eu pensava que seria: uma sala em tons pastel, com barulho de fonte de água artificial, músicas indianas ao fundo e decoração zen baseada no feng shui. Ao contrário, era uma sala com paredes descascadas e mal pintadas de verde-abacate (isso mesmo, você leu direito, verde-abacate!), três cadeiras de plástico velhas, um póster de propaganda de cerveja grudado na parede com fita adesiva e uma mesa pequena onde uma mocinha de uns 22 anos lia calmamente uma revista de fofocas enquanto ouvia, nas alturas, "As Melhores do Brega - Volume 4".

- Bom-dia! Eu sou a Malu e você? - disse, sorrindo com todo o meu rosto. - Namastê? - gastei meu lado esotérico com ela, uma menina com cara de buldogue, a personificação da antipatia. Ou seja, exatamente o oposto do que a gente espera de uma recepcionista de curso de shiatsu.

** Namastê é uma expressão de origem hindu que significa "O*

Deus que há em mim saúda o Deus que há em você".

Sem sequer esboçar um sorriso ou qualquer movimento facial fofo e convidativo, ela disse:

- Os outros três alunos ligaram para avisar que não vão poder vir hoje - rosnou. - Você gostaria de fazer aula sozinha?

Venci o medo que senti dela num primeiro instante, achei um luxo ter uma personal-shiatsu e respondi:

- Adoraria!

- Adoraria? Sério? - perguntou, desapontada.

Ela fez questão de me mostrar que ficou bem, mas beeeem irritada com a minha resposta. Sem mais nada a dizer, levantouse, foi pisando duro até um cabide ali perto, tirou dele um dos três jalecos encardidos que estavam pendurados, deu uma fungada caprichada na gola e no tecido que cobre as axilas e vestiu.

- Vamos? Ah, tá.

A recepcionista era a professora. E, pela cara azeda, a professora não estava num bom dia. Depois de um suspiro entediado, começou, em tom áspero (quem ouvisse de fora podia achar que ela estava brigando seriamente comigo):

- Shiatsu é uma palavra de origem nipônica que significa "pressão dos dedos". É uma arte tradicional japonesa bastante antiga, que se vale do estímulo da pressão do toque para harmonizar o fluxo de energia do nosso organismo.

O texto decorado a fez parecer uma dessas atendentes de telemarketing. A má vontade era tanta que a minha vontade foi sair correndo dali. Mas não deu.

Não tem um só dia em que o Jeremias chegue na hora. Um dia! O

cara é atrasado. Sabe pessoa atrasada? Pessoa que simplesmente não chega? É o Jeremias.

- Sei - respondi, atónita com o desabafo repentino.

- Ele marca de almoçar comigo e cadê ele? Cadê? Marcamos meio-dia. Que horas são? Que horas são?

- Três e meia! - disse eu assustada.

- Pois é! **Três e meia**! E pergunta se liga?

- Liga?

- Não liga! - enfureceu-se ela.

- Mas vai ligar... - dei uma mentidinha básica.

- Liga nada! Por isso esse namoro não vai dar certo nunca! O cara é um safado, sem-vergonha, cachorrão, gali...!

- Você estava falando de harmonização de energia... - cortei o assunto e a negatividade. Ô, astral pesado! E eu com o intuito de ficar calma, zen. Ia ficar zen tímpano com aquela mulher doida berrando no meu ouvido, isso, sim!

- Desculpe, eu me exaltei. Energia... É isso, o shiatsu desfaz os bloqueios nos canais de energia do corpo, que são os meridianos, e equilibra as polaridades yin e yang, prevenindo doenças e tratando vários distúrbios.

- Arrã... legal... Mas você vai me dar aula assim, desse jeito meio... monótono e... decorado? Achei que eu já ia aprender a fazer alguma coisa.

- Iiih... Que é isso, hein? É reclamação? Porque se for reclamação, é só com Dona Cilene e Dona Cilene não está. Dona Cilene está

com incontinência urinária e foi no médico resolver. É Dona Cilene que manda. Eu estou seguindo a apostila. Na apostila está

assim e Dona Cilene disse para a gente seguir a apostila nas aulas.

- Entendi... - o argumento e a roubada em que eu me meti, eu devia ter completado.

- Bom... - pigarreou. - Voltando à aula: o shiatsu é tão poderoso que pode até ajudar uma pessoa a recuperar sua felicidade interior.

- Sério? Como?

- Não sei, já faço shiatsu há três meses e ainda estou querendo descobrir o que isso significa, porque eu não fiquei nem um tiquinho mais feliz depois do shiatsu. Nem um tiquinho! As minhas contas continuam infernizando, meu pai continua desempregado, o salário continua não durando até o fim do mês, há quatro anos a minha irmã diz que vai se mudar lá de casa com as gémeas, o menino, o marido e o cunhado, a nossa geladeira faz um barulhão que não deixa ninguém dormir, o Flamengo está na pior, pararam de fabricar meu iogurte preferido, a sola do meu melhor sapato descolou justamente hoje, que

tenho uma festa, e continuo encalhada. Quer infelicidade maior que essa?

- Você... você dá aula de shiatsu há **três meses**? - espantei-me, mostrando a única parte que eu havia registrado daquele megadiscurso revoltado.

- Não, eu faço aula há **três meses**. Há dois eu **dou** aula.

- Ah, tá... - fiquei chocada.

- Mas shiatsu não tem mistério. É só botar os dedos num pontos aí

que a gente tem pelo corpo e apertar, apertar, apertar e soooltaaarrr... apertar, apertar, apertar, sooooltaaarrr... Você acredita que minha mão ficou muito melhor para jardinagem depois do shiatsu? Agora minhas plantas estão umas belezas.

- Olha aí uma felicidade que o shiatsu te deu: habilidade com as plantas - brinquei, já conformada com o dinheiro que tinha jogado fora.

- Que felicidade, menina? Que felicidade? Aí mexo na terra, adubo a terra, afofo a terra, fico com as unhas todas ferradas, cheirando a bosta, com terra espalhada pelas mãos... Aí tenho que marcar manicure, mas você acha que é qualquer manicure que acerta tirar terra e cheiro de terra da mão da gente? É, ruim, hein?

O pior é que as manicures estão se achando, cobrando os olhos da cara!

- Mas por que você não usa uma luva para mexer na terra?

- Porque aí eu não sinto a terra, não entro em contato com a natureza, com a vida, com o cosmo, com as partículas de energia contidas na terra, com os duendes errantes do arado, com os antepassados, com a nossa raiz. Terra é raiz, é nascimento, é

transmutação. Não posso bloquear toda essa troca energética com um par de luvas de

borracha.

- Arrã - fiquei perplexa. - Mas... e os meridianos? Fala dos meridianos, vai! - pedi, na minha última tentativa de aprender algo.

- Claro que falo! Os meridianos são... Vem cá, você já foi ao Jardim da

Saudade?

- Não, o que é isso, é um parque novo? Estão fazendo shiatsu lá?

- Que parque, o quê? Que shiatsu? É um cemitério! Aposto que você vai querer ser enterrada lá!

- Vira essa boca pra lá, menina! Não quero morrer tão cedo! - disse eu, batendo na madeira.

- Vai por mim, você vai a-mar. É tão lindo! Tão cheio de verde, cheio de árvore, cheio de vida!

- De vida? Fala sério!

- Ontem fui ao enterro da prima da cunhada do meu vizinho. Porque eu vou mesmo a tudo quanto é enterro, sabe? A-do-ro. Acho um programão ler o obituário e ir a enterro. A gente encontra os amigos, faz novos amigos, fica sabendo das novidades, quem está com quem, quem viajou, quem lipoaspirou, quem morreu e não avisou...

- Arrã... - quedei-me boquiaberta e assim permaneci, ouvindo a doida.

Eu não tinha nada mais a fazer além de ouvir a doida. Não consegui imaginar nenhuma outra coisa que eu pudesse dizer para trazer a conversa de volta ao tema da aula: shiatsu.

- Minha irmã arrumou namorado num enterro, sabia?

- Olha só... - reagi, zero ânimo.

- Eu gosto de enterro, mas eu gosto mais é de cemitério, mesmo. De conhecer cemitérios, de ler as lápides, de ver túmulo de artista, de aproveitar o silêncio... E eu vou a cemitérios acima de tudo para pesquisar. Porque quero ser bem enterrada, sabe? Imagina se me enterrarem num cemitério com o qual eu não simpatizo? Sem vista?

Como saía bobagem da boca daquela mocinha!

Aproveitei que ela parou para respirar e falei:

- O papo está ótimo, mas eu vou indo. Volto na próxima semana, para ter aula com a turma toda, tá?

- Ué, mas a gente nem entrou na parte da energia positiva, dos benefícios do shiatsu para o estresse, para dores nas costas, dor de cabeça... Até para curar mau humor o shiatsu é ó-ti-mo!

- Nota-se - ironizei.

Ela não percebeu e seguiu impávida:

- Vem cá, antes de ir embora, será que você consegue usar o que eu te ensinei hoje para dar umas dedadas aqui nas minhas costas?

Dá uma olhada, é bem aqui que está doendo - disse ela, apontando para a região da nuca. - Você lembra, né? Aperta, aperta, aperta... e soool-taaaa... Estou com essa dor há mais de uma semana, acredita?

Não, não acreditei. Cheguei a olhar para o teto e para os lados, à

procura de câmeras escondidas. Jurei que aquilo era uma pegadinha. Só podia ser uma pegadinha!

Não era.

O pior ainda estava por vir: eu fiz massagem na doida!

Eu fiz massagem na doida!

E só chamo a mulher de "doida", pois nunca soube seu nome. Tranquei matrícula naquela tarde mesmo, assim que cheguei em casa.

E minha mãe ouviu muito naquele dia. Muito! "Amiga da sobrinha da prima da Teresa do salão..." Humpf!

20 ANOS

Anatomia

Era simplesmente impossível prestar atenção por mais de três minutos à aula do Paulino Domano. Motivo: ela era muito, muito, muito chata. A matéria, psicologia, era até instigante, mas o professor...

Sabe pessoa esquisita? Era o Paulino Domano. E ele gostava de ser chamado sempre assim, por nome e sobrenome.

Altíssimo, barba longa e dura, cabelo marrom-avermelhado pessimamente cortado, ele tinha sardas por todo o corpo, mãos pequenas demais para o seu tamanho, voz de gato velho e óculos de graus com lentes escuras (o que deixou a mim e minhas amigas

encafifadas. Levamos uns dois meses tentando descobrir se ele era cego. Não era).

Com suas roupas e sapatos da década de 1960 e um perfume de gosto duvidoso, Paulino Domano era uma figura... exótica. E nada simpática. Paulino Domano não ria nunca. Mas além de não sorrir e de ter uma aparência bizarra ele tinha uma mania esquisita. As pausas de seu discurso não eram mudas. Elas tinham o peculiar som de "aaaammm".

Então, aaammm, as frases que ele dizia, aammm, ficavam assim, aaammm, um tanto, aaammm, cansativas, aaammm. Era, ammm, de matar, aaaamm, qualquer um. Aaammm.

Para piorar (sim, piora!), ele era monocórdio e explicava muito, muito mal.

Enquanto Paulino Domano falava e aaammzava, eu não piscava e nem tirava os olhos do meu caderno. Sentada ao lado da Duda e da Bárbara no fundão, estava na minha vez no revezamento. É

que a gente se revezava na função de contar, riscando palitinhos no caderno, o número de vezes que Paulino Domano dizia aaammm. Na semana anterior o professor batera o recorde dos recordes. Falara 272 aaammm em dois tempos, quase duas horas de aula. Foi sinistro!

Naquele dia, porém, fomos obrigadas a deixar nossa seriíssima contagem de lado. Precisávamos prestar atenção numa outra coisa, muito mais importante: o talento do Fernando, o artista da turma, para desenhar bundas. O menino era um génio do desenho e usava toda a sua genialidade para dar forma aos diversos tipos de traseiro que existem no mundo.

Fernando era absolutamente obcecado por bundas, só pensava nelas - o que levou a gente a chamá-lo de bundólatra. E ele era bom de bunda! Um craque. Não desenhava um tipo só de bunda, não! Ele mandava bem desenhando qualquer tipo. Bunda pelada, bunda vestida, bunda de calça, bunda vivida, bunda enrugada, bunda sofrida. Bunda flácida, bunda caída, bunda-pêra, bunda celulitosa, bunda famosa, bunda sarada, bunda empinada, bundinha, bundão. Todas.

A maioria dos alunos da sala já tinha até ganhado de presente um desenho da própria bunda. Naquele dia, Fernando se empenhava para desenhar o derrière do Paulino Domano.

de cara com os desenhos. Pior, resolveu pegar o caderno para vêlos de

perto. Sério, Paulino Domano ficou um bom tempo em silêncio, apenas observando aquela página lotada de bundas. De bundas suas, vale lembrar. Paulino Domano parecia bravo, muito bravo.

- Aaammm... aaammm... aaammm... aaammm... Foram suas primeiras palavras.

- Foi mal, Paulino... - desculpou-se Fernando, sem graça.

- O que é isso, Fernando Lucenaaammm?

Fiquei da minha carteira mandando pensamentos positivos para iluminar a resposta do meu amigo. "Fala qualquer coisa: diz que é

seu tio, seu avô, seu vizinho, seu amigo imaginário... só não diz a verdade!"

- Isso é o senhor.

- Nãããão! Tá maluco, Fernando?! - sussurrei para ele, irritada com a ineficácia de meus pensamentos positivos.

- Você devia ter dito "nádegas a declarar"! - murmurou Dan no seu outro ouvido.

- Espera aí! Você está dizendo que, aaammm, isso aqui, aaammm, sou eu?! - indignou-se Paulino Domano, a ira estampada nas narinas abertas.

Fernando não se abalou com as narinas e piorou a situação:

- É. E isso aqui é a su...

- Eu imagino o que seja isso, Fernando! - cortou o professor.

- Mas não tá pronta ainda. Tenho que retocar alguns detalhes... Agora Paulino Domano parecia mais intrigado que antes. Limpou os óculos com o lencinho que sempre trazia no bolso da calça e voltou a analisar o caderno com aquela cara sisuda que ele adorava fazer.

- Isso aqui sou eu, seu Fernando Lucena? O senhor, aaammm, tem certezaaammm? É isso o que o senhor fica fazendo enquanto eu estou lá na frente?

- É, sim, senhor! Desculpa...

Minuto de silêncio constrangedor, minuto de silêncio que antecede a

bronca. Pobre Fernando...

- Meus parabéns, rapaz! Você é um excelente desenhista! - surpreendeu geral Paulino Domano. - E se eu for mesmo feio assim visto de costas, está explicado por que eu ainda sou um solteirão encalhado - ele disse, antes de explodir numa gargalhada.

Verdade! Paulino Domano gargalhou. Foi a primeira vez que eu vi os dentes do Paulino Domano!

A turma toda gargalhou junto, depois do choque inicial. O

episódio gerou até uma reação inédita na galera: 100% dos alunos estavam interessados no que Paulino Domano tinha a dizer. Pela primeira vez a gente viu Paulino Domano sem a sisudez professoral que ele vestia antes de dar aula. Ele era normal!

Humano! Descontraído. Talvez agisse daquela forma quando estivesse entre amigos.

- Turma, aaammm, achei que eu só era feio vindo, mas sou feio indo também! Sou todo feio! De costas, aaammm, eu pareço um ET de fralda geriátrica! Que horror! Que desastre! É assim mesmo, turma? Vocês concordam com esse desenho, aaaammm, ou posso processar seu Fernando por calúnia? - disse, da frente da sala, mostrando o desenho do Fernando para a galera e rolando de rir. - A minha, aaammm, retaguarda, aaaammm, é, aaammm, aaammm, murcha desse jeito?

Ele ria com vontade, como talvez nunca tivesse rido antes na vida. Precisou tirar os óculos algumas vezes para limpar as lentes e enxugar as lágrimas que desciam alegres pelo rosto. Naquela manhã, o Fernando conseguiu o impossível. Levou alegria para aquela aula.

Mas não escapou de uma bronca. Nós não escapamos de uma bronca.

Paulino Domano, o professor bravo e esquisito que não ria, estava de volta:

- Fernando, aaammm, apesar de todo o seu notável talento para o desenho, aaammm, você precisa estudar. Você e esses outros cinco nunca prestam atenção em nada do que eu falo. Vocês não estão mais na escola, aaammm, não tem mais suspensão, nem coordenação. Agora cada um é dono do seu próprio nariz. Se vocês repetirem, vão ter que passar de novo pela minha matéria, aaaammm, que vocês visivelmente odeiam. Não seria melhor, e mais esperto, aaammm, se

vocês parassem de conversar?

Foi uma bronca, aaammm, mansinha. E muito bacana também. Ao fim da aula, Paulino Domano nos surpreendeu de novo.

- Fernando... você se importa que eu leve o desenho para casa?

Achei que o Fernando ia mandar um "Fala sério, professor!", mas em vez disso:

- Imagina, mestre. Vou me sentir honrado - concordou Fernando, abundantemente feliz.

E o professor saiu sorrindo da sala, admirado com sua retaguarda imortalizada no papel.

21 ANOS

O mito de Narciso

"Resolvi voltar para o teatro para lembrar meus tempos de adolescente, quando eu era tão feliz sobre o palco, quando fiz amizades duradouras, perdi medos e inibições e aprendi a me conhecer melhor. Escolhi um curso cujo tema era "O Mito de Narciso". Achei imponente e bem interessante a ideia de estudar Narciso, essa história sempre me interessou, um cara que se achava tão belo que se apaixonou pela própria figura. Instigante... Que mentira! Eu sempre adorei um espelho, por isso me interessei pelo curso!

Quando cheguei ao estúdio onde aconteceriam as aulas, em Botafogo, dei de cara com sete pessoas numa pequena sala escura. À frente de um monitor de tevê, Marly Modiano, atriz que fez algum sucesso nos anos 80, mostrava um vídeo que ela tinha feito com os alunos na última edição do curso. E foi ali que descobri que o curso não era de teatro, era de cinema. Não, não. Era uma proposta superinova-dora, super de vanguarda, supersúper: era teatro no cinema. Teatro suuuuperteatral no cinema!

Teatro quase mudo no cinema. É que os atores, maquiadíssimos e com roupas esquisitíssimas, não falavam em cena. Apenas gemiam, gritavam, arrastavam-se, gesticulavam e diziam coisas absolutamente ininteligíveis. Tudo bem exagerado, olhos, narinas e poros arregalados. Fiquei com medo.

- Vocês entenderam? - perguntou Marly ao fim do... hum... vá lá... filme.

Fiquei quieta para esperar o que diriam. Para mim, o... como dizer?... filme mostrava jovens de classe média lutando contra as drogas e outros vícios. Na verdade, todos pareciam realmente drogados em cena.

Como ninguém se atreveu a responder, a própria professora tentou explicar.

- Gente! - exclamou, indignada com o silêncio geral. - Esse filme é lindo, é visceral, é uterino, é intrínseco! E diz tanta coisa!

Novo silêncio.

- Eu arrisco dizer que é uma obra felliniana - deu seu parecer um aprendiz de ator experimental, com pinta de filósofo de botequim.

- Eu diria que é glauberiana... - opinou uma aprendiz de atriz experimental, com a mesma pinta.

Estava claro, o... filme não dizia cré com lê e todo mundo ali sabia disso.

- Eu tentei fazer uma coisa meio Lars von Trier, mas tudo bem disse Marly, um tanto desapontada. - O que eu quero saber é o que vocês entenderam do filme. Vamos lá, gente! A ideia básica, da submissão das mulheres através dos séculos, de sua relação com os homens, da vida da mulher como uma prisão, da camisinha como libertação feminina... vocês entenderam, não?

Não! Não!

Como assim a história se passava através dos séculos e eu nem suspeitei? E que papo era esse de submissão das mulheres em relação aos homens? Só tinha mulher no elenco! Oito mulheres! E

nenhuma parecia interpretar um homem!

- É um filme sobre o ser feminino, o eu interior e plasmático da mulher moderna, a visão uterina do papel feminino na sociedade, a queima dos sutiãs, o feminismo, o machismo, o budismo, o misticismo, o egocentrismo, o fascismo, todos os ismos em sua essência energética, em sua grande força terapêutica - empolgouse ela. Na minha cabeça, apenas:

Quê? Quê? Quê? Quê?!!!!

Marly continuou:

- Por isso, por todos esses ismos, que eu estou abrindo esse curso sobre narcisismo, para dar continuidade a esse filme. Ui! Mil vezes ui!

- Vocês perceberam a relação entre o filme e o mito de Narciso?

Não! Mil vezes não!

Nesse exato instante um sinal vermelho luminoso começou a berrar no meu cérebro: ROUBADA! ROUBADA FE-NO-MENAL! Professora doida. Professora doida que gosta de fazer experimentos! Experimentos pseudocinema, pseudoteatro, uma coisa superpseudocabeça. Foge! Foge enquanto é tempo! Sai daí

agora, Malu!, correndo!

Como sugeriu o lado são da minha cabeça, eu devia ter ido embora para sempre e nunca mais ter voltado lá, sei disso. Mas eu gosto de gente doida.

E de roubada.

Resolvi ficar e tentar aprender um pouco sobre narcisismo. Não podia ser tão ruim assim.

Foi péssimo. E eu não aprendi absolutamente NADA sobre narcisismo. Nada, nada, nada.

No primeiro dia de aula, exercício de aquecimento para

"encontrar o 'eu oculto' do personagem":

- Imaginem que vocês estão numa caixa. Numa caixa preta apertada e lotada de borracha. Borracha preta, borracha pegajosa. Agora afasta essa borracha com força, com vida, busca o personagem lá dentro, na tensão, na transpiração, na musculação, no umbigo, na borracha. Vamos, Malu! Sem vergonha de ficar ridícula! Ator não pode ter medo do ridículo!

Foi ali que descobri que não era atriz. Impossível não me achar ridícula na pele do personagem a que eu dava vida depois do aquecimento na borracha imaginária. Sua descrição no roteiro era assim: "Cigana manca e caolha que faz dança indiana enrolada em panos de chão para limpar de sua vida a inveja 'narcísica' de uma

amiga de infância, poeta, alcoólatra e narcisista. No fim, mata envenenado todo o elenco." Matava sem mais explicações ou motivo aparente, eu preciso acrescentar.

Ao ler o roteiro, fiquei sem palavras. Não consegui falar para a professora nem para ninguém que eu achava aquilo muito, muito deprimente. Ela era doida mas parecia ser tão do bem, tão gente boa... E levava aquilo tão a sério... fiquei com peninha dela e resolvi levar o curso a sério para ver no que dava. Além disso, todo mundo do curso era legal, as quatro pessoas (as outras duas saíram no meio). Eles eram malucos só atuando, socialmente eram absolutamente normais, era gostoso sair com eles depois das aulas.

Devo confessar que uma parte de mim achou tudo de bom ter finalmente uma coisa bizarra no meu currículo de menina certinha. Fiquei no curso e fiz cenas inacreditáveis. Nos aquecimentos, além da borracha imaginária, aprendi vários exercícios para "entrar no personagem". Fui induzida a me transportar mentalmente para a "casca de uma abóbora", a me arrastar pelo chão imundo como se fosse uma cobra, a incorporar um macaco epilético, a me vestir de banana-d'água e dançar cancã

com a roupa e, em posição fetal, a encenar para a turma o

"nascimento" do meu personagem, filha de índia boliviana com ex-escravo septuagenário.

- Agora cospe, Malu! Cospe com força, com vigor, cospe com ira nesse espelho que só reflete a imagem dessa mulher que você

tanto odeia! Briga com ele! Bate nele! Tira a roupa na frente dele, Malu, fica nua, Malu! Se rasga! Se entrega inteira Malu!

Se rasga?! Menos, por favor!

- Fala sério, Marly! Sem cuspe, sem ficar pelada e sem rasgação!

Eu já entrei no personagem há séculos! – cortei.

Uns meses depois me arrependi. Acho que teria sido divertido ficar pelada em cena. Já que estava na chuva, que me molhasse completamente. Mas amarelei em cima da hora por causa da minha mãe. Imaginou o que eu não ia ouvir se aparecesse peladona num filme experimental de quinta? Ela me deserdava! E

ainda morreria de desgosto. Consigo imaginar sua reação dramática:

- Onde foi que eu errei? Eu não precisava disso. A pornochanchada volta para moda e quem é a estrela? Quem é?

Dona Maria de Lourdes!

- Não é pornochanchada, é cinema de vanguarda. E na vida artística não sou Maria de Lourdes, sou Malu Fontenelle.

- Malu Fontenelle, veja você... apelido ridículo + sobrenome do pai! Que desgosto, Maria de Lourdes! Que desgosto!

Achei engraçado, mas preferi poupar meus ouvidos do puritano escândalo materno.

Ao fim do curso, que durou intermináveis seis meses, mostrei os torturantes 12 minutos de, vá lá... filme para os amigos mais íntimos, que aturaram bravamente mesmo sem entender xongas. Precisei explicar para eles o final. E o começo, o meio, o argumento e a mensagem, que para mim estava clara: teatro e cinema, agora, só na plateia. E olhe lá!

Ri do episódio e no mês seguinte me matriculei num curso bem mais normalzinho e divertido: acrobacia aérea. Mas achei muito cansativo. Depois de dois meses de aula desisti de vez da vida artística.

22 ANOS

A vida continua

É muito bom olhar para trás e me lembrar em detalhes de todas essas histórias. Bateu uma saudade dos meus mestres... Professores mexem na nossa vida, nos nossos conceitos, nos nossos medos, nas nossas inseguranças, nas nossas convicções, nas nossas emoções. E nos incentivam a formar opiniões, nos testam e nos deixam ansiosos, curiosos, muitas vezes revoltados, outras empolgados, interessados.

Professores são como família. Eu, pelo menos, vi mais meus professores do que muitos parentes ao longo da vida. O chato dessa relação é que depois de tanto tempo de convivência... cadê

eles? Cadê essa galera que fez parte de uma parte tão especial da nossa vida?

De vez em quando esbarro com um por aí. O André Maurício continua firme no propósito de ser o homem mais feio do mundo; o tempo parece não ter passado para a tia Lúcia; o Roberto, do teatro, virou ator famoso e premiado (tenho o maior orgulho dele); a Carlota apresenta um programa sobre literatura na TV

Universitária; a tia Mitzi se aposentou e agora dá aula de pintura em cerâmica para uma turma da terceira idade e o Gilbertinho, da academia, já olhou diferente para mim duas vezes, o que quer dizer que, apesar da bunda caída, ainda estou no páreo! U-hu!

Às vezes me pego pensando em como eu gostaria de dar um abraço nos meus professores. Alguns, infelizmente, eu jamais terei a possibilidade sequer de ver de novo, como o Gordo e o Ramalho, que já se foram. E eu nem pude dar tchau. Do alto dos meus 22 anos, eu já vivo dizendo por aí que morro de saudade dos tempos da escola. Achei que só fosse dizer isso com 90 anos (mentira, achei que nunca ia dizer isso), mas fazer o quê?

E olha que eu ainda estou na escola, porque faculdade é só um colégio metido a besta.

A vida continua. E o importante é saber que a convivência com cada um dos meus professores foi ótima enquanto durou. Mas que eu queria dar um beijo esmagado na bochecha de muitos, ah, isso eu queria! E depois do beijo eu abriria meu melhor sorriso e diria sinceramente, do fundo do coração, o que eu me arrependo amargamente de nunca ter dito:

- Muito obrigada. Por tudo.

FIM